



revista da

# AAAL

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Nº 33 dez. 2013 - ISSN 2236-9643

ANO ACADÊMICO CENTENÁRIO *Vinicius de Moraes*



— *Saudades do Brasil* [aquarela]. Otoni Mesquita, 2000 · Acervo do artista

**OTONI MESQUITA** nasceu em 1953, em uma fazenda, no Autaz-Mirim, veio para Manaus em 1955. Desenha desde a primeira infância e começou a expor a após o curso com Manoel Borges na Pinacoteca do Estado. Entre 1975 e 1980 participou de várias coletivas em Manaus. Em 1980 fez sua primeira exposição individual (*Fruturbano*) no hall do Teatro Amazonas. Entre 1980 e 1983 graduou-se em Gravura pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Otoni tem participado de várias exposições coletivas e individuais, sendo premiado em várias delas. Destacando-se *Panorama da Arte Brasileira - Arte sobre papel - MAM/SP*; *V Arte Pará* (prêmio aquisição), Belém/PA; *O Surrealismo no Brasil*, Pinacoteca do Estado de São Paulo; *Two rivers: many streams*, em El Paso, Texas/EUA; *Fragmentos, Bichos, Ritos e Personas* (retrospectiva de dez anos) no Centro de Artes Chaminé/Manaus, *Em busca do Eldorado* (exposição individual), na Galeria Moacir de Andrade, SESC, Manaus/AM.



— Mensagem cifrada [técnica mista]. Otoni Mesquita, 2008 · Acervo do artista



— Solimões [aquarela]. Otoni Mesquita, 1998 · Coleção particular



— Guardados em redoma [aquarela]. Otoni Mesquita, 2003 · Acervo do artista





revista da

# AAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS }



número 33

fundada em 1º de janeiro de 1918 • ano 95  
dezembro de 2013

**DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**  
**Biênio 2012/2013**

---

*Presidente* · ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

*Vice-Presidente* · ALMIR DINIZ DE CARVALHO

*Secretário-Geral* · ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

*Tesoureiro* · ABRAHIM SENA BAZE

*Tesoureiro-Adjunto* · MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

*Diretor de Patrimônio* · MOACIR COUTO DE ANDRADE

*Diretor de Promoções e Eventos* · CARMEN NOVOA SILVA

*Diretor de Edições* · MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

---

*Conselho Fiscal*

ROSA MENDONÇA DE BRITO

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

EULER ESTEVES RIBEIRO

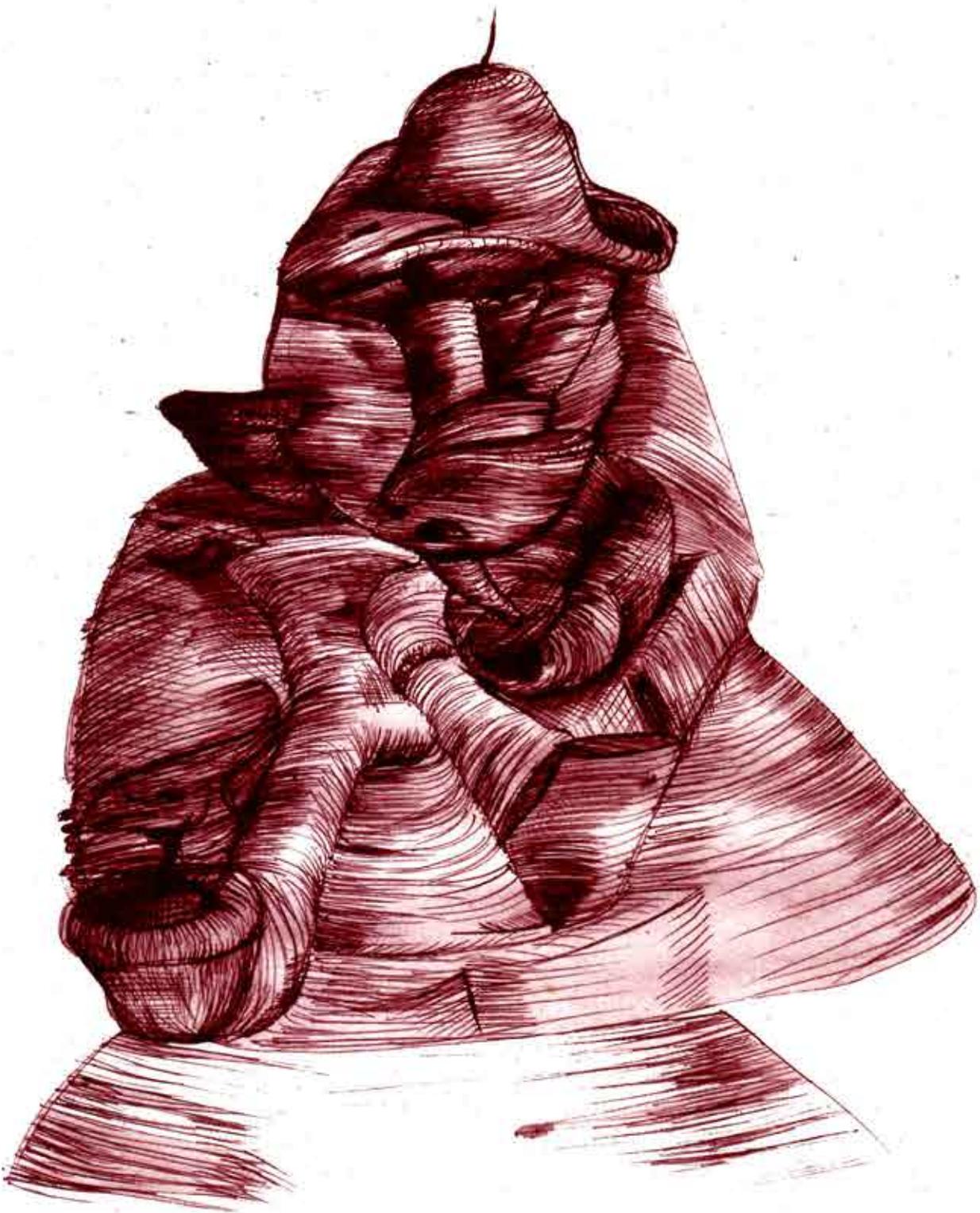
---

*Suplentes*

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAZÉ MOURÃO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS



COPYRIGHT © ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, 2013

---

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

*José Braga*

**COMISSÃO EDITORIAL**

*Marcus Barros · Jorge Tufic · Almir Diniz · Rosa Brito*

**DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE**

*Rômulo Nascimento*

• Capa: "Paramentos", 1992, de Otoni Mesquita – coleção particular

**REVISÃO**

*Sergio Luiz Pereira*

**JORNALISTA RESPONSÁVEL**

*Mazê Mourão {reg. profissional 16700/101/48}*

---

**REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS.**

Ano 95, nº 33 (dezembro de 2013). Manaus: Academia

Amazonense de Letras, 2013.

ISSN 2236-9643

214 p.

1. Literatura – 1. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

---

**AAL**

*Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil*

Av. Ramos Ferreira, 1.009

Centro. CEP: 69010 120

TEL/FAX: (92) 3234 0584

acadam@ig.com.br

Manaus  Amazonas

**5 QUADRO DE PATRONOS E ACADÊMICOS EFETIVOS DA  
Academia Amazonense de Letras**

• 1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
• 2	Euclides da Cunha	Moacir Couto de Andrade
• 3	Gonçalves Dias	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto
• 4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
• 5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
• 6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
• 7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
• 8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
• 9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
• 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
• 11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
• 12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
• 13	Estelita Tapajós	Abraham Sena Baze
• 14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
• 15	Graça Aranha	Almino Monteiro Álvares Affonso
• 16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
• 17	Francisco de Castro	José Geraldo Xavier dos Anjos
• 18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
• 19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
• 20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
• 21	Tenreiro Aranha	Márcia Perales Mendes Silva
• 22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
• 23	Cruz e Sousa	Júlio Antonio de Jorge Lopes
• 24	Joaquim Nabuco	Marilene Corrêa da Silva Freitas
• 25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
• 26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros
• 27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo
• 28	Aníbal Teófilo	Maria José Mazé Santiago Mourão

- 29 Castro Alves Amadeu Thiago de Mello
- 30 Araripe Júnior Armando Andrade de Menezes
- 31 Raimundo Monteiro Max Carpentier Luiz da Costa
- 32 Bernardo Ramos Renan Melo de Freitas Pinto
- 33 Antônio Brandão de Amorim Carmen Novoa Silva
- 34 Ermano Stradelli Antonio José Souto Loureiro
- 35 Dom Frederico Costa Arlindo Augusto dos Santos Porto
- 36 Inglês de Souza Dom Luiz Soares Vieira
- 37 Benjamin Lima Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
- 38 Barbosa Rodrigues William Antônio Rodrigues
- 39 Alfredo da Matta Mário Augusto Pinto de Moraes
- 40 Paulino de Brito Francisco Marques de Vasconcelos Filho

## — Sumário

— Nossa edição **11**

{*Academia de portas abertas*}

— A invenção do teatro das mulheres, SERGIO CARDOSO **15**

— Sergio Cardoso, temporal amazônico, LUIZ DE MIRANDA  
CORRÊA **26**

{*Fundadores*}

— Dorval Porto, *um político na Academia* **29**  
ROBÉRIO BRAGA

{*Oratória*}

POSSE DO ACADÊMICO *Júlio Lopes*

— Abertura **39**

— Discurso **41**

— Saudação **57**

POSSE DA ACADÊMICA *Márcia Perales*

— Abertura **60**

— Discurso **62**

— Saudação **73**

DIA NACIONAL DAS ACADEMIAS

— A palavra do presidente **84**

— Saudação **86**

HOMENAGEM MEREcida **89**

{*Alguma poesia*}

— Pátria minha, VINICIUS DE MORAES **93**

— Amazonas, JONAS DA SILVA **97**

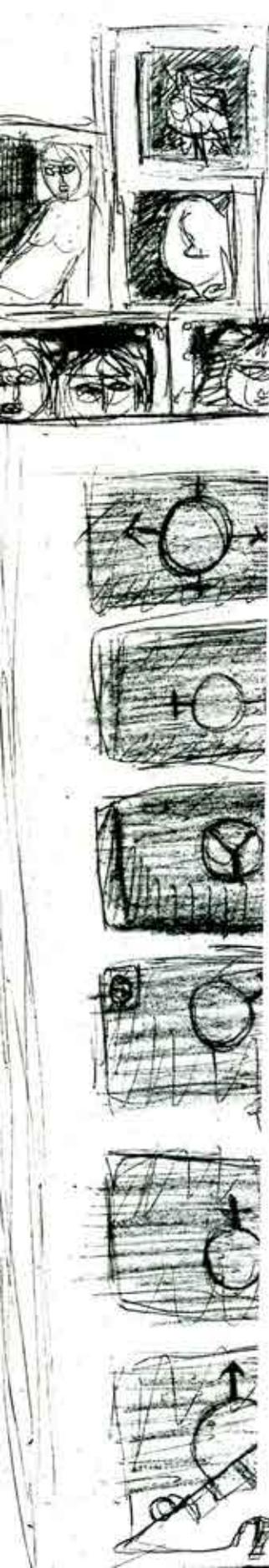
— Ajuricaba, LAFAYETTE VIEIRA **98**

— Natal em meu bairro, JORGE TUFIC **101**

— 55, ANTÍSTHENES PINTO **102**

— Lembrando Luiz Bacellar, FRANCISCO VASCONCELOS **104**

— Paixão por Manaus, ALÍCIA MORAIS **107**

- 
- Canções ao largo, EVANDRO DA SILVA LOBO **109**
  - Ponto de encontro, YANA LUMI FUJITA **112**

{Ensaíos}

- Jens Peter Jacobsen, o romancista dinamarquês elogiado por Rilke **115**  
NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

{Medalha Péricles Moraes}

2013

- Abertura **137**
- Agradecimento **139**
- Saudação **141**

{Portfólio}

- Outro lado do rio, LEYLA LEONG **157**

{Crônica}

- Um caboclo amazonense, ALMIR DINIZ **161**
- O tríplice Francisco, MAX CARPHENTIER **174**
- A justiça de Deus ou o jacaré de Monte Cristo, ANTONIO LOUREIRO **177**
- Terezinha Morango entra para a história do Amazonas, DEMOSTHENES CARMINÉ **179**
- Antes da Lei Áurea, ALMINO AFFONSO **181**
- Outro Francisco para os nossos dias, IRMÃ MARÍLIA MENEZES **184**

{Resenhas}

- O Retorno da Aura, JORGE TUFIC **189**
- Adrino Aragão: a grandeza do minimalismo na literatura, ZEMARIA PINTO **193**
- Palavras sobre o livro *Mulheres* de Almir Diniz, CARMEN NOVOA SILVA **200**
- O pensamento educacional de Araújo Lima, JOSÉ BRAGA **203**
- Algumas palavras sobre a poesia de Almir Diniz, SARAH RODRIGUES **208**

## — Nossa edição

ARLINDO PORTO, *presidente*

Encerro a minha administração como presidente da Academia Amazonense de Letras, biênio 2012/2013, entregando aos pares e ao público amante das letras mais um número da *Revista da Academia*, honrando o compromisso de manter a regularidade deste importante veículo de comunicação e difusão do pensamento acadêmico.

Feição gráfica esmerada, conteúdo rico e diversificado, a Revista contempla várias formas de expressão literária: oratória, poesia, crônica, crítica, ensaio. Vozes de ontem e de hoje integrantes e não integrantes desta Casa, o trabalho se completa com ilustrações da obra de Otoni Mesquita, artista plástico de sensibilidade incomum e técnica refinada.

Sergio Cardoso, festejado autor, diretor e produtor de teatro, é o personagem da seção “Academia de Portas Abertas”, ilustrando-a com um depoimento sobre a sua trajetória pessoal nesse secular e fascinante campo de manifestação cultural.

Havendo a Academia dedicado o ano de 2013 à memória do poeta e compositor Vinicius de Moraes para celebrar o seu centenário, a seção “Alguma Poesia” se inicia com a voz eterna do “poetinha” por meio de um de seus mais belos poemas.

Livro de muitos autores, enriquecem estas páginas: Alícia Moraes, Almino Afonso, Almir Diniz, Antisthenes Pinto, Antonio Loureiro, Arlindo Porto, Bernardo Cabral, Carmen Novoa, Demosthenes Carminé, Eduardo Lobo, Elson Farias, Francisco Vasconcelos, Jonas da Silva, Jorge Tufic, José Braga, Júlio Lopes, Lafayette Vieira, Leyla Leong, Lúcio Cavalcanti, Luiz de Miranda Corrêa, Márcia Perales, Marília Menezes, Newton Sabbá Guimarães, Renan Freitas Pinto, Roberio Braga, Rosa Brito, Sarah Rodrigues, Sergio Cardoso, Vinicius de Moraes, Yana Fujita, Zemaria Pinto.

- 12 Com estas palavras de apresentação da *Revista da Academia*, de-  
sejo saudar a todos que a enriqueceram com suas ideias e seus sabe-  
res, e ofertá-la como contributo desta Casa centenária a quantos se  
interessam pelo cultivo das letras e a boa leitura.

Que esta obra sirva aos seus nobres e elevados objetivos!



*Academia de* PORTAS ABERTAS

## — A invenção do teatro das mulheres<sup>1</sup>

SERGIO CARDOSO

A memória teatral de minha vida remonta o extinto e antigo Teatro Juvenil da Divina Providência, dos padres capuchinhos da Igreja de São Sebastião, ficava na avenida Ramos Ferreira, canto com a rua Tapajós, prédio nas imediações da casa de minha família. Bastava atravessar a rua e assistir as tardes alegres, as peças religiosas, as dolorosas paixões cristãs, os *shows* musicais, as projeções do cineclube da igreja, com seus filmes bem selecionados. Consta que devia ter mais ou menos seis anos de idade, quando escapei do controle de minha mãe e apareci na tarde da montagem do teatro mágico da sexta-feira da paixão, em pleno cenário da crucificação, tentando compreender as luzes, os efeitos dos raios e tempestades, a máquina da ressurreição, e principalmente os atores, com suas barbas coladas com goma arábica e seus trajes vistosos, e a significação operacional do urdimento cênico. As paredes do teatro eram decoradas com fotos das encenações desde quarenta e seis. A moldura da boca de cena tinha um escudeto no alto com as letras “tê” e “jota”. Uma linda cortina ondulada vermelho-magenta abria e fechava misteriosamente a cena de intensas emoções latinas. Um pequeno fosso para orquestra. Cadeiras dobráveis de madeira marca Cimo. Cabine de projeção. Portas laterais. Bilheteria. Três portas na frente e quatro em cada lado. Em cima ficava a escola de datilografia, bordados, costura e culinária. Também nas imediações, canto da rua Tapajós com a Monsenhor Coutinho, ficava o teatro do Luso Sporting Club, que em dezembro apresentava o auto de natal, a Pastoral do Luso, que marcou durante anos pela música animada, e a performance da sensual deusa da caça, Diana, que entrava em cena dançando um decotado maiô, de tecido estampado de pelo de onça, e um pequeno arco e flecha na mão, en-

<sup>1.</sup> Texto produzido especialmente para esta edição

16 toando o canto de apresentação, e ainda o sensacional “cão do luso”, que surgia através de um alçapão com enxofre e pólvora no meio do palco lusitano. O teatro marcou muito por esse espetáculo e pela encenação dos martírios do profeta judeu pelo Império Romano. Peças de Blochi, Bittencourt, Rodrigues e Brecht, além de todas as inesquecíveis novelas do rádio amazonense que influenciariam definitivamente as poéticas da criação de meu imaginário teatral, sem contar os filmes melodramáticos mexicanos, que deixaram meu coração para sempre nostálgico. O primeiro teatro que produzi ficava num dos cantos do porão da casa dos Benaion Cardoso. Um tablado de caixas, um pano de lona encardida, uma mala de papelão. O exercício cênico de narrar os filmes da semana e fazer cinema de caixa de papel, com desenhos colocados em rolos, que passavam pela pequena tela das caixas de sapato, de frutas. Meu sonho um dia era trabalhar no rádio. Ensaíava a minha voz, lendo textos no canto da parede. Criei a minha rádio cabeça, onde fazia as vozes das novelas, dos grandes locutores locais e cantava as canções da época com um estranho acompanhamento automusical. Tinha, assim, expresso, na infância, todo o resto de minha vida dentro de mim. Éramos simples, humildes, estudiosos e alegres com as pequeninas coisas. Quando faço silêncio, ouço as tramas que o tempo me conta. Sempre foi assim, e por essas e por todas escrevo histórias para serem apresentadas nos palcos de Manaus, a inspiradora da ficção surrealista, contadas na coletânea *O Livro do Teatro Urbano das Mulheres de Lazone*, cujas tramas passo a relatar. A alma e o coração quieto feminino, apaixonante, instigante e envolvente. A busca e o encontro que o teatro marcou para sempre. Passo a falar dessa pequena coleção de dez peças contemporâneas e ficcionais, do amor e vida pelo teatro amazonense.

O livro *Teatro Urbano das Mulheres de Lazone* reúne textos escritos especificamente para a encenação dramática teatral. Todos têm aspectos e situações em comum com a geopolítica da cidade imaginária de Lazone e pelo fato de que as personagens principais são todas mulheres sensíveis, determinadas e fortes, cujas ações nas respectivas histórias são plenas e intensas, contendo as humanidades mais características da alma feminina. A cidade de Lazone é o cenário e ambiente geral de todos os textos. A correlação de leituras e analo-



*A Herança Maldita de Mercedita De La Cruz.*

gias com Manaus será inevitável, apesar de todas as peculiaridades da urbe ficcional, que surgiu a partir de uma obra pictórica, que integrava a série “ManaósCompartmentis”, exposição de pinturas, exibida no Rio de Janeiro e em São Paulo, no ano de setenta e nove, novembro do século vinte, na Livraria NoaNoa, que ficava no Shopping Cassino Atlântico e posteriormente no Paço das Artes da paulistânia. A obra se chamava Morte no Teatro Lazone. Nascia, assim, a misteriosa urbe, sombria, antimaterial e reflexo mirático no meio do rio, sobre o platô impensável da geocênica amazonense, fundamental para toda a nostálgica, sobrenatural e melodramática dramaturgia. Com seus prédios antigos, palacetes esquecidos, áreas alagadas com moradias flutuantes e palafitas afaveladas, o teatro monumental em ruínas, ruas de pedras de água, pontes de ferro, o grande hotel abandonado, o centro das memórias destruídas. O sol vermelho aparece no céu violeta de vez em quando. Duas luas alternam-se minguando e crescendo em tempos separados. Sucessivas tempestades de areia anunciam as noites tenebrosas. A floresta que ainda resta avança contra os muros da parte memorial. Às vezes, neva no Natal dentro de seu único cinema, que exhibe sempre os mesmos filmes há mais de setenta anos. As torres das emissoras de rádio e televisão destacam-se na paisagem do cais do porto, onde segue atracado o Nep-

18 tune, navio inglês deixado após a Primeira Grande Guerra Mundial em dezoito. O aeroporto tem na pista iluminada um velho DC-3 do Loide Aéreo, várias fortalezas voadoras da Segunda Guerra Mundial e um Boeing abandonado. As estradas levam os personagens aos mesmos lugares na paisagem do tempo do sempre. Os velhos automóveis fantasmagóricos destacam-se na neblina do verão instável e úmido. Os primitivos habitantes e os sem-acesso a todas as formas integradas de vida seguem ao largo das lembranças de todas as nostalgias contemporâneas, vivendo em casebres em torno da cidade. As grandes praças do Relógio e da Igreja Matriz apresentam-se cercadas pelos comerciantes informais de acessórios eletrônicos cosmopolitas, proxenetas e assassinos, as escórias inexpressivas na economia desaparecida. Ouve-se música ambiente o tempo todo e em cada canto e lugar. A energia elétrica vai e vem, diminui e aumenta de intensidade entre os sucessivos apagões. Luzes celestes estranhas sobre a noite interestelar indicam a presença de naves extraterrestres na cidade. Todos os dias o povo assiste as coreografias aéreas dos visitantes do espaço em alta definição. Lazone é insular e fica entre as duas margens do rio das Sombras e o acesso se dá pela ponte de ferro sobre o rio. Nas noites de espetáculo do Cassino Teatro Lazone acende-se um projetor no céu chamando o público para as atrações. Sopram os ventos da noite, espalhando folhas secas e a areia das praias do rio das Sombras. Passam barcos-motores, navios iluminados e aeroplanos. Os radares e satélites interplanetários que, contudo, não conseguem registrar a urbe e seus trânsitos. Ninguém percebe a cidade no reflexo do espelho da eternidade. A chuva é verde o tempo todo.

As mulheres em Lazone são as personagens mais significativas e que realmente importam no universo ficcional, que representam a partir das almas fragmentadas e assim são:

— MUNDICA, A SAGA DA MULHER QUE TINHA  
UMA FILHA QUE VIRAVA COBRA

O ano de mil novecentos e cinquenta e três foi marcado pela grande enchente do rio das Sombras. Raimunda Fagundes de Leão Castanheiros vivia solitária na antiga mansão central de sua família,

oriunda da aristocracia esquecida e inexpressiva do período econômico da goma na alma, com sua secreta filha adolescente Anna que, quando assediada sexualmente, vira a cobra-grande, triturando seus desafortunados interessados. 19

Em Mundica tratei de erotismo, religiosidade, zooantropomorfismo, zoofilia, estagnação social, política e existencial, desastre ambiental urbano. Falei de solidão, abandono e outras falências existenciais e éticas na cidade que fica depois de depois do fim do mundo. Novelas de rádio, cinema, crimes e paixões.

#### —SABINE E O VAMPIRO DO TEATRO LAZONE

A história se passa em um tempo futuro não muito distante. A exploração final das intocadas e recém-descobertas galerias de esgotos seculares e subterrâneas de Lazione. Sob a inspiração de toda a literatura e filmografia existentes sobre os vampiros apresenta a transposição da lenda de vampiros para a cidade devastada por sucessivos ataques das forças da natureza. O último projeto de preservação cultural, artístico e arquitetônico: a divulgação para o mundo das misteriosas e labirínticas trilhas dos esgotos ingleses abandonados, sem uso e funcionamento desde a grande fuga de seus realizadores, postos a ferros e fúria na grande revolta de seus cidadãos, sem água e sem serviços. Nessa peça, desenvolvi as narrativas sobrenaturais consagradas incluindo o sentido da manifestação da secreta vingança da expulsa concessionária de serviços de águas e esgotos ingleses, a Lazione Improvements, que deixou para sempre escondido na galeria secreta que serve ao Teatro Lazione, o ataúde de prata do vampiro Vladimir Drago, posto para ser esquecido pela eternidade dos tempos. A prática da especulação sobre o patrimônio cultural urbano subterrâneo: os esgotos da erudição como o investimento final para o desenvolvimento econômico de Lazione, feito por um grupo familiar sombrio. Crimes e perseguições que se repetem do passado no presente. A redenção e a libertação do morto-vivo. O labirinto das paixões e dos jogos de poder. Caminhos sombrios da desesperança marcante do final do fastígio econômico da gosma ectoplásmica das árvores sem sentido final.

Apresenta os sinais de vida e perversidade na loucura fatal da última idade. Amanda Kirkland cata latas. Outrora senhora de militar graduado e atuante agente do período autoritário na história do Pahís Brasileiro, e vítima de tragédia familiar acontecida na segunda metade dos anos sessenta: a filha Sylvia não foi eleita Miss Pahís Brasileiro, mas ficou no Rio de Janeiro, onde conheceu o presidente de uma rede de televisão, tornando-se sua amante. Um dia apareceu morta no mar de Copacabana. Enlouquecidos, Amanda e o marido Anatólio, o inquisidor, rodaram a vida ladeira abaixo. Entregaram-se ao alcoolismo. Amanda matou o marido, misturando solvente na bebida, ao saber que ele perdera a casa e os bens no carteadado do Irreal Clube. Amanda na, miséria moral e financeira, seguiu rumo às distâncias sociais inimagináveis, culminando com a aparição final nas ruas como a criatura que cata e armazena metais, papéis e todo o lixo reciclável da cidade. Vestida de andrajos, a fantasmagórica visão da mulher sombria atravessa as ruas do centro antigo de Lazione com seu carro manual de coleta. Vive na antiga casa da família, transformada num grande depósito de materiais, que são vendidos à indústria do lixo. Distanciada da realidade, Amanda fica muito adoentada e delirante na espera da volta triunfal da quase Miss Pahís Brasileiro, Sylvia, sua filha, viva e morta na memória afetiva eternamente recorrente. Brittany, garota das ruas e representante social de Amanda, sofre com o abandono de seu amante coreano. As duas, contudo, disputam os mesmos homens: Zé Português, o comprador de sucatas, e Ataliba, o jovem marginal que serve aos desejos dessas duas mulheres. Paixão e mortes, apropriações indébitas das riquezas do lixo urbano. Desejos ardentes e crimes acidentais no obscuro depósito das sobras abandonadas de Lazione. Amanda Catalatas sobrevive ao momento de morte e delírio de miseráveis invisíveis e segue catando os cacos da memória perdida de todas as suas vidas.

No final do ano de 1919, alguns meses antes da reabertura do Cassino Teatro Lazione para comemorar o vintenário da morte de Leone Castomante, o pintor, na cidade de Lazione, após o fim da Primeira Guerra Mundial, oito anos após o início do fim do ciclo da goma que-não--colava-nada e depois da epidemia de gripe espanhola. A casa de Ambrozhya Fagundes de Leão, sede da Sociedade Lítero-Musical Leone Castomante. Falidos, sem rumo, sem seringais e sem importância, são os personagens de uma cidade esvaziada pela crise e pela morte da população ocasionada pela gripe espanhola. Vivem naquela casa o marido Gervásio, o filho Carlessônio Wolfgang, a filha Laura Amphibia e a cunhã Maria do Suplício dos Santos, a criada da casa. Ambrozhya sonha voltar a dirigir o Teatro Lazione, após vinte anos de total afastamento do templo da cultura amazonense. Ambrozhya lê no *Jornal do Pahís* de seis meses atrás que um quadro do pintor amazônico Leone Castomante alcançou a quantia de cem mil libras num leilão de Londres. Ambrozhya fica transtornada, pois vinte quadros do artista, que pintava araras, papagaios e passarinhos, estão guardados no porão de casa e nada que lhe comprove a posse das obras. O fantasma de Leone Castomante paira sobre a cidade em silêncio, enquanto sua única descendente é chamada para morrer na cidade: a enigmática Leona Castomante, a primeira grande estrela do cinema erótico brasileiro. O anjo exterminador da família de Ambrozhya e de suas obras.

— CHRISÁLYDA LAPELLA, CARUSO JAMAIS CANTOU AQUI

O texto que propõe o espetáculo como ferramenta de apreciação crítica sobre a alienação cultural, apresentando reflexões sobre as situações canhestras e por demais repetitivas nas políticas públicas para a cultura artística contemporânea no Pahís Brasileiro, numa comunidade de criativos e pensadores voltados para imersões em tradições culturais imaginárias, no brilho manifesto do neoclassicismo do século dezenove em pleno vinte e um na cidade de Lazione. A personagem Crhisályda Lapella afirma junto ao público: “Caruso jamais

- 22 cantou aqui, mas o seu bisneto, o cantor ítalo-americano de música country cantará na noite do renascimento do Cassino Teatro Lazone”. Enquanto isso, um grupo de atores tenta conseguir espaço de apresentação para o espetáculo “Edward Ribeiro: a última manhã” e não consegue sequer a estreia. É esse o principal argumento dessa comédia sobre a imponderabilidade de arte expressada no palco do nada em Lazone, a cidade no meio do rio das Sombras.

— A HERANÇA MALDITA DE MERCEDITA DE LA CRUZ

A ação se passa nos últimos dias do período das festas natalinas do ano de 1949, na Casa das Noivas, reduto da alta-costura e moda contemporânea na cidade de Lazone, de propriedade de Mercedita de La Cruz, dama especialista em vestidos de noivas surrealistas e em preparação das nubentes para a noite de prazer e sonhos proibidos. O silêncio da cidade esquecida no meio da selva ardente, o ruído dos motores dos barcos no meio do rio das Sombras, e dos aviões, que chegam e partem do aeroporto. Cinemas poeira e melodramas. Nenhum outro ruído. A dor de todo o abandono. O poder sem sentido dos políticos decadentes, discípulos de Getúlio Vargas. O mormaço e as chuvas de dezembro do ano de 1949. Essa é uma história sobre a solidão e o abandono das pessoas da cidade de Lazone após a Segunda Guerra Mundial. Ágatha Turmaline, a filha e costureira da casa, e Jéssica Kristely, a enigmática neta e encarregada da venda dos vestidos e da organização dos eventos nas igrejas. Mãe e filha sonham em partir para o Rio de Janeiro, deixando Mercedita num asilo para morrer. Sonham com a Capital Federal e em conhecer Getúlio Vargas, montar um novo ateliê de costura, cantar na Rádio Nacional, dançar no Cassino da Urca, e morar em Copacabana. Acontece, porém, que Mercedita recebe uma herança de sua tia Yayá Thuré e para ter direito a todos os bens, a neta Jéssica terá de casar com Maurício Esteban, o neto da falecida. Ágatha Turmaline sabe, contudo, de um segredo terrível: os futuros noivos são irmãos por parte de pai. A necessidade do êxodo para a Capital Federal como forma de prosperar e existir diante do mar. O fim da memória de uma cidade vazia e sem esperança em 1949.

As manifestações do povo da natureza interior da floresta sempre foram sobrenaturais no confronto direto com as difusas energias urbanas de Lazone. A saga da caboclinha Salomeh e seu amado apanhador de tartarugas, Zé Piranha, em praias da desova. A explosão de uma nave espacial extraterrestre numa noite de captura de quelônios na lua cheia. A vinda dos fugitivos amantes para Lazone, cada um num barco diferente do destino. A aventura dos desencontros com personalidades do mundo político e social e daqueles que estavam presentes na noite em que foram atacados pela polícia ecológica, capitaneada pelo deputado Cajueiro e sua mítica esposa Jacitara. Em Lazone ele se transforma no capanga do político corrupto Cajueiro e ela a cunhã-empregada e amante da criatura rastejante, seguidamente escolhida pelo povo, para representá-lo no parlamento. Encontraram-se os amantes no charco do crime e da corrupção. Unem-se para viverem no luxo, na degradação do amor e da esperança. Apanhadas na rede das devassas políticas, servem num jantar de influência uma tartarugada para todas as castas e todos os poderes sociais. Todos morreram misteriosamente graças às providenciais tartarugas radioativas servidas no repasto noturno social de Lazone.

—CARMEM DE LAZONE, A LENDA URBANA

Um salto no tempo. Cidade de Lazone. Fim do século vinte. Carmem é personagem desimportante das ruas. Vive de coletar e separar lixo, sempre acompanhada por seu companheiro, que acredita ser um anjo guardião: Crystal Palace. Entrecortada por lembranças passadistas, autovitimização, momentos de consciência, rebeldia, liberdade e iluminação. Carmem fez todos acreditarem em sua aparente loucura: o público urbano em geral. Carmem teria vivido a vida inteira a expressar-se por meio de um comportamento distanciado dos parâmetros da normalidade consagrada comum. De onde vem aquela figura frágil e poderosa, sempre a afrontar o sistema e a manter-se fora dele? Quais os mistérios de Carmem? Sua trajetória em cin-

24. quenta anos de transformações na cidade de Lazione. A lenda urbana de uma mulher quase invisível e totalmente integrada ao drama coletivo dos habitantes anônimos. Carmem projeta autorrealidades. Grita a dor da solidão e abandono, e ninguém liga. A história de Carmem na cidade que a ignorou sempre. A desnecessidade da paixão e martírio pelas ruas sujas, marquises, praças. A fúria das criaturas invisíveis na noite. Os dois sóis cravados no céu de Lazione. A louca, que não era tão louca assim, não se inspirou em nenhum personagem do mundo real. Ela é o somatório da existência de várias mulheres contemporâneas amazonenses do século vinte.

— GILDA, O ROMANCE DA MOÇA MORTA  
NA CIDADE FLUTUANTE

Gilda é uma jovem de origens humildes, que se envolveu desde muito cedo com o baixo mundo da cidade. Filha de Alice, modesta e eventualmente também do mesmo ramo, e de Atobaldo, coveiro, transformista, cantor e dublador de cantoras em boates do subúrbio. A família vive na chamada cidade flutuante, aglomeração de casas de madeira construídas sobre toras de árvores sobre as águas urbanas dos braços dos igarapés. A vida das personagens gira em torno da casa noturna "La Preciosa", de Lopevega, que vive de negócios escusos, é amante e gigolô de Gilda; sua mulher Conchita também envolvida amorosamente com a jovem, e de Hector, o namorado, cantor e membro da quadrilha. Gilda deseja mudar de vida fugindo com Hector para outro país. Acontece que o mundo que os rodeia trama contra seus sonhos. Gilda também sonha em ser cantora de rádio e gravar discos, sair do casebre construído sobre águas fétidas. Livrar-se para sempre da atmosfera formada por odores e restos humanos, labirintos e caminhos estreitos. Gilda conseguirá libertar-se?

— DOROTHY GARLAND

Trata-se de uma história que descorre sobre alienação existencial de uma jovem indígena no final dos anos sessenta, do século vinte, e todo o seguimento de suas outras vidas possíveis na cidade de La-

zone até os dias atuais. Uma das últimas tribos indígenas do alto rio 25  
das Sombras é vítima do processo de dominação assistencial reli-  
giosa e cultural, por meio da intensa exibição do filme *O mágico de  
Oz*. A índia Yandhira assistira a obra de Judy Garland mais de mil  
vezes junto com sua tribo, que incorporou aos cânticos de guerra fra-  
ses musicais e poéticas da música tema da obra cinematográfica.  
Yandhira foi trocada, pelo missionário de plantão, por pedras pre-  
ciosas. O barco que a levava explodiu inexplicavelmente em frente à  
cidade. A bela indígena escapou abraçada a um baú, que mais tarde  
descobriria cheio de dólares e revistas de cinema. Escapando da ine-  
vitável perseguição, trocou o nome nativo para Dorothy Garland, ho-  
menageando a personagem do filme e a estrela de sua vida, passando  
a viver fugindo de seus perseguidores, sem poder usar o dinheiro do  
acaso e vivendo na mais profunda miséria, como curandeira dos  
males urbanos dos destribalizados.

O teatro das mulheres para muitas peças, além das cenas experi-  
mentais, propostas de encenação com locais e histórias com linques  
universais. O passado memorial e o futuro do futuro, como meto-  
dologia das arquiteturas das tramas presentíficas. A ficção é possí-  
vel no límbico mundo manauara, pela correlação de personagens  
neomíticos e o mundo objetivo por mais tacanho que se manifeste  
ao espectador. Palavras, sentimentos, corpos e a alma feminina. Não  
existe uma que pareça com a outra. Irreverências à parte, contras-  
sensos gerais, sexualidades intensas, o poder da magia do querer que  
seja assim, pura feitiçaria. Cenas com diálogos e ações físicas inten-  
sas no véu do tempo, e as paredes invisíveis da cidade no suporte dos  
desfechos das ideias em linguagens refinadas, poéticas e corrosivas.  
O passado é logo aqui perto, bem em frente do futuro. Posso elaborá-  
lo como estivesse diante do leito de morte de meu avô paterno.

O autor em mim propõe experiências e leituras além do que se  
constitui como material a ser encenado. Essa coletânea apresenta dez  
peças onde o compromisso com a originalidade tem sido uma obses-  
são de meus trabalhos artísticos, voltados, também, nas artes visuais,  
e para as contemporaneidades de cada momento, onde as mulheres  
são determinadas e questionam suas vidas e agem a favor de seus ob-  
jetivos. O poder e o amor no tempo do sempre são o mistério.

## — Sergio Cardoso, um temporal amazônico

LUIZ DE MIRANDA CORRÊA

Vai tardar a nascer, se é que nasce, um turbilhão amazonense igual ou feito na mesma forma, que o Sérgio. Nasce, nasceria ou nascerá, deixo a pergunta para García Lorca responder. Federico, o Lorca, teatrólogo e agitador cultural na Espanha do século 20, teria facilidades para compreender o intelectual da floresta. Talvez, quem sabe deveria recorrer ao francês Jean Cocteau, o multimídia que, durante a primeira metade do século 20, comandou o panorama cultural de Paris? Ou quem sabe Federico Felini seria o gênio que nos explicaria o teatro das mulheres.

Feline, o cineasta das mil e uma musas inspiradoras? Felini da eterna e insuperável Gelsomina. Sérgio tem “Lazone”. Feline domina a cidade eterna de Roma.

Ainda morando no Rio, conheci Sérgio numa de minhas sucessivas viagens a Manaus. Se bem me lembro, fui levado por Natasha Andrade. Para conhecer o artista e seus quadros, fui até uma galeria que funcionava no térreo da Academia de Letras.

Foi uma surpresa muito agradável. Sérgio Cardoso seguia o ritual de modernidade da Europa e Estados Unidos. Deparei-me com um artista pronto e com muito talento. Mais tarde tive a oportunidade de acompanhar outras mostras do pintor na galeria do Icebeu, tendo sorte de verificar que estava correto quanto ao seu talento.

Mas Sérgio tinha muito mais a oferecer ao seu burgo natal. Se dera certo no campo das artes plásticas e do teatro, e iria agora tentar a administração da cultura oficial. Ainda muito jovem dirigiu um teatro experimental aonde permite o exercício do escrever, produzir

e dirigir essa milenar arte grega com patrocínio do Estado. Mas não 27  
para aí. Ao poucos vai galgando todos os cargos importantes na hierarquia cultural da Administração Pública. De membro do Conselho Estadual de Cultura a secretário de Estado. Um tipo legionário, que, quando convocado, responde presente.



FUNDADORES

## — Dorval Porto

UM POLÍTICO NA ACADEMIA



Não foi como intelectual que Dorval Pires Porto se tornou notado na vida social e pública de Manaus. A política contagiou o gaúcho que serviu ao Amazonas em diversos cargos para os quais foi escolhido pelo voto direto, mesmo nos tempos das famosas eleições “a bico de pena”, das falcatruas

das atas remendadas ou encomendadas aos coronéis da política partidária, ao tempo em que todos os eleitos eram submetidos à Comissão de Poderes do Poder Legislativo, que degolava os indesejáveis pelo governo federal e friamente cassava a vontade das urnas.

Engenheiro, jornalista e político. Formado na Escola de Engenharia de Porto Alegre, foi um dos que atuaram como demarcadores de terras pelo interior do Amazonas, nos primeiros anos do século 20, desenvolvendo uma atividade lucrativa e de formação de relações com os senhores dos seringais e castanhais. Ingressando na política, filiou-se inicialmente ao grupo do senador Jonathas Pedrosa, sendo por ele conduzido a vários cargos eletivos, sempre fiel às lideranças federais. Depois integrou o grupo de Ephigênio de Salles e esteve vinculado à Igreja Católica, especialmente ao prelado dom Irineu Joffily.

Depois de ter sido deputado estadual e sendo Jonathas Pedrosa governador do Estado, Dorval foi eleito prefeito municipal de Manaus em 20 de março de 1914. Foi uma disputa entre forças vigorosas da época, especialmente contra o coronel Ramalho Júnior, e Joaquim Francisco de Paula. Marco original do início de sua administração foi que, diante das dificuldades financeiras do erário municipal, doou vinte por cento dos seus salários para a prefeitura. Exerceu inteiramente o mandato até 31 de dezembro de 1916.

Um dos graves problemas que enfrentou na administração foi em relação à saúde pública, especialmente agravada com epidemia de impaludismo, notadamente nos arrabaldes como Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado. O quadro era grave e triste. Indigentes e enfermos, da capital e do interior, sofridos com doenças e febres constituíam pelas ruas um cenário de quase guerra. Em relatório ele explicava a situação sanitária: “Sadia, outrora, consoante depõem os entendidos, Manaus, por causas várias, controvertidas pelos higienistas, perdeu, com a predominância endêmica do paludismo, o direito àquela qualificação”.<sup>2</sup> Não eram menores os problemas econômico-financeiros do município, nem os da educação, como gravíssimos os relativos ao mercado e matadouro que o obrigaram a uma luta gigantesca contra a empresa inglesa que dominava tais atividades, o que se comprova no seu último relatório.<sup>3</sup>

Em oposição a seu governo estava o *Jornal Imparcial*. As maiores reclamações eram dos comerciários para os quais Dorval teria prometido mundos e fundos, encerrando o governo sem cumprir as promessas, o que lhe valeu o cognome de “o algoz do caixeiro amazonense”.<sup>3</sup> Segundo a imprensa da capital federal, “coube-lhe a administração na crise asfixiante da borracha, e, entretanto, a sua diretriz foi tão segura, foi tal o critério das medidas por ele decretadas que hoje a cidade, ainda mais aformoseada, saiu do seu marasmo habitual (...) dividindo-se entre a labuta quotidiana e o gozo dos prazeres criados pela civilização”.<sup>4</sup> Era uma cidade de quarenta mil habitantes.

Depois foi eleito e reeleito deputado federal pelo Amazonas, desde 1º de março de 1918, quando foi o mais votado com 2.251 votos, seguido de Ephigênio Salles, com 1.914 votos,<sup>5</sup> sofrendo impugnação violenta de Agapito Pereira. Tal impugnação foi examinada pela Comissão de Poderes da Câmara em fins de abril de 1918, a cuja sessão ele compareceu e fez sua defesa. Curioso notar que, pouco depois, em maio de 1919, quando do falecimento de Agapito, Dorval pronunciou longo discurso em sua homenagem, ressaltando a personalidade do político e do homem público.

No ano seguinte ganhava destaque na Câmara secretariando várias sessões e integrando comissões importantes: de Marinha e Guerra,

1. AMAZONAS. Relatório apresentado à Intendência Municipal de Manaus, pelo superintendente Dorval Pires Porto em sessão ordinária de 5 de setembro de 1914, Mandós: Typ. Renaud, 1915, p. 13.

2. AMAZONAS Introdução ao Relatório apresentado à Intendência Municipal de Mandós, pelo superintendente Dorval Pires Porto em sessão ordinária de 14 de julho de 1916. Mandós: Typ. Renaud, 1916.

3. IMPARCIAL, Manaus, 28 de fevereiro de 1918.

4. O PAIZ, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1914.

5. A CAPITAL, Manaus, 31 de março de 1918.

Legislação Social e Revisão do Código do Trabalho, importante marco de regência das relações de trabalho no Brasil antes da legislação fixada por Getúlio Vargas. Sua atuação foi destacada. Defendia a entrada da borracha brasileira no mercado norte-americano, a construção da estrada de ferro Manaus-Boa Vista, a estrada de rodagem Camanáos-São Gabriel da Cachoeira, o Lloyd Brasileiro contra seu possível arrendamento. Esteve filiado ao grupo de Pinheiro Machado, e foi defensor de rigorosa apuração da sua morte, enfrentando o governo federal na apuração dos fatos. Em 1919 defendeu a candidatura de Epitácio Pessoa contra a de Rui Barbosa, candidatura que conseguiu reunir a maioria das forças políticas amazonenses.

Em 1921 foi novamente candidato avulso à Câmara Federal porfiando com o grupo de Silvério Nery, com os governistas de Rego Monteiro, a União Republicana e o Partido Republicano Liberal, conseguindo se reeleger. Naquele mandato defendeu uma política nacional para a borracha da Amazônia, inclusive demonstrando os investimentos da Inglaterra no setor,<sup>6</sup> e foi o autor do projeto de lei que igualou as taxas telegráfica e radiotelegráfica, matéria que se constituía em grave problema para a economia do Amazonas que dependia do cabo subfluvial de telégrafo com o Pará.

Para demonstrar o trabalho político, enfeixou em volume especial seus discursos sobre a Intervenção Federal no Amazonas, sendo contrário à ideia de intervenção como solução para os problemas econômicos. Na ocasião enfrentou o ministro do Interior, Carlos Maximiliano, que defendia a Intervenção Federal, enquanto ele desejava um empréstimo pelo Estado para fazer frente aos compromissos existentes. Sua postura o impôs como líder da bancada federal amazonense em várias ocasiões,<sup>7</sup> inclusive para acompanhar as tratativas do projeto de imigração de japoneses para o Estado junto a Companhia Kai-gai Kogio Kobashiki Kaisk.

Tempos depois, integrava o Partido Republicano do Amazonas, formando grande cadeia de união entre as correntes políticas integradas por Silvério Nery, Aristides Rocha, Monteiro de Souza, Efigênio Salles, Guerreiro Antony, Joaquim Tanajura, Caio Valladares, José Francisco de Araújo Lima, dentre outros.

6. O PAIZ, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1921.

7. Na eleição de 1918 estavam com ele na Câmara Federal os deputados Efigênio Salles, Antônio Nogueira e Monteiro de Souza.

Desde o primeiro mandato de deputado federal, em 3 de maio de 1918 até 31 de dezembro de 1929, permaneceu na Câmara quando se afastou para o exercício do cargo de governador do Amazonas para o qual foi eleito na sucessão harmoniosa de Ephigênio Ferreira de Salles.<sup>8</sup> Desde a convenção partidária, tudo correu com a maior normalidade e harmonia, diverso de anos anteriores. Era ainda o reflexo do acordo político de 12 de março de 1925, uma espécie de apaziguamento das forças políticas no Amazonas, comandado pelo interventor Alfredo Sá.<sup>9</sup> Seu nome já havia sido ventilado para governador na sucessão de Pedro Bacellar, em 1920.<sup>10</sup> Ocasão em que, mesmo contra a vontade de todos, Rego Monteiro foi eleito com apoio do governador.

Em 1929 foi eleito governador sem concorrente, mas não conseguiu completar o primeiro ano de mandato, sendo deposto pela Revolução de 1930. Verdade que o Amazonas dera maioria de votos aos candidatos governistas federais nas eleições de 1º de março, quando saiu vencedor o Dr. Júlio Prestes para presidente da República, e, portanto, conforme a tradição de Dorval Porto era àquele líder que se manteria fiel.

Habilidoso, havia mantido a maioria dos auxiliares de Ephigênio confirmando o discurso de posse quando afirmou que manteria as alianças, o que indicava um governo com tranquilidade interna. Foi boa a aceitação da equipe de trabalho e a solenidade de posse,<sup>11</sup> ocasião em que inaugurou uma conduta: submeteu o nome dos auxiliares à aprovação da Assembleia, merecendo alongado artigo de Benjamin Lima que cuidou de registrar boas razões para acreditar naquele governo.<sup>12</sup> Estaria ali também a convivência acadêmica?

As suas relações políticas e sociais eram boas. O cargo influía, é bem verdade, mas Dorval Porto havia tido sempre boa convivência com políticos, comerciantes, estudantes, corpo consular. Em 17 de janeiro de 1930, foi agraciado com o título de Honorário da Sociedade Beneficente Portuguesa, o que tinha grande representatividade pela influência da colônia portuguesa. No campo partidário, mantinha a organização que o elegera, inclusive na formação das chapas para as eleições, incluindo Ephigênio para o Senado, Monteiro de Souza, Jorge Moraes, Araújo Lima e Adalberto Pedreira para a Câ-

8. Curioso notar que pouco antes do seu governo, mas quando detinha poder e influência política, em abril de 1928, o vereador de Manaus, João Severiano de Souza, aprovou lei municipal modificando a denominação da rua da Instalação para rua Dorval Porto, que só teve vigência até novembro de 1930 porque o novo prefeito, cumprindo a orientação da revolução getulista, restabeleceu as denominações antigas das ruas.

9. O PAIZ, Rio de Janeiro, 29 e 30 de julho de 1929.

10. Quando ficou em confronto com Silvério Nery, Rego Monteiro, Lopes Gonçalves, Monteiro de Souza, Ephigênio Salles, Antônio Nogueira, e mais de quinze outros que surgiam na imprensa.

11. O PAIZ, Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1930.

12. LIMA, Benjamin. Reservas do Amazonas. O PAIZ, Rio de Janeiro, 6 e 7 de janeiro de 1930.

mara Federal. Também conseguia manter bom relacionamento com a Associação Comercial. Afinado com o governo federal, como de costume, em banquete realizado no Ideal Club para homenagear Aristides Rocha, o governador Dorval Porto levantou um brinde especial ao presidente Washington Luís,<sup>13</sup> enquanto a campanha getulista crescia no Sul e Sudeste contra Júlio Prestes, o candidato do governo.

33

13. *O PAIZ*, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1930.

Seu governo era de rigidez nas despesas. Mandava pagar em dia os compromissos do Estado. Reduziu as despesas com a iluminação pública,<sup>14</sup> e em cinquenta por cento o consumo nas repartições estaduais. Baixou as taxas sobre gêneros produzidos em terras devolutas. Negou aumento no preço dos bilhetes de bondes e tarifa de energia elétrica. Praticava a boa política, inclusive em casos pontuais, como na substituição por morte da diretora da Escola Saldanha Marinho mandando promover a professora mais antiga do interior, ou doando para a Biblioteca Pública obra rara, ilustrada e avaliada em 30 mil francos, recebida do Dr. Fernando Correia Mendes, concessionário do mercado de Manaus.<sup>15</sup> Tais medidas lhe davam popularidade, sendo aplaudido em praça pública e eventos, como sucedeu no cine Polytheama, quando compareceu para assistir filme sobre Cândido Rondon no interior da Amazônia.

14. *O PAIZ*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1930.

15. *O PAIZ*, Rio de Janeiro, 10 e 11 de fevereiro de 1930.

Até os adversários ressaltavam a confiança no governador. Ribeiro Júnior, cuja candidatura não tinha o seu apoio, o elogiava no jornal *A voz do Povo* no qual sustentava sua campanha e a de Júlio Prestes à Presidência da República. Os “aliancistas”, em visita a Manaus para pregar a campanha presidencial de Vargas, ressaltaram a liberdade política que reinava na capital amazonense.

As eleições federais foram a 1º de março de 1930. Os resultados no Amazonas foram grandemente favoráveis ao governo federal, e, conforme a proclamação oficial, foram 10.107 votos para Júlio Prestes e 230 para Getúlio Vargas.<sup>16</sup> Poucos dias após as eleições, diante da crise econômica, Dorval mandou dispensar funcionários extranumerários, pagando as parcelas atrasadas de quase um ano. Anunciou a redução de despesas com uso de lanchas, automóveis e representações.<sup>17</sup> Reduziu o número de fiscais de rendas e os impostos sobre edificações urbanas. Exonerou vários prefeitos do interior. Dias depois es-

16. *O PAIZ*, Rio de Janeiro, 19 de março de 1930.

17. *O PAIZ*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1930.

34 tava em banquete presidido por Silvério Nery no aniversário do Partido Republicano do Amazonas.

Em junho de 1930, o Congresso Nacional reconheceu a eleição de Júlio Prestes, abrindo caminho para reações dos varguistas que cresceriam no mês seguinte com a morte de João Pessoa. Dorval mantinha o controle da situação e conseguia transitar com desenvoltura por entre as várias correntes políticas locais. Sempre participava de eventos sociais e artísticos, mantendo relações agradáveis e até populistas, do que é exemplo seu comparecimento ao embarque da miss Amazonas, Joia Granjeiro, para o Sul do país. Ao mesmo tempo destacava recursos para a saúde e educação, atualizava os salários dos funcionários e colocava os documentos contábeis do Estado à disposição dos políticos e de qualquer pessoa que desejasse verificar as despesas do governo. Foi quando autorizou a concessão de terras amazonenses a três empresas norte-americanas interessadas em explorar o solo e subsolo em busca de minérios: carvão e petróleo. Seria esta uma reação à crise econômica do Estado?

No seu curto governo, de 1º de janeiro a 24 de outubro de 1930, enfrentou a revolução ginasiana que ganhou importância pela adesão de professores ao movimento dos alunos do Ginásio Amazonense Pedro II, e pela reação inapropriada do governador que mandou dispor armamento militar em frente ao colégio. Era o que os estudantes esperavam para deflagrar uma ação enérgica contra o governo. No dia 12 de agosto de 1930 anunciaram o enterro do chefe de Polícia, Dr. Martins Palhano, dando motivo para que as polícias Militar e Civil atacassem o estabelecimento provocando a ira e a defesa estudantil, inclusive com participação dos integrantes da Escola de Instrução Militar 184, gerando tiroteio que envolveu a intervenção do tenente do Exército Plínio Abreu e do professor Álvaro Maia, este muito bem relacionado com os alunos.<sup>18</sup>

Palhano vinha agindo com rigor contra o funcionamento de bares e casas de jogos, especialmente baralho e dominó, fechando mercearias e bares que funcionassem fora do horário autorizado, mobilizando cinquenta e cinco guardas e quatro patrulhas de cavalaria com os quais praticamente dominava o centro da cidade. Jornais do Sul do país tratavam o movimento como “distúrbios de estudantes”.<sup>19</sup>

18. A esse respeito há importante trabalho do professor e acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, participe e um dos principais líderes do movimento.

19. O PAIZ, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1930.

O caixão do chefe de Polícia foi destruído pela Polícia Civil que invadiu o colégio, o diretor pediu exoneração, os estudantes fizeram comício pela morte de João Pessoa, e, com tudo isso, provocaram um grande reboliço, mas Dorval Porto informava aos deputados federais que a cidade estava calma.<sup>20</sup>

20. *Idem, idem*

A revolução trinfou. Os estudantes se consideraram igualmente vitoriosos e Dorval foi deposto pela Junta Governativa integrada pelo coronel Pedro Henrique Cordeiro Júnior, José Alves de Sousa Brasil e Francisco Pereira da Silva.

Mesmo tendo sido envolvido intensamente em atividades políticas, não abandonou por inteiro a condição de engenheiro, nem as relações profissionais, sendo bem considerado entre os colegas e integrando o Clube de Engenharia, em Manaus, com sede na Universidade Livre de Manáos, certo tempo sob a presidência de João de Araújo Amora.

Contavam alguns contemporâneos que tinha valor como orador e político. Que exercia influência considerável na administração estadual e municipal. Que mantinha posição marcante na vida social. Estas e outras razões podem justificar o fato de ter sido convidado a integrar o grupo de fundação da Academia Amazonense de Letras em 1918. Verdade igual é que contemporâneos asseguravam que seu nome não teria sido bem aceito por alguns acadêmicos, nem por jornalistas quando da criação da Academia. A alegação era a mesma de ainda agora: pouca ou quase nenhuma produção intelectual. A esse respeito vale sempre lembrar os registros de Mário Ypiranga Monteiro dando amplitude às revelações que lhe teriam sido prestadas por João Leda, fundador de primeira hora, para quem a inclusão de Dorval Porto na lista de fundação teria decorrido da “tentativa de tradução da *Divina Comédia*”. A ironia foi acalmada pelo próprio Mário ao acrescentar que Dorval era “uma personalidade cultivada. Bom orador, político experimentado, jornalista...” a confirmar a opinião de vários outros como André Araújo e Rodolpho Valle.

Dorval estava presente à sessão solene de inauguração da Academia às 20h do dia 9 de janeiro de 1918, na sede da Assembleia Legislativa. Integrou a comissão de recepção dos convidados ao lado de Th. Vaz e Álvaro Maia, todos interessados, naturalmente, no discurso

36 inaugural de Adriano Jorge, o presidente da Casa, e na conferência de Péricles Moraes sobre “O tolstoísmo e a verdadeira concepção de beleza”, que foi proferida na ocasião. Os jornais registravam, em seguida, o elevado nível de comparecimento à sessão, “que havia de mais seletos em todos os ramos da atividade pública e o mundo oficial, pela representação dos seus mais notáveis elementos”.<sup>21</sup>

21. *A CAPITAL*, Manaus,  
11 de janeiro de 1918.

Em agosto de 1930, foi eleito sócio Honorário do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e no mês seguinte homenageado pela Sociedade Literária dos Novos, sendo eleito seu presidente de honra. Ao mesmo tempo a entidade prestava honras ao poeta Raymundo Monteiro, do qual Dorval afirmou ser “projeção mental que de há muito ultrapassou as raias provincianas, sendo admirada e aplaudida onde quer que se fale a língua portuguesa, sentindo-lhe os encantos ele reflete superiormente”.<sup>22</sup> Na mesma época mandou editar o livro *Horas Lentas* de Raymundo Monteiro pelas oficinas da imprensa pública, cumprimentando o autor pelo trabalho poético. Afinidades da Academia que ajudaram a fundar?

22. *O PAIZ*, Rio de Janeiro,  
26 de setembro de 1930.

Em carta, depois publicada na imprensa do Rio de Janeiro, Dorval homenageou Raimundo Moraes pelo livro *País das pedras-verdes*, ressaltando as qualidades do autor: “se viajar é sempre agradável, sobe de ponto o encanto quando, através de tão maravilhoso país, se é conduzido pela mão segura e artística que tantas e tão finas pedrarias tem cinzelado”.<sup>23</sup>

23. *O PAIZ*, Rio de Janeiro,  
2 de julho de 1930.

A que se conhece, foram poucos os seus trabalhos publicados, destacando-se: *Palestras parlamentares* (1918/1920). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1920, 108 páginas. *Manifesto sobre a morte de Delfim Moreira. A Reação*, Manáos, 5 de setembro de 1920. *Plataforma de candidato à Presidência do Estado do Amazonas* (1930/1933). Manáos: Imprensa Pública, 1929, 20 páginas. Todos editados após sua inclusão na Academia, na cadeira patrocinada por Sousa Bandeira, depois Olavo Bilac, na qual foi sucedido por Mithridates Corrêa.

Em 1951, concedeu depoimento escrito sobre a vida e obra de Arnolfo Azevedo. Escreveu o artigo “O Palácio Tiradentes é o seu monumento”, ressaltando a conduta daquele parlamentar e seu empenho na construção do Palácio Tiradentes:

*Presidente da Câmara dos Deputados, que funcionava no edifício da Biblioteca Nacional, coube-lhe construir, para a Câmara, o monumental Palácio Tiradentes. Fez-se, então, o primeiro fiscal da obra, que inspecionava, quase diariamente, das fundações à cúpula. Conhecia do pormenor e do conjunto. Previa e provia a tudo. Inaugurou-o. É a sua obra. E ela aí está firme, a desafiar as injúrias do tempo e dos homens. Custou pouco. Não conheço, ao certo, o quanto. Mas foi pouco, porque ele, Arnolfo, fiscalizava tudo, como se tratasse da própria fazenda. É o seu monumento.*<sup>24</sup>

37

Nascido em 1879, faleceu em 1954, no Rio de Janeiro, em cuja cidade sua irmã Maria da Conceição Porto Pires mandou celebrar missa solene. A perda foi registrada pelo senador e acadêmico Waldemar Pedrosa nos Anais do Congresso Nacional, em 11 de fevereiro e 1954.

**24. AZEVEDO, Aroldo de.** Arnolfo Azevedo – parlamentar da primeira república. *Brasiliense eletrônica*. 1968 p. 574. disponível em 19. set. 13.

§ ROBÉRIO BRAGA

{ ORATÓRIA }

## — Abertura

posse do acadêmico JÚLIO LOPES<sup>1</sup>

Sem que a afirmativa encerre qualquer exagero, cumpre registrar que, nesta noite, a Academia Amazonense de Letras enriquece o conteúdo humano de sua selecionada composição, com o ingresso em seus quadros de uma figura destacada, embora um tanto modesta, o seu mais novo membro, o jornalista e homem de letras Júlio Antonio de Jorge Lopes.

Seu pai, Julian Flores Lopes, foi um ativíssimo jornalista da velha-guarda amazonense, tendo participado, como proprietário, da existência do jornal *O Tempo*, que circulou em Manaus na década de 40 do século passado, tornando-se assim, pela vibração e valentia daquele órgão de imprensa, a grande inspiração para Júlio Antonio Lopes. O novo acadêmico e articulista de *A Crítica* desde 1989 e editorialista desse importante diário, mantém uma coluna intitulada “Direito de Expressão”, voltada, com clareza e objetividade, para o mundo jurídico e jornalístico do aplaudido periódico.

Júlio Antonio Lopes é advogado, especialista em direito da informação, tendo defendido jornais e jornalistas em dezenas de processos. É professor da Escola da Magistratura do Amazonas e palestrante sobre o tema liberdade de imprensa, em Universidades e empresas de comunicação.

É autor dos livros *A Crítica de Umberto Calderaro Filho*, e dos temas de Direito: *O Sigilo da Fonte e O STF e a Imprensa*, obras estas prefaciadas pelos acadêmicos Bernardo Cabral e José Braga. Elaborou e organizou, também, o livro *Bernardo Cabral, o cronista*, edição comemorativa dos 80 anos do nosso irmão que reúne uma coletânea de seus artigos, publicados em *A Crítica*.

Exerce, atualmente, a Diretoria Jurídica da Rede Calderaro de Comunicações e tem ali a função de conselheiro da Editora da Amazô-

<sup>1</sup>. Cadeira nº 23, de Cruz e Sousa, em 14 de dezembro de 2012

40 **nia**, onde já coordenou editorialmente várias obras, dentre as quais *História do Amazonas*, de Pontes Filho; *Dieta Amazônica*, de Euler Ribeiro; *Estudos de Propaganda Política*, de Robério Braga, dentre outros.

É esse valoroso intelectual que hoje se junta a nós para colaborar com a nossa luta em prol da cultura amazonense. E para nossa alegria.

Seja bem-vindo, irmão.

¶ **ARLINDO PORTO**



## — Discurso

*posse do acadêmico* JÚLIO LOPES

Antes mesmo de pronunciar o discurso tradicional, quero consignar, por dever de consciência, os agradecimentos a quem, que de uma forma ou de outra, contribuiu para que este lindo e já inesquecível momento se tornasse realidade.

A Deus, revelado pelo Mestre Jesus, dou graças pelos livramentos e pelas bênçãos que me tem concedido. A Ele toda honra e toda glória.

Aos meus pais Julian e Naha, já falecidos, que me transformaram no homem que sou e que, ao lado do Pai Celestial, mas representados pelos meus irmãos Marco Antônio e Eva Maria, tenho certeza, assistem orgulhosos ao seu filho, que tanto os ama, ser recepcionado como igual nesta casa.

A minha mulher, Jozélia, todo o meu amor. Aos meus filhos João, Laís, Júlio Filho e Rodrigo, uma palavra: tudo o que vale a pena nesta vida não se ganha; conquista-se com trabalho, com honestidade, com humildade e com respeito ao seu semelhante.

Quero agradecer aos meus colegas de jornalismo nas pessoas de Umberto Calderaro Filho, saudoso amigo, de dona Ritta Calderaro, de Cristina Calderaro Corrêa, de Dissica Calderaro e demais familiares, proprietários de *A Crítica*, pela confiança em mim depositada, o que me permitiu, desde 1989, possuir nas páginas do jornal uma tribuna permanente para expressar o meu pensamento e defender as causas que considero justas, lembrando, ainda, porque oportuno, do professor João Bosco Araújo, que acreditou em mim e interveio para que o primeiro artigo de minha autoria fosse publicado, quando o nosso diretor de redação era o Dr. Frânio Lima, que tenho o prazer de vislumbrar neste auditório.

Agradeço aos meus colegas de advocacia, da magistratura, do Ministério Público, das procuradorias, da polícia, sentimento que sim-

42 bolizo, em nome de todos, na pessoa da desembargadora Marinildes Lima, um exemplo de trabalho e de ética em prol do direito.

Agradeço aos acadêmicos, que me elegeram com uma votação expressiva, num certame onde pontificaram, além de mim, outros três ilustres candidatos, e peço para que todos se sintam contemplados por este preito de gratidão, que agora lhes faço, no nome do professor José Braga, do presidente Arlindo Porto, de Cláudio Chaves e de Robério Braga. José Braga, posto que sua administração luminosa e histórica deste sodalício despertou em mim o desejo de estar entre vós e cujo acolhimento aos meus modestos escritos, inclusive prefaciando, com as tintas da generosidade, uma de minhas obras, apôs em meu peito uma medalha indelével de honra. Arlindo Porto, decano de nossos jornalistas, em cuja gestão eu, que também milito no jornalismo, embora desprovido de seus grandes méritos literários e de sua biografia inspiradora, tenho a grata satisfação, de ser eleito e empossado. Cláudio Chaves, um companheiro precioso que ganhei no curso desta jornada. E também agradeço aos acadêmicos na pessoa de Robério Braga, que me recebeu como um irmão mais velho, que aconselha, que indica caminhos e que quer o nosso bem. Tenho uma palavra para o acadêmico Bernardo Cabral, que me fará a saudação, mas isto eu gostaria de cuidar mais adiante.

Desculpem-me por esta alongada e sentimental introdução, mas eu não seria eu, se este registro não se impusesse, porquanto entendo - é de minha natureza - que nada realizamos sozinhos e que saber ser grato aos que nos ajudaram é algo que faz muito bem aos corações, próprios e alheios.

Muito obrigado a todos vocês que me distinguem com a presença! Este reconhecimento, esta noite, tudo isto aqui tem mais valor do que o mais valioso dos bens materiais sobre a face da terra.

João, o evangelista, abre assim o livro sagrado: "No princípio era o Verbo. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós".

Esta solenidade me premia com algumas felizes coincidências. Para começar: daqui a exatos onze dias a cristandade comemora o Natal, o nascimento do menino Jesus, do portador da Palavra de Deus, do Verbo que se fez carne e habitou entre nós, do homem cujos en-

sinamentos mudaram a face do mundo e muda, ainda hoje, um número incomensurável de vidas. 43

Mas João, conhecedor dos mistérios do Pai, estava como a dizer que o Verbo, a Palavra, é um dom divino, é a chama sagrada que Deus atribuiu aos homens, o poder de raciocinar, de se expressar, de se comunicar. A Palavra é o instrumento mais poderoso de que dispomos. Ela pode e é capaz de grandes feitos, mas também pode gerar destruição, como vimos, infelizmente, no curso da história.

A palavra é tão fundamental para a raça humana, que foi para eternizá-la que concebemos a escrita, de início a escrita cuneiforme, dos antigos sumérios, e depois os alfabetos mais sofisticados. Mas é preciso notar que esta necessidade de se expressar, que é uma necessidade semelhante a que se tem de respirar, de se alimentar, é tão forte, que mesmo o homem primitivo já fazia nas paredes das cavernas, nas pedras, as suas inscrições. Tambores, sinais de fumaças, pombos-correio, mensageiros, telégrafo, jornais, livros, revistas, internet... Sem a Palavra não seríamos o que somos, não teríamos avançado enquanto civilização.

Esta Academia Amazonense de Letras, que caminha para o seu centenário, é uma prova maiúscula desse compromisso humano com a preservação da Palavra bem colocada e bendita (no sentido de abençoada). A força referencial e transformadora desta Academia tem servido de inspiração para muitas gerações. Daí a feliz coincidência de que falava eu no início, de se dar o meu ingresso neste Templo da Palavra, às vésperas do Natal, quando comemoramos o nascimento do filho de Deus, aquele que é o portador da Palavra por excelência.

Considero isto uma bênção.

Venho, portanto, com humildade, sabendo que sou o menor dentre vós, para me integrar, para aprender e para contribuir, mesmo que modestamente, para o alcance dos objetivos do meritório trabalho desta instituição.

#### —O PATRONO

A cadeira que assumo nesta noite tem como patrono o poeta simbolista Cruz e Sousa, João da Cruz e Sousa, que nasceu no dia 24 de no-

44 vembro de 1862, na pequena cidade de Nossa Senhora do Desterro, em Santa Catarina, hoje sua capital, Florianópolis.

Cruz e Sousa é exemplo de superação e de destino. De superação porque seus pais eram negros e escravos (o pai era escravo e a mãe escrava alforriada), quando a mácula da escravidão infelicitava o Brasil. A Carta de Alforria era um documento jurídico que dava liberdade aos cativos. De um lado ela mostrava a generosidade de seu subscritor, mas de outro, as cruéis circunstâncias da época, em que um ser humano era considerado objeto, propriedade de outrem.

Os pais biológicos de Cruz e Sousa não tiveram condições de sair da miséria, nem de cuidar do filho, o qual, então, e aí entra o destino, foi adotado pelo marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem herdou o nome Sousa, porque João da Cruz deve-se ao Santo do dia. Com o apoio da esposa, dona Clarinda, marechal Guilherme propiciou ao garoto a melhor educação possível, que era privilégio dos brancos, ricos e nobres. Aos oito anos já recitava versos, que compusera para o pai, que voltava da Guerra do Paraguai. Cruz e Sousa aprendeu francês, inglês, latim, grego, matemática e ciências naturais. Apesar do talento, era uma alma atormentada, pois vítima do preconceito racial e de tragédia familiar. Certa vez, nomeado pelo presidente da Província, Dr. Francisco Luís da Gama Rosa, para o cargo de promotor de Justiça em Laguna, já que portador de todas as qualificações, foi impedido de assumir por ação dos políticos locais. Outro fator de perturbação de Cruz e Sousa foi a perda da mulher, Gavita, louca e tuberculosa, assim como de seus quatro filhos, todos eles atingidos por esta segunda enfermidade!

Seu livro de estreia na poesia foi *Tropos e fantasias*, publicado em 1885. Escreveu também, isto no ano de 1893, *Missal* (prosa poética) e, logo depois, *Broquéis* (poesia), obras que o consagrariam como fundador e maior nome da corrente literária simbolista no Brasil. Cruz e Sousa é autor, ainda, de *Evocações* (prosa). E postumamente foram publicados os livros *Faróis e Últimos Sonetos*, respectivamente em 1900 e 1905. Entre 1923 e 1924 o editor, crítico literário e amigo Nestor Vitor imprime e lança, no Rio de Janeiro, suas *Obras Completas*, em dois volumes.

No livro *Poesia e poetas do Parnasianismo, Simbolismo e Pré-modernismo*, o professor Tenório Telles, membro desta Academia, ao lado do professor Marcos Frederico Krüger, fazem a melhor análise sobre a poesia de Cruz e Sousa: 45

*Cruz e Sousa aborda, sobretudo, questões de conteúdo existencial e caráter universalizante, em que o sofrimento e as angústias humanas se constituem como núcleo de seu ofício poético. Há em seus versos um certo tom de pessimismo, manifesto por meio da temática da morte e de metáforas noturnas, transfigurando a matéria parnasiana na contemplação simbolista do sagrado, da espiritualidade, com vistas à integração cósmico-póstuma.*

*Em termos formais, a estrutura do texto assume papel fundamental, ainda como herança parnasiana. Todavia, é a musicalidade, muitas vezes expressa pela sinestesia, a marca indelével de sua literatura, seja em versos, seja em prosa poética. Tais características, somadas à sua obsessão pela claridade, podem ser percebidas já nos primeiros versos de "Antífona", um de seus mais conhecidos poemas.*

E aqui eu leio as estrofes deste lindo poema:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras  
De luares, de neves, de neblinas!  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...  
Incensos dos turíbulos das aras.

Formas do Amor, constelarmante puras,  
De Virgens e de Santas vaporosas...  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
E dolências de lírios e de rosas...

Indefníveis músicas supremas,  
Harmonias da Cor e do Perfume...  
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,  
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...  
Dormências de volúpicos venenos  
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,  
Inefáveis, edênicos, aéreos,  
Fecundai o Mistério destes versos  
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades  
Que fuljam, que na Estrofe se levantem  
E as emoções, todas as castidades  
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros  
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...  
Que brilhe a correção dos alabastros  
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça  
De carnes de mulher, delicadezas...  
Todo esse eflúvio que por ondas passa  
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões alacres,  
Desejos, vibrações, ânsias, alentos  
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,  
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas  
De amores vãos, tantálicos, doentios...  
Fundas vermelhidões de velhas chagas  
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

*Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,  
 Nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
 Passe, cantando, ante o perfil medonho  
 E o tropel cabalístico da Morte...*

Quero chamar a atenção para o fato de que Cruz e Sousa, além de poeta e formado em ciências jurídicas, foi também jornalista. E dos lutadores, dos defensores das boas causas. Na sua cidade fundou o jornal *O Colombo*, por meio do qual aderiu ao Parnasianismo. Daí saiu para a Companhia Dramática Julieta dos Santos, na função de ponto, realizando conferências abolicionistas em vários lugares. Depois fundou o jornal *O Moleque*, que abrigou, segundo o *Dicionário Acadêmicos Imortais do Amazonas*, de autoria do confrade Almir Diniz de Carvalho, parte de sua produção. Mas Cruz e Sousa, em Santa Catarina, dirigiu ainda o jornal *Tribuna Popular*, onde combateu o bom combate contra a escravidão e, mais adiante, já no Rio de Janeiro, passou a colaborar com outro periódico, a *Folha Popular*. Ele morreu tuberculoso, em 19 de março 1896, na localidade de Estação de Sítio, em Minas Gerais, para onde se mudara em busca de cura.

#### — O ANTECESSOR

Meu antecessor foi Joaquim de Alencar e Silva, o Alencar e Silva, que nasceu em 21 de setembro de 1930, na cidade de Fonte Boa, interior do Amazonas. De lá veio para Manaus, a fim de concluir seus estudos. Era filho de Raimundo Ribeiro da Silva e Walfrida de Alencar e Silva. Na intimidade era chamado de "Neto". Além de poeta, foi prosador (cronista e ensaísta). Terminou o curso secundário no Colégio Estadual do Amazonas. Era advogado, graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, jornalista e funcionário público federal. Exerceu ainda vários cargos de importância em seu Estado, com destaque para a presidência da Imprensa Oficial, onde incentivou dezenas de autores e divulgou suas obras.

O livro inaugural de Alencar e Silva foi *Painéis*, publicado em 1952. Logo a seguir, em 1954, junto com outros intelectuais amazonenses, fundou o Clube da Madrugada, considerado um dos movimentos

- 48 mais importantes da literatura regional. Seus membros reuniam-se à sombra de um mulateiro, árvore frondosa, ainda hoje existente, na praça Heliodoro Balbi, popularmente conhecida como praça da Polícia, no centro de Manaus, tendo por base, também, o Café do Pina, que se localizava nas proximidades. Alencar e Silva descreve assim o movimento:

*1954, Marco miliário na história das artes e letras no Amazonas. Algo assim como divisor de águas, antes e depois, simbolicamente equivalente à Semana de 1922, que dera nascimento, na capital paulistana, ao Modernismo brasileiro. Não é sem propósito a aproximação. Em 1954, efetivamente, com o surgimento do Clube da Madrugada, a intelectualidade jovem de Manaus acertava os ponteiros com o tempo cultural brasileiro, provendo um movimento de renovação dos padrões artísticos e literários até então vigentes na capital amazonense e que resistiam, como se fora um último bastião, à onda do Modernismo que se espalhara do vasto arquipélago cultural do país.*

Alencar e Silva é autor, igualmente, de *Lunamarga* (1965); *Território Noturno* (1982); *Sob Vésper* (1986); *Sob o Sol de Deus* (1992); *Poesia Reunida* (1987); *Noturno após o Mar* (1988); e *Ouro, Incenso e Mirra* (1994).

Pela relevância e conjunto de obra, Alencar e Silva foi eleito em 30 de maio de 1992, assumindo a titularidade em 5 de agosto do mesmo ano. Foi saudado pelo acadêmico e ex-presidente desta Casa, Max Carpentier, que lhe traçou o seguinte perfil, o qual não resisto em reproduzir, para que os Senhores possam ouvir, entender e, mesmo sentir, ainda que na ausência, a presença de Alencar e Silva:

*Trata-se de um homem peregrino, silencioso, pausado, como se tivesse passado a vida a caminhar sobre as lajes de lugares sagrados, entre anjos adormecidos. Mas percebendo tudo do universo que o rodeia, porque seus olhos têm ânsias de atingir todas as essências. Mas elevando-se acima das perplexidades da vida, porque nasceu semelhante a um pássaro, dotado de asas e de canção no peito. Mas calçando sandálias que, se têm a duração de pervagarem o mundo e, ao mesmo tempo, a doação de se irem ficando pelos caminhos, são sandálias dos desertos da revelação. São*

*sandálias de apóstolo. Apóstolo da Poesia, que é o rito mais íntimo de todas as religiões. E como o poeta é cidadão do mundo e está em todas as latitudes, a luz do sol, mesmo nas noites fundas, jamais se afasta do seu rosto.* 49

Alencar e Silva lustrou, engrandeceu, dignificou esta Academia. É um verdadeiro imortal, daqueles homens que não morrem, porque suas obras, a essência de seu ser, permanecem como legado aos que virão. Leio dois de seus versos, para nosso deleite, naquilo que ele chama de Poemas mínimos, destaco este:

*Vem, deixa aqui tuas mãos:  
há rosas que estão nascendo.  
Vem, deixa aqui teus olhos:  
há horas anoitecendo.  
Vem, deixa todo o teu corpo:  
há um menino adormecendo.*

E, também, no seu “Cantar de Andarilho”, certamente uma das poesias mais belas de nossa literatura:

*Não tenho pátria  
determinada  
nem tenho pressa  
nesta jornada:*

*só esta sede  
que têm meus olhos  
de ver e ver*

*e este incontido  
impulso de asas  
sobre meus pés.*

*Minhas sandálias  
cobrindo o mundo*

50      *que descobriram  
pé ante pé,  
minhas sandálias  
vão-se ficando  
pelos caminhos  
de minha fé.*

*Arde em meu rosto  
o sol de todos  
os continentes.*

*Todos os ventos  
já visitaram  
minhas narinas.  
Todas as águas  
já circularam  
dentro de mim.*

*Em minha fala  
todas as falas  
se misturaram.*

*E nos meus olhos  
os céus mais vários  
se despejaram.*

*Não tenho pátria  
determinada  
nem tenho pressa  
nesta jornada:*

*só esta sede  
que têm meus olhos  
de ver e ver*

*e este incontido  
impulso de asas  
sobre meus pés.*

Alencar e Silva foi colaborador, com artigos assinados, dos jornais *A Tarde*, de Aristophano Antony, e *A Crítica*, de Umberto Calderaro Filho. Ele faleceu em 25 de setembro de 2011 na cidade do Rio de Janeiro. 51

Cruz e Sousa e Alencar e Silva. Dois respeitáveis nomes de nossa literatura. Quanta responsabilidade sobre meus ombros!... Mas quanta honra também, razão pela qual eu estou aqui, nesta tribuna, sem a pretensão de alcançar a altura de seus estros, mas de trabalhar, como um sacerdote das letras, para que poetas e escritores, a poesia e a prosa, a beleza construída pelo gênio do humano, tudo isto, enfim, seja sempre cultuado, nunca passe, nunca seja esquecido, que ninguém deixe de sonhar, pois os sonhos, como dizia o poeta português Antonio Gedeão, "(...) Os sonhos comandam a vida/ toda vez que o homem sonha/ o mundo pulsa e avança/ como bola colorida/ entre as mãos de uma criança". E esta Casa, dos Senhores acadêmicos de ontem, de hoje e de amanhã, é a Casa dos sonhos, é o lugar sagrado onde a capacidade de sonhar do ser humano permanece, nunca se esgota, se reproduz, frutifica, onde se constata, no fim de tudo, que as coisas mais lindas da vida brotam de nossos sentimentos, de nossas ideias, de dentro de nós. De nós, sonhadores...

#### —O AMIGO QUE ME RECEPCIONA

Este discurso, todavia, não estaria completo se faltasse um nome, que deixei, propositadamente, para este momento, eis que é alguém muito especial para mim e, não há dúvidas, para muitos que hoje se encontram aqui, que possuímos o privilégio de tê-lo na condição de amigo. Este nome é o de Bernardo Cabral, a quem conheci há mais de 25 anos, quando eu ainda era estudante de direito. Mais adiante, na qualidade de presidente do Centro Acadêmico da Faculdade, convidei Bernardo Cabral para proferir palestras aos estudantes, pois ele acabara de relatar a Constituição de 88 e, cheio de afazeres, requisitado no país inteiro, respondeu-me que na primeira oportunidade que tivesse aqui estaria.

Dito e feito. Uma das primeiras conferências do relator foi realizada na "Velha Jaqueira", como carinhosamente chamávamos a Fa-

52 culdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas, que ficava na praça dos Remédios, no centro da cidade. Eu, então, constatava que Bernardo Cabral era um homem de palavra. O que ele acertar, às claras e honestamente com qualquer dos Senhores, como sempre se conduziu em sua vida pública, ele cumprirá. E mais, que ama o seu Amazonas, onde foi impedido de vir pelo ato ditatorial que cassou injustamente o seu mandato de deputado federal. Cidadão do mundo, onde esteja, porém, ali estará o seu Amazonas querido.

Somos amigos, amigos que, como ele costuma afirmar, que nem o tempo e nem a distância são capazes de separar.

Mas, no curso desta jornada, descobri outro dom de Bernardo Cabral: ele é um profeta. Evutchenko já asseverava que o poeta é irmão do profeta. Cabral é poeta, faz também poesia em prosa, faz poesia nos seus discursos encantadores, mas já se revelou um infalível profeta: quando profetizou, na presidência da OAB nacional, o fim da ditadura e o raiar da democracia; quando profetizou a Constituinte, muito antes de ela se realizar; quando relatou a Constituição, nela impregnando temas do futuro, frutos de sua notável visão de estadista, um dos maiores da República.

Mas Cabral também se revelou um profeta em relação a mim, a este seu humilde admirador, compadre e irmão. Em 1993, ao dedicar-me o livro onde constava o seu discurso de posse na Academia Amazonense de Letras, ele escreveu, de próprio punho, como sempre faz, com sua letra bonita: "Ao doutor Júlio Antonio Lopes, com a previsão de que, um dia, estará ele nesta nossa Academia".

Passados 19 anos estou aqui, tomando posse, nesta noite de luz e de felicidades, sendo saudado por ele...

É muita bondade de Deus.

Consta que um imperador romano perguntou a seu ministro qual a função que deveria dar para um homem honesto, um dos poucos que vivia no seu reino, pois parecia que, para este, já não havia lugar. O ministro lhe respondeu: "Põe ele para educar teus filhos".

Nesta triste quadra da história nacional, quando a corrupção, como "cupim da República", de que falava seu velho amigo Ulysses Guimarães, parece consumir o Brasil, eu tenho de lhe dizer que, na minha casa, quando busco um exemplo de homem honesto, que eu

colocaria para educar os meus filhos, o nome que me vem aos lábios é o seu. E não há nada mais importante para mim, pois meus filhos são os meus tesouros. 53

Obrigado, meu irmão, pela saudação que me fazes em nome desta Academia e pela profecia, que você profetizou e ajudou, como companheiro de destino, a cumprir.

— PROFISSÃO DE FÉ

Sou filho de jornalista. Meu pai fez circular em Manaus, entre as décadas de 40/50 do século passado, tendo como colaborador o poeta e acadêmico Jorge Tufic, o jornal *O Tempo*, periódico vibrante, que também abria espaço para a cultura. Tenho em casa alguns exemplares preservados.

Aprendi desde cedo com papai, que nos fazia, a mim e aos meus irmãos, durante o almoço, longas preleções sobre os seus tempos de jornalista, o valor da liberdade de imprensa para a liberdade de cada um de nós. E como escudo protetor contra as ditaduras. Papai falava dos jornais que foram empastelados no Amazonas. Falava de jornalistas que foram presos, ameaçados, mortos... E dizia que, pela liberdade, valia lutar e morrer. A liberdade, de expressão e de informação, a liberdade em todos os sentidos, de fato, é um bem mais precioso até do que a própria vida, pois de nada vale a vida sem liberdade.

Não se olvide, apesar disso, que toda liberdade importa em responsabilidade. O bom jornalismo deve ter um compromisso com a verdade, com a pluralidade de versões, com a correção dos próprios erros, com o direito de resposta, quando este se fizer necessário. Mas não pode, em hipótese nenhuma, temer o poder.

Digo que me tornei advogado, inspirado por papai, para defender a liberdade de expressão do pensamento, de comunicação e de informação. Daí para a militância no jornalismo foi uma decorrência. Aliás, comecei a escrever em jornal quando estudava direito. Tornei-me articulista, editorialista e colunista do jornal *A Crítica*, onde, acompanhando a espetacular trajetória de vida de Umberto Caldeiraro Filho e de seus sucessores, reforcei a vocação libertária. No de-

54 sempenho de minhas funções de advogado do jornal vivenciei momentos dramáticos em lutas contra adversários poderosos, que o queriam calar a qualquer custo, valendo-se dos expedientes mais escusos possíveis, o que nunca conseguiram, porém. A *Crítica* permanece aí, firme e forte, indo para o seu 64º ano de existência.

Cada batalha desta, graças a Deus a maioria vencida, e mesmo aquelas perdidas, tornaram-me um profissional melhor e solidificaram em mim a crença de que nada, numa república, num estado de direito, substitui a imprensa, como vigia dos governantes, para evitar que se desviem ou, se se desviarem, para corrigir-lhes a rota, fornecendo aos cidadãos elementos para julgá-los nas urnas e indícios e provas para as autoridades competentes julgá-los nos tribunais, pois traidor da república é traidor dos cidadãos, traidor da Pátria. Só a eles, aos traidores, interessa uma imprensa emasculada, dócil, mero diário oficial.

Como bem asseverou o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Carlos Ayres Britto, por ocasião do julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental 130/09, que retirou do mundo jurídico a famigerada Lei de Imprensa:

*O pensamento crítico é parte integrante da informação. O possível conteúdo socialmente útil da obra compensa eventuais excessos de estilo e da própria verve do autor. O exercício concreto da liberdade de imprensa assegura ao jornalista o direito de expender críticas a qualquer pessoa, ainda que em tom áspero ou contundente, especialmente contra as autoridades e agentes do Estado. O Estado não controla a imprensa; a imprensa controla o Estado.*

No último domingo, a propósito, publiquei um artigo em *A Crítica* onde dizia que, em quatro países das Américas, o quadro relacionado à liberdade de pensamento e de comunicação é estarrecedor. Na pobre Cuba, do ditador Fidel Castro, ela simplesmente inexistente. No Equador, de Rafael Corrêa, assim como na Venezuela, de Hugo Chávez, os poucos órgãos de imprensa independentes sofrem todo tipo de pressão e de intimidação. Agora na Argentina, a presidente Cristina Kirchner acabou de aprovar a chamada Ley de Medios, cuja

intenção indisfarçada é acabar com o grupo Clarin, que critica seus desmandos. 55

A questão é preocupante, posto que este mal, do autoritarismo, ainda que emanado de governos eleitos, é mais grave e parece ter o potencial para alastrar-se, para ganhar adeptos entre outros governos da região, cujos membros precisam das sombras, da mordança, para melhor encobrir as suas malfeitorias.

A verdadeira democracia, contudo, não pode prescindir de uma imprensa livre e o governante, por sua vez, não apenas deve, mas necessariamente precisa submeter-se ao escrutínio diário de seus concidadãos, eis que ele não é senhor, mas servo máximo da Nação. Certo estava Thomas Jefferson, um dos pais da Pátria americana, o qual sentenciava: “Quando as pessoas temem o governo, isso é tirania; quando o governo teme as pessoas, isso é liberdade”. É do direito de opinar, de criticar, enfim, que o povo exerce a sua soberania, pois ele é o titular de todo o poder, bem como se previne ou reclama contra eventuais abusos de seus representantes. Onde não existe liberdade de imprensa, nenhuma liberdade há de existir.

Esta é minha profissão de fé. Como jornalista, uso a Palavra. Como advogado, defendo a Palavra. Como acadêmico, que hoje me torno, eu, que já cultuo a Palavra, agora a cultuarei em seu templo, esta Casa. E estarei na melhor companhia, alinhado entre os luminares de minha terra, gente que tanta contribuição deu e continua a dar ao Amazonas e ao Brasil. É muita felicidade para este caboclo de Manaus.

Peço permissão para terminar, mas antes quero ler o trecho de uma música de cunho religioso, que fala do Senhor Jesus e de nossa capacidade de, crendo Nele, sob a proteção Dele, superar quaisquer obstáculos e realizar os nossos sonhos, como este sonho que estou realizando hoje, aqui, na companhia confortante dos Senhores. A música se chama “Rompendo em fé”, de autoria de Marco Antonio, Ana e Edson Feitosa, e é linda, motivadora. Diz a letra, a qual tem muito que ver com a minha história de vida:

*Toda vez que a minha fé é provada  
Tu me dás a chance de crescer um pouco mais.  
As montanhas e vales, os desertos e mares*

*Que atravesso,  
Não são maiores que o meu Deus,  
E não vão me impedir de caminhar.  
Se diante de mim, não se abrir o mar,  
Deus vai me fazer andar por sobre as águas.*

Eu não tenho dúvidas, portanto, de que Deus consagrou as águas sob os meus pés e abriu meus caminhos para esta Academia, dando-me os Senhores como irmãos.

Muito obrigado!  
Feliz Natal! Deus nos abençoe

✠ JÚLIO ANTONIO DE JORGE LOPES

## — Saudação

posse do acadêmico JÚLIO LOPES

Vem de longe a vossa caminhada para o ingresso nesta Casa, cujo início aponta em direção ao tempo de universitário na Faculdade de Direito do Amazonas – já se vão mais de vinte anos – passando pela vivência como Jornalista e confirmada com a atuação de Advogado Militante.

Por deferência do presidente Arlindo Porto – amigo da vida inteira – coube-me a distinção de receber-vos como novel acadêmico, razão pela qual registro os meus sensibilizados agradecimentos. Confesso, todavia, que só não declinei da honra porque me sobra bem querer suficiente para aceitá-la. A par dessa confissão, ousou confirmar que a nossa Amizade é uma tatuagem irremovível que carregarei ao longo da vida.

O vosso começo aconteceu exatamente quando, ainda Acadêmico de Direito, pronunciastes uma saudação, de improviso, ao início da palestra que iria proferir, a vosso convite, para todos os alunos da Faculdade. A partir daí, o convívio convosco se tornou constante e se ampliou durante a campanha eleitoral que desenvolvi para a Assembleia Nacional Constituinte e que dela fostes um dos esteios para seu amplo sucesso.

A essa altura, vossa coluna em *A Crítica* já era respeitada, não só pela crítica construtiva, como pela vossa coragem em apontar os desvios e desmandos dos que se encontravam em postos de mando.

Aos poucos, o saudoso Umberto Calderaro Filho – que soube reagir à censura quando ela fora imposta pelo regime militar – vos fez galgar outras funções no seu *A Crítica*, do qual sois articulista, editorialista e autor da festejada coluna “Direito de Expressão”, além de Diretor Jurídico da Rede Calderaro de Comunicação.

Ao mesmo tempo, a vossa atuação como Advogado já está definida e consagrada nos auditórios forenses locais e nos tribunais superiores, mercê do vosso desempenho com respeito e ética profissional, confirmado no nobre cargo para o qual fostes eleito, o de Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Amazonas, exercida nos períodos de 1988/2000 e 2000/2002.

Dentre os vossos livros publicados – e são inúmeros – há um pelo qual tenho preferência pessoal – pois nele vislumbro onde começou o vosso aprendizado e a influência que em vos deve ter exercido o Jornalista – honrado homem de imprensa – Julian Flores Lopes, vosso pai. A obra destes o título de *O Sigilo da Fonte*, mas trouxestes à colação o artigo de vosso pai, intitulado “Imprensa Livre”, do qual destaco a frase lapidar: “A imprensa não deve servir aos poderosos, mas à população que vive ao léu e desprotegida”.

O vosso comportamento contrário às armadilhas da censura sempre foi uma constante – e que teve o seu ápice nos vossos comentários quando o Supremo Tribunal Federal, no dia 30 de abril de 2009, revogou a famigerada Lei nº 5.250, de 1967, que consolidava as regras estabelecidas pela ditadura militar no sentido de controlar e regulamentar a atividade jornalística no país.

E, a meu sentir, estivestes certo o tempo todo, eis que, para mim, uma imprensa controlada pelo Estado ou pelas elites dominantes pode permitir a eclosão de não apenas uma, mas duas ou várias ditaduras numa mesma região. E que nenhum país será grande, nenhuma nação conseguirá se desenvolver ou viver em harmonia com os seus cidadãos se não for protegida e estimulada por uma imprensa livre. E que na existência da completa manifestação do pensamento reside a verdadeira grandeza dos povos. Com uma imprensa amordaçada, maculada pela censura, não subsiste a democracia e o mundo moderno de hoje nos ensina claramente que sem elas as nações não sobrevivem. E o que é preocupante: uma nação onde o medo prevalece sobre a esperança, o ódio subjuga o amor, a vida não merece ser vivida.

Fiz esta digressão porque a vossa atuação na imprensa e na advocacia esteve sempre voltada para os ideais de liberdade e como se não bastassem as vitórias nelas conquistadas, fostes para o magis-

tério, onde como professor do Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas – Ciesa – tivestes o mesmo brilho. 59

No que diz respeito às vossas credenciais para ingressar nesta Academia, o discurso de apresentação, há pouco pronunciado, diz bem do acerto com que se houve este Silogeu.

Vosso patrono – Cruz e Sousa – teve o seu perfil exaustivamente traçado, sem nenhum exagero. E a figura do Acadêmico ocupante imediatamente anterior, o notável poeta Alencar e Silva – que tanto honrou o Amazonas – foi por vós esmiuçada com um retrato perfeito, colorido, exuberante, que nada mais me restou para prestar-lhe uma homenagem significativa, pois com ele convivi, sobretudo no Rio de Janeiro, onde o acompanhei, juntamente com o presidente José Braga, até a sua última morada.

Acadêmico Júlio Antonio de Jorge Lopes.

Estejais certo de que o Colar Acadêmico que passareis a ostentar, doravante, é o prêmio a quem soube alcançar os píncaros da glória, por valor pessoal. A partir de agora, passais a integrar uma Casa em que os seus integrantes estaremos orgulhosos da vossa companhia e que se alegram porque sois um dos nossos.

Para mim, receber-vos em nome da Academia é uma honra e nela faço embutir a mais afetuosa homenagem pessoal de excepcional afeto.

Sede bem-vindo, Acadêmico Júlio Antonio de Jorge Lopes.

§ BERNARDO CABRAL

## — Abertura

posse da acadêmica MÁRCIA PERALES<sup>1</sup>

1. Cadeira nº 21, de Bento Figueiredo Tenreiro Aranha, em 29 de novembro de 2013

A eleição da intelectual Márcia Perales Mendes Silva para os quadros permanentes desta Academia é uma ressonância natural do prestígio por ela obtido, graças ao seu trabalho, capacitação e seu desejo de servir a cultura, no conceito e na forma de pensar dos integrantes deste Sodalício. Temos certeza, pelas observações feitas do acompanhamento e das atividades culturais da nossa nova associada, de que a sua contribuição, não apenas para a Academia de Letras, mas de todo o contexto cultural do Amazonas, será uma grande vitória para quantos desejam ver esta Casa cada vez maior.

A professora Márcia Perales Mendes Silva é cientista social, mestra e doutora em Serviço Social. Atualmente exerce o segundo mandato de Reitoria da Universidade Federal do Amazonas e presidente da Fundação Universidade do Amazonas.

Comprometida com a causa da Educação, sua construção científica, seus livros, seus artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, sua voz ouvida nos fóruns acadêmicos mais importantes privilegiam o homem e o trabalho clamando pela construção de um mundo mais justo e mais fraterno.

Chega-nos para ocupar a Cadeira nº 21, patrocinada por Tenreiro Aranha, na qual tiveram assento ilustres figuras da intelectualidade amazonense: Octávio Sarmiento, Leopoldo Péres, Sócrates Bonfim, José Pereira Neto, Plínio Coelho e Luiz Bacellar.

O bem selecionado conjunto de homens e mulheres que formam a AAL e que dão a sua contribuição para o enriquecimento da cultura glebária, obra que já se estende por quase cem anos, sentem-se gratificados com a vinda da escritora Márcia Perales, concluindo com isso a sua convicção de que ela será um grande reforço às atividades que aqui se desenvolvem para enfocar e aumentar o brilho das letras

amazonenses. Por isso damos as nossas mais calorosas boas-vindas 61  
à recipiendária da mais recente inscrição na Academia e que dessa  
forma Márcia Perales saiba que é grandemente bem-vinda à Casa de  
Adriano Jorge.

Para abrilhantar esta noite, teremos a presença do Coral Vozes da  
Ufam e de músicos professores de arte de nossa centenária univer-  
sidade.

¶ ARLINDO PORTO

## — Discurso

posse da acadêmica MÁRCIA PERALES

A íntima conexão entre conhecimento e tempo histórico, projeção e realização, entre saber e poder, entre perecer, conquistar e superar, nos remete à VIDA! À VIDA e suas instigantes dimensões. Acredito que viver é o gratificante exercício que agrega, simultaneamente, encantamento e desafio!

O *encantamento* desperta-nos um estado de espírito que reconhece, sem hesitação, o dom da vida como o maior de todos os presentes! Valorizemo-lo! O desafio fortalece-nos a convicção de que a caminhada vale à pena, porque ao perquirir, sonhar, projetar, acreditar, conquistar.... vivemos! Ousemos, como Cora Coralina, façamos (...) *a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores. Cresçamos (...) com os golpes duros da vida, mas também com os toques suaves na alma.*

A plenitude da vida não se reduz à busca idílica da felicidade suprema, tão pouco às vozes que avocam o viés monocromático diante da multiplicidade de cores e tons. É maior e muito mais complexa! O italiano Antonio Gramsci, encarcerado até a morte por Mussolini, por ser radialmente contra os ideais da Ditadura Fascista, enalteceu nos Cadernos do Cárcere (1987:143):

*Meu estado de espírito sintetiza (...) dois sentimentos e os SUPERA: sou pessimista com a inteligência, mas otimista pela vontade. Em quaisquer circunstâncias penso nas hipóteses piores para colocar em movimento todas as reservas da vontade e estar capacitado a superar os obstáculos. Armei-me especialmente com uma paciência ilimitada, não passiva (...), mas animado de perseverança.*

Esse foi o espírito que me moveu! O da busca cotidiana que enaltece a vida e por ela agradece; que reconhece fragilidades, mas não es-

morece; que identifica potencialidades e com elas se fortalece; que persiste convictamente, com ética e solidariedade, tornando possível a urdidura de uma sociedade onde, idealmente, a vida seja usufruída por todos com dignidade. Esse é o espírito que me moveu, move e moverá, sempre convicta de que *é a defesa intransigente dos princípios que permite a flexibilidade das ações* (idem).

Com esse espírito reporto-me respeitosamente aos senhores! Espírito eivado de emoção, inflado de gratidão, repleto de perseverança, inundado de esperança!

Honrou-me a Casa de Péricles Moraes com a escolha de meu nome para integrar a Academia Amazonense de Letras. Fui comunicada por uma tríade de notáveis; os Acadêmicos José Geraldo Xavier dos Santos, Rosa Brito e José Braga, por quem fui instigada e incentivada para aqui estar. Muito obrigada!

Agradeço especialmente a minha amiga, a Acadêmica e Professora Doutora Rosa Mendonça de Brito. Filósofa cuja expressão é reconhecida nacionalmente, rompeu grilhões para escrever uma admirável trajetória pessoal, intelectual e profissional. Ao tomar posse neste Silogeu, questionou: “Setenta e seis anos de existência da Academia! Quarenta espaldares dourados; quarenta luminares do saber: uma única mulher!”. Referia-se à conquista da Acadêmica Violeta Branca, que passava a ser acompanhada, a partir de 1993, da também Acadêmica Rosa Mendonça de Brito, a segunda mulher a adentrar a Academia, a quem sou grata pela amizade, incentivo e confiança em mim depositada!

Não ousaria negar: a decisão desta douta Academia produziu em mim sentimentos múltiplos, todos positivos: de reconhecimento à generosidade dos senhores ilustres acadêmicos; de gratidão, a qual reitero nesta tribuna com o mais profundo respeito; de otimismo, por duas singulares razões: pelo lastro simbólico que representará para sempre a minha entrada neste Silogeu; e pela feliz coincidência temporal: a eleição na Academia Amazonense de Letras, a qual submeti meu nome, ocorreu simultaneamente ao período em que igualmente submeti meu nome à reeleição para a reitoria da Universidade Federal do Amazonas. Um otimismo pulsante potencializou a coin-

64 cidadã, transformando-a em convergência: projetos sonhados, projetos conquistados!

Abril de 2013: emoção e luz! Dois imensos desafios apresentaram-se. Duas portas poderiam, ou não, ser abertas. Não as via como obstáculos, mas como diferentes passagens por meio das quais seria possível intensificar compromissos em prol da educação, da cultura e da arte! Mas era necessário, primeiramente, apresentar-me, inserir-me na disputa, com a clareza de que não somos nunca candidatos de nós mesmos!

Em abril de 2013, por meio do voto democrático, fui reconduzida à Reitoria da Universidade do Amazonas para o quadriênio 2013-2017 e eleita pelos ilustres acadêmicos para ocupar a Poltrona nº 21. É com profunda emoção que agradeço aos senhores acadêmicos pelo nobilíssimo ato que a mim outorga a imortalidade acadêmica. Sou grata a todos, indistintamente. Inclusive aos que não me sufragaram o nome, pois defendo intransigentemente o livre arbítrio como conquista da humanidade, como condição para o exercício da cidadania em um Estado Democrático de Direito.

Sinto-me honrada ao ocupar a Poltrona nº 21, cujo Patrono foi *Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*, a quem homenageio por dever de ofício, por tradição e por mérito. Em reconhecimento a sua importância para a literatura amazonense e brasileira, “o primeiro poeta genuinamente amazonense” (Diniz, 2002) ou “o decano dos jornalistas do Norte do Brasil” (Faria e Souza, 1919), recebeu a homenagem da Academia Amazonense de Letras ao imputar-lhe o nobre título de Patrono da Poltrona nº 21.

O jornalista e poeta Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, nascido em Barcelos, antiga capital do Amazonas, em 1769, teve infância árida. Ficou órfão prematuramente. Aos sete anos de idade já havia perdido pai e mãe. Sob a responsabilidade de um tutor aprendeu as primeiras letras, mas foi seu padrinho e arcebispo Dom José Monteiro de Noronha, quem o amparou para que completasse os estudos preparatórios. Aos 19 anos experimentara a imensa frustração de não poder completar sua formação acadêmica na Universidade de Coimbra, em Portugal, por ter os bens de sua família sequestrados pela Fazenda Real.

Diante de tão cara adversidade, Tenreiro Aranha refaz seus planos e passa a se dedicar aos encargos da administração pública. Constituiu família em Belém, no Pará, lugar onde passou a elaborar conhecimento mais consistente da realidade, das características que o cercavam e perfilavam o seu mundo. Por mérito, foi agraciado pelo governador e capitão general Martinho de Souza Albuquerque, com a patente de Alferes de Milícias e nomeado Diretor dos Índios, de Oeiras; no Governo de Souza Coutinho, nomeado Escrivão de Caçadores e Escrivão da Alfândega; no governo de novo governador do Grão Pará, Conde dos Arcos, convidado para ser Escrivão da Mesa Grande do Pará, cargo vitalício confirmado pelo Príncipe Regente Dom Pedro.

Resguardou intensa convivência com as letras e com as artes. Foi um dos raros poetas brasileiros de seu tempo que não foi educado em Portugal. Entretanto, o primeiro poeta nativo foi influenciado pela literatura portuguesa, traço comum na literatura amazônica em função das condições específicas de sua própria colonização. O seu franco empenho pessoal forjou em sua obra um retrato dos encantos, fascínios e mistérios dos habitantes e das terras amazônicas.

Apesar dos incidentes que ocasionaram a perda de grande parte de seus escritos, a sua produção literária, publicada precisamente após quarenta anos de sua morte, encontra-se coligida em *Obras do Literato Amazonense Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*, em duas edições (de 1850 e de 1899), onde são encontrados orações, sonetos, idílios, odes e dramas.

Para o acadêmico José Pereira Neto (1956), quarto ocupante da Poltrona 21, “A leitura de suas composições revela do autor um espírito simples e reto, compreensivo e generoso. Os contratempos da fortuna e as torturas morais deixam-lhe um travo inalterável de tristeza, amarga mas sem revolta, que muito o distingue e enobrece”.

O ilustre acadêmico Jorge Tufic (1984) ressalta que a obra poética de Tenreiro Aranha

*(...) reflete a mansidão das paisagens bucólicas, a tangência vespéral dos rebanhos e a tutela dos nomes inspiradores. Seus próprios dramas continuam esse diálogo com a natureza e os homens, a terra e os astros, o tempo e a eternidade. Sua obra projeta a imagem de quem soube diluir em suas*

66 *estrofes o sofrimento pessoal, a exaltação encomiástica e a altivez de caráter frente aos insucessos que lhe marcaram a existência.*

Em um de seus Sonetos paradigmáticos, “A um Passarinho, Quando o autor Sofria Vexações”, o autodidata Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, a quem homenageio respeitosamente, traduz os flagrantes de sua vida subjetiva, de seus fenômenos interiores, de seu estado de melancolia e espírito sofredor:

*Passarinho, que logras docemente,  
Os prazeres da amável inocência,  
Livre de que a culpada consciência  
Te aflija, como aflige ao delinquente.*

*Fácil sustente, e sempre mui decente  
Vestido te fornece a Providência,  
Sem futuros prever, tua existência,  
É feliz, limitando-se ao presente.*

*Não assim, ai de mim! porque sofrendo,  
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,  
Sinta também do crime o peso horrendo.*

*Dos homens me rodeia a iniquidade,  
A calúnia me oprime, e ao fim tremendo,  
Me assusta uma espantosa eternidade.*

Reverencio aqui Bento Tenreiro Aranha, falecido em 1811, renovando e reconhecendo perpetuamente seus méritos como administrador público, escritor, jornalista e poeta!

Ao evocar com merecido realce sua memória, destaco também os ilustres acadêmicos Otávio Sarmiento, Leopoldo Carpinteiro Peres, Sócrates Bonfim, José Pereira Neto, Plínio Coelho e Luiz Franco de Sá Bacellar, respectivamente fundador e ocupantes da Poltrona nº 21.

Coube ao manauara Octávio Sarmiento, um dos fundadores da Universidade Livre de Manaus, a honra de ser o primeiro a ocupar a

Poltrona nº 21. Teve publicação póstuma de *Uiara & Outros Poemas*, 67 organizado primorosamente pelo Acadêmico José Maria Pinto (2007:48), que nos alerta:

*Peças suas qualidades, e até pelas suas falhas, que são em bem menor número, a poesia de Octavio Sarmiento deve ser descoberta pelo público e deve ser colocada lado a lado aos grandes de seu tempo. Pois é nisso que reside a imortalidade acadêmica: na permanência da obra.*

O Acadêmico Leopoldo Perez foi o segundo ocupante na Poltrona patrocinada por Tenreiro Aranha. Docente da Faculdade de Direito do Amazonas, exerceu vários cargos públicos, escreveu livros e colaborou em jornais e revistas de Manaus e Rio de Janeiro. *Em Leopoldo Perez jamais se dissociam pensamento e palavra. À geometria surpreendente das ideias corresponde o encantamento do estilo. (...) Fugiu para a vida. Atirou-se para a ação. (...) foi, antes de tudo, um campeão das ideias. (...) Esteve sempre a sua pena e a sua eloquência a prol das causas que elevam e dignificam* (Netto, 1956).

Oriundo de Eirunepé, Sócrates Bonfim sucedeu Leopoldo Perez. Docente da Faculdade de Direito do Amazonas, foi Prefeito de Manaus e fundador da Siderama. Escreveu obras voltadas para a Amazônia, como Valorização da Amazônia e sua Comissão de Planejamento; Valorização Econômica da Amazônia; Programa de Estudos Geológicos e Mineralógicos.

Foi sucedido pelo professor, gestor público e padre nordestino José Pereira Netto. Por ocasião de sua posse na Academia, o acadêmico André Vidal de Araújo (1956) destacou: *Sois, portanto, chamado até nós como um denominador singular pelas vossas virtudes, pela vossa cultura, pela vossa dotação oratória, pelo vosso sacerdócio no magistério, pela vossa sensibilidade.*

Plínio Ramos Coelho, oriundo de Humaitá, foi o quinto a ocupar a Poltrona nº 21. Professor da Faculdade de Direito do Amazonas, lecionou também na Faculdade de Ciências Econômicas. Exerceu a advocacia e foi deputado estadual, federal, procurador da Fazenda e Governador do Amazonas, cassado duas vezes pelo AI-5. Publicou

- 68 obras sobre a Amazônia e estreou na poesia em 2000, com o livro *Vozes da Amazônia*.

O último poeta a ocupar a Poltrona nº 21 foi o ilustre *Luiz Franco de Sá Bacellar*. Manauara, respirava desde a adolescência os ares da poesia. Exerceu o jornalismo, atuou como portuário e comerciário, foi professor no Colégio Estadual Dom Pedro II e no Conservatório Joaquim Franco, da Universidade do Amazonas, e revisor de textos em diversos jornais e na Imprensa Oficial do Estado. Foi uma liderança expressiva do movimento renovador que culminou, em 1954, na fundação do Clube da Madrugada, importante associação literária amazonense, demarcada por uma forte difusão de artistas e movimentos de vanguarda, especialmente os da geração mais jovem.

A sua estreia na literatura foi imediatamente reconhecida. Conquistou, em 1959, o prêmio “Olavo Bilac”, da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, com a sua primeira obra: *Frauta de Barro*. O seu segundo livro, intitulado *Sol de Feira*, recebeu o Prêmio de Poesia do Estado do Amazonas, em 1973.

Dou voz ao Acadêmico Elson Farias (1912: 101 e 102):

*Em Frauta de Barro (...) se ascendem os temas essenciais e mais constantes de sua poética, aspectos críticos sobre a vida urbana de Manaus e questões de ordem existencial e de conquistas do espírito (...). Em Sol de Feira (...) realiza a dissecação lírica de frutos da Amazônia, numa obra exemplar pela unidade estética e o equilíbrio de fatura formal. Lê-se o livro com todos os sentidos à flor da pele, o paladar, o tato, a visão e os ouvidos.*

Ao manifestar emocionada homenagem a Luiz Bacellar, Áureo de Mello (1992) escreveu:

*(...) entendo que a intelectualidade brasileira tome conhecimento da obra poética desse rapaz, cuja cultura invejável se associa à inspiração, preenchendo em nossos dias o vazio deixado pela desaparecimento dos poetas de raça, num campo de arte que vem sendo desmerecido precisamente porque os deuses inspirados rareiam cada vez mais. (...) Bacellar navega e*

anda, num estilo desta época, pelos mares e céus por onde os grandes poetas estiveram, e nós .... batemos palmas freneticamente. 69

Minha sincera homenagem, nossas “palmas frenéticas” ao poeta “comprometido com a revelação dos mistérios do mundo, com a essencialidade das coisas e dos seres” (Telles) e cuja “memória (...) é ao mesmo tempo um culto ao passado e uma denúncia contra a insanidade de um presente que se autoflagela, que se destrói impunemente” (Paulo Graça).

Minha homenagem ao autor de *Quatro Movimentos* (1975), *O Crisântemo de Cem Pétalas* (em parceria com Roberto Evangelista, 1985), *Quarteto* (1998) e *Satori* (2000). Reverencio o acadêmico Bacellar pela força de seu poema e de sua arte, por sua presença imortal! Transpôs os limites do que se convencionou chamar de Literatura Amazonense e se transformou em um dos maiores poetas da Literatura Brasileira, escrevendo definitivamente seu nome na História da Literatura.

Reitero o reconhecimento pelas prodigiosas trajetórias do Patrono e Fundador, e dos Ocupantes da Poltrona 21 da Academia Amazonense de Letras. Ao homenageá-los, enalteço publicamente o mérito que os projetou. Ao fazê-lo, intento humildemente expressar *ad litteram* a imensa honra e responsabilidade a mim destinada ao ocupar a Poltrona 21.

Sim, a mim.... que sou fruto da união de um sertanejo e de uma amazônida. Meu pai, José Mendes, era oriundo do pobre município de Massapê, no Ceará. Conseguiu concluir o curso de medicina a duras penas. Sua família abriu mão de quaisquer outros sonhos e, conjuntamente, pais e irmãos, abraçaram o que se tornou o sonho de toda a família: seu ingresso e conclusão no curso de Medicina.

Sonho realizado, veio iniciar sua carreira no Amazonas, no município de Itacoatiara, onde conheceu e cedeu aos encantos da itacoatiarense Flavia Perales Mendes, minha mãe, e se envolveu ardentemente na política, ao lado de meu avô materno Raimundo Perales. O encontro da saga nordestina e da diversidade amazônica deu origem a

70 cinco cidadãos manauaras (quatro homens e uma mulher), todos a usufruir a vida, graças a Deus, juntamente com minha mãe.

Lamentavelmente, a nossa família não permaneceu completa por muito tempo. Enfrentamos uma súbita e dolorosa ausência, que persiste há 44 anos, desde os meus cinco anos de idade, portanto. No auge de uma promissora carreira médica e política, meu pai, José Mendes, no exercício de seu segundo mandato de Deputado Estadual, teve a vida interrompida drasticamente, aos 43 anos de idade.

Ao partilhar passagem tão cara a todos de nossa família, uma perda realmente irreparável, não pretendo imprimir a esse especial ritual um tom nostálgico, pois tenho plena convicção de que o momento é de celebração! Pretendo apenas dizer-vos “um pouco de quem sou”, de minhas raízes, perdas e conquistas, sonhos e desafios! Quero crer que ao conhecerem alguns “retalhos” de minha história, possam os senhores dimensionar com maior precisão o orgulho e a emoção que estão a sentir meu pai, esteja onde estiver, minha família e meus amigos que aqui me honram com suas presenças.

Minha mãe teve que tomar somente para si a árdua missão de criar os cinco filhos. Priorizou oferecer-lhes uma boa educação. E acalentou um dos sonhos de pai: ver a sua única filha chegar à Universidade! Por tanto, o apoio de meus avós paternos, Adelaide e Raimundo Perales, de tias e tios, foi fundamental. Sem as suas presenças, a desafiante missão não teria sido exitosamente cumprida por minha mãe! Sou eternamente grata!

Aos 21 anos, quando ingressei como docente na Universidade Federal do Amazonas, onde cursei a graduação em serviço social, senti o imenso impacto de quem vinha do Colégio Santa Dorotéia, até então o único espaço de minha vida acadêmica, onde usufruí de bolsa de estudo por treze anos! Uma incrível sensação de liberdade me tomou quando iniciei a minha graduação na Universidade Federal do Amazonas! Abissal diferença! Grata surpresa!

A Universidade Federal do Amazonas foi o palco de muitas descobertas. Nesse espaço aprofundei meu interesse pelas questões sociais, políticas públicas e pelo complexo e instigante mundo do trabalho contemporâneo, atingido diretamente pelas crises mun-

diais, globalização financeira, inovações tecnológicas, produtivas e organizacionais implementadas em velocidade vertiginosa. 71

A interconexão entre o espaço mundial e as particularidades regionais foi condição para pesquisar a reengenharia do trabalho e suas novas formas organizativas nas empresas do Pólo Industrial da Zona Franca de Manaus, dando “voz” aos protagonistas do mundo do trabalho. A revelação de um novo *ethos* traz consigo exigências heterogêneas, onde se destaca quão imprescindível é o comprometimento político com a construção de perspectivas futuras para a efetivação de um projeto civilizatório republicano, frente aos velhos e novos desafios que se intensificaram com o início de um Novo Milênio!

Após vinte e oito anos de dedicação exclusiva à Universidade Federal do Amazonas, de imersão nas complexas questões da educação superior, desenvolvendo atividades sócio-acadêmicas e exercendo a gestão pública federal, aprendi muito! Aprendemos todos os dias! Aprendi, por exemplo, que para além da preciosa singularidade do trabalho de professora, de pesquisadora, extensionista e gestora, o empreendimento coletivo e o interesse do bem comum balizam de forma prevalente os projetos em direção à construção da sociedade que almejamos. Para tanto, a educação, como permanente devenir, sempre ocupará espaço privilegiado de construção.

Trata-se de construção coletiva e cotidiana que exige de cada um de nós: uma profunda e permanente reflexão, pois se permanecermos na exterioridade, apreenderemos somente o momento de manifestação do que queremos compreender e alterar; exige que o exercício da crítica consistente ultrapasse a simples negação, pois reduzida a isso não ultrapassará o que pretende negar; exige a presença da dimensão política, em seu sentido mais amplo, pois a despolitização cria um imenso vazio nas consciências e nas práticas.

Aprendi também ao longo dos anos que inexistente a segurança do acerto ou do erro eterno; que a busca pela liberdade é fundamental, mas também que nenhuma liberdade é tão absoluta que exclua o seu condicionamento; que a vida pode ser generosa porque se ao ultrapassar a “porta aberta” podemos adentrar à sala, a cada sala que se vive descobrem-se tantas outras portas. Mas se arriscar a entrar é condição para o sonho efetivar!

72      Façamos como fizeram os poetas que transformam o amor, a saudade, o desejo, o sonho, enfim, a vida em eterna musa. Homenageemos os que retiram da natureza o motivo para cantar, em versos ou não, amores e dores. E que pela força da obra, da arte, dos poemas, são os únicos capazes de transcender a limitação humana mais cruel, a do fim, da morte. São os únicos verdadeiros imortais, pela força de sua produção intelectual, de sua singular impressão digital, de sua capacidade de transformar sentimentos no que há de mais belo: a poesia.

Agradeço especialmente ao meu marido, Reison, pelo amor e pelo companheirismo ao longo de 35 anos, e aos meus filhos, Lucas e Filipe, expressões desse amor e paixão de nossas vidas. Obrigada por termos tecido a nossa história a “várias mãos”, por meio de uma construção diária e solidária! Cera Coralina nos diz que “Nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas”. Esperançosa de ter sido o coração de vocês por mim tocado, saibam que cada um de vocês “toca profundamente” o meu coração!

Por vossas mãos a porta foi aberta... Por meio de vossas vozes, convidaram-me a entrar... E, neste momento, no Salão do Pensamento Amazônico da Casa de Adriano Jorge, EU AQUI ESTOU, DE CORPO E ALMA!

Muito obrigada!

✶ MÁRCIA PERALES

## — Saudação

*posse da acadêmica* MÁRCIA PERALES

Distinguida pela Presidência desta Casa para saudar a professora doutora Márcia Perales Mendes Silva, uma pergunta que fiz neste plenário, na noite de 18 de novembro de 1994, continua a inquietar-me.

Noventa e cinco anos deste Templo do saber! Quarenta espaldares dourados! Apenas quatro mulheres. Fez silêncio esta Casa à obra de outras merecidas inteligências femininas? Deixaram-se as mulheres reprimir pelo determinismo cultural? Ou terá sido o recolhimento em que muitas se acomodam, a causa de tamanha disparidade? Naquele momento, 76 anos da Academia, eu seria a segunda mulher a ingressar no Silogeu, Violeta Branca, 50 anos antes, a primeira. Logo em seguida, ainda em 1994, chegava para abrilhantar a Casa de Adriano Jorge a confreira Carmen Novoa e, 17 anos depois, em 2011, Mazé Mourão e Marilene Corrêa transpunham o pórtico da imortalidade acadêmica projetando novas luzes no Salão do Pensamento Amazônico.

Após dezenove anos da inquietação lançada aos membros da Academia, a honra e a alegria de ver nesta noite, ultrapassando os umbrais da Casa de Péricles, mais um vulto feminino. A chegada de Márcia Perales Mendes Silva, consagrada pelo voto soberano da urna, é para nós uma indicação de que, apesar de lenta, a composição do Sodalício se altera e diz ser possível antever maior representatividade feminina nesta Casa.

Como instituição guardiã de feitos intelectuais dos humanos, cabe à Academia apresentar, em noites como esta, o perfil daqueles que nos chegam. Por minha voz, a Academia lhes dirá que a acadêmica que nos chega tem direcionado, desde 1986, sua energia e inteligência para os fazeres da educação, trabalho que reputo dos mais importantes porque a educação, ao cuidar do desenvolvimento moral e intelectual do ser humano, possibilita vislumbrar e construir pelo

74 uso da inteligência, da razão, do pensamento, da reflexão e da ação os caminhos que levam ao respeito pela dignidade da pessoa humana e aos fazeres pautados em princípios morais que podem, levando em conta a sabedoria científica, a sabedoria do mundo e a sabedoria da vida, enaltecer a humanidade.

É com essa visão de mundo que nos chega Márcia Perales, cuja existência está comprometida com as causas sociais. Mulher de ideias e de ações, tem contribuído significativamente com outros intelectuais e educadores para a formação de gerações e o desenvolvimento social e cultural do Amazonas, sua terra, sua morada. A mente que nos chega vem para, juntamente com os demais membros desta Casa, aprofundar e construir, no diálogo com as ciências, os estudos sobre o homem e seus fazeres. É com esse ideal que toma assento entre nós esta educadora que se fez e se faz respeitar por sua laboriosa e reconhecida atividade profissional nas salas de aula, na pesquisa, na extensão e na gestão universitária, onde tem se dado por inteiro a todas as tarefas empreendidas.

A ela a honra de ter sido a primeira mulher a ocupar a Reitoria da Universidade Federal do Amazonas, justo no momento em que a primeira universidade brasileira se fez centenária. Chegou ao honroso posto não por dádiva, mas pelo sufrágio nas urnas que diz do reconhecimento aos seus feitos e vividos naquela instituição, nossa Casa, Casa de muitos de nós. Por suas realizações, recebeu da sociedade, entre muitos outros, os prêmios: Personalidade Amazônica 2011 – Prêmio Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente; Mulher de Destaque na Sociedade Manauara, outorgado pela Câmara Municipal de Manaus; e Cidadã Benjaminense, conferido pela Câmara Municipal de Benjamin Constant.

Vem de Jaspers o ensinamento de que é sempre completa a vida de cada um de nós, qualquer que seja a sua duração. Mas sua utilidade não se mede pelo número de anos vividos, senão pelo sentido que lhe é dado. Porque a grandeza potencial da vida dos mortais tem a ver com sua capacidade de produzir obras, feitos e palavras, a existência humana pode ser longa e, apesar disso, não ser vivida plenamente. A despeito de sua mortalidade física, ao deixar atrás de si vestígios imorredouros é possível ao homem alcançar a imortalidade

intelectual que não permite que a mente humana desapareça com o corpo, porque restará sempre alguma coisa que é eterna, que jamais será esquecida, por isso mesmo sobreviverá em suas características individuais, imortalizada na memória dos homens e na história.

Dando-se à tarefa de legar aos pósteros algum vestígio de sua *vida activa*, a inteligência humana atinge uma forma de permanência, de imortalidade potencial que é “continuidade no tempo, vida sem morte nesta terra e neste mundo”. É esta, Senhoras e Senhores, é esta a imortalidade que a Academia Amazonense de Letras concede a Márcia Perales Mendes Silva ao recebê-la, nesta noite, como Membro Efetivo deste Silogeu.

Testemunhas de um tempo em que o conhecimento do universo e da vida conseguiu surpreendente progresso, testemunhamos, também, inúmeros acontecimentos que levam à diluição do homem e à certeza de que, mesmo estando no mundo, ainda não lhe é dado conhecer ou viver a totalidade desse mundo. A compreensão de que a vida não é representada apenas por um corpo vivo, mas essencialmente pelas vivências onde se entrelaçam interioridades e exterioridades, nos leva a afirmar com Jaspers que “o homem que somos e parece a própria evidência é, no entanto, a mais enigmática dentre todas as criaturas” e que é, com os outros homens, outros seres enigmáticos, seus companheiros de destino, que o ser humano se hominimiza para realizar a sua humanidade. Humanidade na qual não se satisfaz em ser, numa quietude fechada em si mesma, aquilo que já é.

A vontade de conhecer, ao mesmo tempo corajosa e temerária, leva o homem a transformar as metas alcançadas em novos pontos de partida. Será pelas ações sobre si mesmo e sobre o mundo que ele dominará a vida e se ultrapassará. Esta a tarefa a que se propõem aqueles que se dedicam a participar da formação de outros homens e à construção e transmissão de antigos e novos conhecimentos. Esta, a tarefa a que Márcia Perales se propôs ao compor o quadro de docentes da Universidade Federal do Amazonas e, a partir de agora, se propõe na Academia Amazonense de Letras.

Márcia Perales Mendes Silva nasceu em Manaus, no dia 27 de abril de 1964. É filha de José Mendes e de Flávia Perales Mendes e, ainda,

76 de um momento conturbado da nossa história, o golpe militar de 64. É casada com Reison e mãe de Lucas e Felipe. Profissionalmente é assistente social e professora do Departamento de Serviço Social do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Ufam.

Não compartilhei com Márcia da sua infância e adolescência, tampouco da sua formação no Ensino Fundamental e Médio realizada entre os anos de 1971 e 1981, como bolsista no Colégio Santa Doroteia. Também não compartilhei da sua formação universitária como estudante do curso de Serviço Social da Ufam, realizado no período de 1982 a 1985. Não vivenciei os primeiros anos da sua vida profissional na Ufam, iniciada em fevereiro de 1986. Desses momentos as informações me chegam pelo seu riquíssimo currículo e de conversas particulares. Meu encontro pessoal com Márcia Perales ocorreria um pouco mais tarde, no decurso de nossos fazeres acadêmicos na Universidade Federal do Amazonas, espaço profissional partilhado por ambas. Eu atuando no magistério da Filosofia no ICHL, e da Pedagogia no Programa de Pós-Graduação em Educação; ela no magistério de Serviço Social.

Uma aproximação maior se daria quando, em 1992, a competente professora se tornou, por pouco tempo, aluna do Mestrado em Educação, primeiro curso de mestrado criado na Região Norte, do qual sou decana e integro seu corpo docente desde 1985, data de sua criação. Ali, no meu magistério, a estima pela pessoa e a admiração por sua inteligência cresceram. Convivência suspensa porque Márcia participaria, com êxito, da seleção do Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para onde se dirigiu e deu continuidade aos estudos de pós-graduação *stricto sensu*, obtendo, em 1995, o título de Mestre em Serviço Social defendendo a dissertação intitulada "Da Formação Acadêmica ao Exercício Profissional: a construção discursiva dos Assistentes Sociais". Ali também conquistaria, no ano de 2000, o título de Doutora em Serviço Social ao defender a tese "Expressões do Mundo do Trabalho Contemporâneo: um estudo sobre os trabalhadores do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus".

Concluídos os estudos, retorno às atividades na Ufam, em 2005 uma nova aproximação. Dessa feita, ela pró-reitora de Extensão e In-

teriorização, eu diretora da Faculdade de Educação. Naquele momento entrelaçamos as mãos e as mentes para a realização de alguns trabalhos, dois dos quais envolviam grandes desafios: o primeiro, a implantação de Unidades Acadêmicas no interior do Estado do Amazonas; o segundo, a organização e execução das comemorações dos cem anos da Ufam. Aquele, a implantação de cinco Unidades Acadêmicas no interior, foi um trabalho que considero dos mais importantes da minha carreira universitária. O grande valor atribuído a tal realização não decorre, apenas, do processo de implantação em si mesmo, mas, fundamentalmente, pelo significado da ação para aqueles que vivem no seio das matas, nas barrancas dos rios e nas pequenas cidades do interior do Amazonas. Aqueles que passaram a sonhar um sonho já não mais sonhado, a realização de um curso superior.

Em ambos, para além do papel de educadoras, tínhamos diante de nós árdua tarefa administrativa e política. No desempenho daquelas missões, convivi muito de perto com as dimensões: individual, intelectual, moral e profissional de Márcia Perales. Ali, a convivência nos levou a transpor os níveis do coleguismo e do companheirismo para atingirmos um nível bem mais profundo, o nível da amizade. Amizade que partilho com orgulho, porque se trata de amizade por uma pessoa que reputo digna e competente.

Dito dos vividos, falemos dos feitos de Márcia Perales como integrante do corpo docente da Ufam e intelectual voltada para registrar, preservar, formular, debater, validar, promover e transmitir conhecimentos nas funções de professora, administradora, extensionista e pesquisadora que lhes proporcionaram a condição de Membro Efetivo desta Casa.

Como professora do curso de Serviço Social do ICHL, Márcia Perales tem desenvolvido suas atividades em nível de graduação e de pós-graduação: na graduação ministrou, até o momento, as disciplinas: Trabalho e Contemporaneidade; Introdução ao Serviço Social; Serviço Social e Instituição; Serviço Social na Área Empresarial; Teoria do Serviço social; Pesquisa em Serviço Social; Planejamento em Serviço Social; Ética Profissional; Estágio; Gestão e Planejamento.

Na pós-graduação, como professora do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia, foi responsável pelas disciplinas: Gestão das Po-

78 líticas Sociais na Amazônia; Crises Capitalistas e Reestruturação Produtiva; Trabalho e Contemporaneidade; Metodologia da Pesquisa Científica; Pesquisa em Serviço Social; e Seminário de Pesquisa. Ainda na condição de professora, orientou 4 Dissertações de Mestrado; 2 Monografias de Especialização; 13 Trabalhos de Final de Curso e 12 Projetos de Iniciação Científica.

Como gestora na Universidade Federal do Amazonas, Márcia Perales tornou-se, em 2009, como já foi dito, a primeira mulher a ocupar o cargo de reitora da Ufam e presidente da Fundação Universidade do Amazonas. Na condição de reitora preside os três Conselhos Superiores: Consuni, Consad e Consep e mais o Conselho de Administração do Hospital Universitário Getúlio Vargas e o Conselho Gestor do Hospital Francisca Mendes. Concomitantemente desempenha as funções de membro da Diretoria Regional da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior – Andifes, na Comissão Nacional de Pós-Graduação; e de membro do Conselho Deliberativo do Cebrae. Foi, também, presidente do Fórum de Reitores da Região Norte, no período de 2009/2011.

Antes disso desempenhou, dentre outras, as funções de: membro do Comitê Assessor Local do Pibic de Ciências Sociais Aplicadas; chefe do Departamento de Serviço Social; coordenadora do Curso e do Colegiado de Curso de Serviço Social; e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade Natureza e Cultura na Amazônia.

Nas atividades de extensão, além de ter sido pró-reitora, desenvolveu mais de 15 projetos visando pôr em prática, com e nas comunidades, novas ideias e orientações. Nesse campo de atuação, foi presidente da Comissão do Centenário da Ufam; coordenadora do Programa de Extensão Universitária Sem Fronteiras; do Programa Atividade Curricular de Extensão – Pace; do Convênio de Implantação dos Campi e Centro de Antropologia; e do Projeto Diminuindo Contrates. Trabalhou na elaboração do Diagnóstico Socioeconômico para o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus, junto ao Banco Mundial e no Projeto de Cooperação entre a Amazônia Celular e a Universidade Federal do Amazonas.

No campo da pesquisa, foram mais de 20 projetos desenvolvidos por Márcia Perales, todos eles a debater e demonstrar a sua inquietude.

tação e, muitas vezes, a sua inconformidade e indignação com o tratamento dado às questões do trabalho no chão de fábrica; da criança e do adolescente, em especial das violações de seus direitos; e da formação e atuação dos assistentes sociais em Manaus.

Quem perلustrar o itinerário intelectual de Márcia Perales há de notar que a produção que a Casa de Adriano Jorge acolheu deságua no vasto estuário das questões sociais, em especial na discussão, reflexão e encaminhamento de questões da sociedade amazonense. Seus estudos e pesquisas foram e são divulgados em livros, artigos em revistas e anais; expostos e debatidos em congressos e seminários locais, nacionais e internacionais.

Ainda em cumprimento à ritualística acadêmica, devo falar dos escritos de Márcia Perales, para tanto escolhi dizer, de forma brevíssima, apenas do conteúdo e sentido do seu livro intitulado “Expressões do Mundo do Trabalho Contemporâneo: um olhar para os trabalhadores do Parque Industrial de Manaus”, escrito em 2000 e publicado pela Edua, em 2010.

Nele as preocupações, ideias e reflexões de Márcia Perales são desenvolvidas em quatro grandes eixos: 1) A nova ofensiva do capital na Amazônia; 2) As expressões dos operadores de produção do Distrito Industrial de Manaus; 3) O perfil dos Trabalhadores do Distrito Industrial, e 4) As expressões das Assistentes Sociais do Distrito Industrial de Manaus. O conteúdo do livro põe em evidência, com bastante clareza, a realidade do Distrito Industrial de Manaus e as consequências advindas das metamorfoses por que passava aquele campo de trabalho no momento da realização da pesquisa em função, como expõe, da implantação de políticas neoliberais que levavam à reversão de direitos trabalhistas; a fragilização das formas organizativas dos trabalhadores; a evangelização da competitividade; a santificação do mercado; o “envolvimento” e “participação” dos trabalhadores por meio do consentimento passivo, denominado de Consenso.

Dialogando com alguns teóricos, entre os quais Mandel, Harvey, Mezaros, Mattoso e Gramsci, Márcia Perales afirma, em consonância com as ideias dos referidos pensadores, que a força propulsora de toda atividade capitalista é o lucro e que o descompasso entre a

80 produção e a circulação de mercadorias leva à crise do capital que se manifesta na queda da taxa de lucro. Afirma, ainda, que tais questões não aparecem como “acidentes de percurso”, mas como fatores estruturais influenciados por fatores conjunturais.

Suas análises demonstram que a instalação da crise leva o capital a buscar novos caminhos, a definir novas políticas com vistas a superá-la e, com isso, reestruturar-se em novas bases em busca da lucratividade perdida. Trata-se, diz Márcia, de um novo *ethos*, sobretudo, de novas formas de subordinação do trabalho ao capital fomentadas por uma cultura que tem minimizado as potencialidades da classe trabalhadora para discernir, projetar e agir coletivamente para minimizar as relações sociais de dominação que imperam nas relações de classe.

No particular do Distrito Industrial de Manaus, campo de sua pesquisa desenvolvida no período de 1997/2000, o estudo sobre o trabalho e agentes de trabalho na produção local, sustentado nos fundamentos da fenomenologia, da hermenêutica e da dialética, revela o ser social que tais processos passam a modelar, assim como as formas de organização das mediações realizadas pelos assistentes sociais e os operadores de produção; desvenda esses movimentos na sociedade amazonense e na base da produção do Polo Industrial de Manaus e apresenta as percepções objetivas do pensamento e da ação da classe operária no Amazonas no momento em que o capital se movia contra as organizações dos trabalhadores em busca da paralisia política, do enfraquecimento do movimento sindical, da passivação das consciências, com vistas à implantação da política de terceirização da mão de obra, da cultura da qualidade “total” e da competitividade, delineadas por meio de contornos de “colaboracionismo” e “parcerias” apregoadas pela ideologia neoliberal. Programa-se o novo para manutenção do velho, diz Márcia Perales.

Conclui o estudo afirmando:

*Os trabalhadores vivem os processos de reestruturação produtiva, a globalização e a flexibilização de suas relações de trabalho. Sentem o seu potencial produtivo, a intensificação de sua força de trabalho, as relações de exploração que caracterizam o espaço fabril, a parca remuneração que*

*não lhes permite vida com dignidade. Vislumbram trabalho e vida com qualidade e dignidade. Entretanto, não conseguem dar a inteligibilidade necessária ao viver, ao sentir e ao vislumbrar, limitando-se a “acatar” as novas determinações impostas, pressionados, sobretudo, pelo fechamento de postos de trabalho, perda de espaço profissional e alta taxa de desemprego (p. 300).*

81

Ao findar esta breve exposição de uma das vertentes do pensamento da novel acadêmica, trago à tribuna, pela minha voz, as palavras da confrreira e cientista social Marilene Corrêa da Silva Freitas, colega e amiga querida desde lá de longe, na Concórdia, no rio serpente, o Juruá, que diz com correção, ao prefaciар a obra em referência, da importância e do valor do estudo de Márcia Perales.

*A pesquisa de doutorado de Márcia Perales Mendes Silva [...] base original deste livro, torna-se referência obrigatória para os estudiosos da sociedade capitalista contemporânea, de suas estratégias de formação e de reprodução da classe trabalhadora, de mecanismos e instrumentos do que hoje chamamos de gestão das pessoas, e, ainda, de estudos acerca de tecnologias e processos de relações industriais constitutivos do mundo da produção a partir da apreensão do mundo do trabalho. É, portanto, estudo pioneiro, instigante, de densidade e profundidade teórica incontesteáveis, o que já indica traços do trabalho acadêmico cuidadoso, com o rigor que a articulação lógico-empírica exige.*

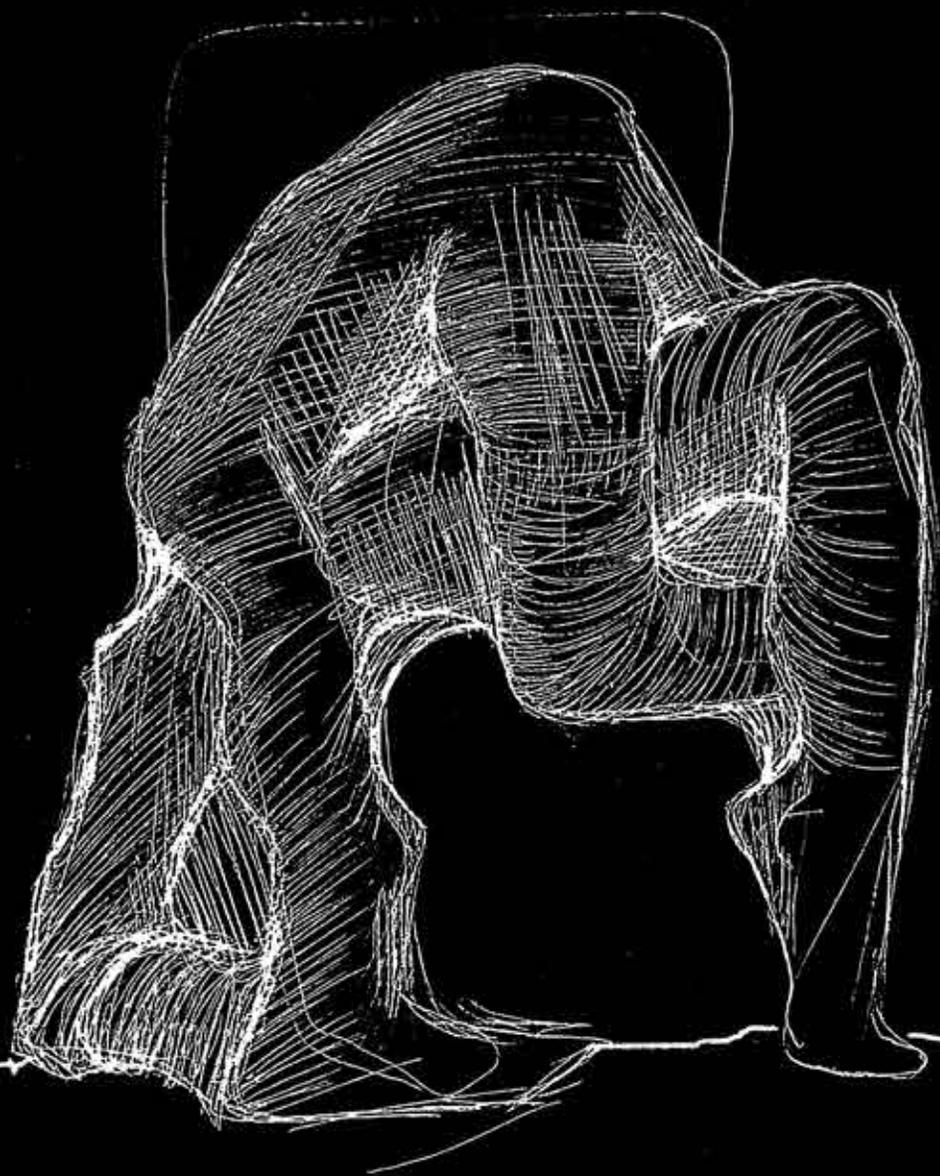
Penso haver exposto as razões pelas quais a Academia Amazonense de Letras recebe, celebra e homenageia, nesta noite, a professora doutora Márcia Perales Mendes Silva que nos chega para compartilhar a contemporaneidade deste Silogeu ocupando a Cadeira n.º 21, que tem o patronato do poeta Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha e por antecessores os acadêmicos Octávio Sarmiento, Leopoldo Péres, Sócrates Bonfim, José Pereira Neto, Plínio Coelho e Luiz Bacellar, os quais reverencio por suas inteligências e feitos.

Acadêmica Márcia Perales Mendes Silva, em nome dos Membros desta Casa, dou-lhe as boas-vindas. Tome assento entre nós e “receba

82 as luzes que aqui podem os humanos encontrar pela imortalidade acadêmica”. Seja feliz em nossa convivência.

Com a simbologia do abraço, que diz do respeito, da amizade e do reconhecimento, a todos que nos honram com suas presenças, homenageio.

✿ ROSA MENDONÇA DE BRITO



Nov 22-1

## — A palavra do presidente

DIA NACIONAL DAS ACADEMIAS<sup>1</sup>

1. Evento realizado em 21 de junho de 2013, na sessão solene de concessão do título de membro benemérito ao ex-prefeito de Manaus, senhor Serafim Corrêa

As Academias de Letras existem para cultivar os idiomas, aperfeiçoar as línguas, defender as letras, divulgar e desenvolver a literatura. É a regra. O cânon. O fim precípua. Razão pela qual a nossa Academia estabelece como norma pétrea, no artigo 1º de sua lei mater que seu objetivo “é o cultivo do idioma e da literatura nacional e, mediante ação individual ou coletiva de seus membros, promover a cultura em todos os seus aspectos”. Exatamente isso é que a nossa Arcádia tem feito, vem realizando, sempre, em todas as etapas de sua fecunda existência. Como, por exemplo, o evento desta noite, envolto em júbilo e beleza, encanto e magia; solenidade revestida de gala e pompa. Porque, no salão nobre do Pensamento Amazônico “Péricles Moraes” a Academia festeja o Dia Nacional das Academias de Letras do Brasil, preito do país à arte literária, à cultura das letras, ao cultivo do idioma. E ao celebrar a data o Silogeu amazonense oferece à sociedade, aos cultores das letras e aos amantes da sagrada literatura um programa especial no qual se festeja a gratidão e celebra o respeito e consagra a amizade.

A gratidão veste o reconhecimento da Casa pela ação de um homem de bem, de um cidadão exemplar infenso a nódoa do mal da época - a corrupção -, um cidadão que, sendo reserva moral, como é reconhecido e aplaudido nesta terra, consegue manter-se fora do alcance da mácula que denigre certos políticos imaturos, transformados em títeres do Poder, em todos os quadrantes da Pátria. Desse nobre varão - Serafim Corrêa -, melhor dirá orador da solenidade, acadêmico Elson Farias.

Parceiro magnânimo e magnífico de nossa Academia, sempre presente em nossos saraus e solenidades mais significativas, o cinqüentão, quase sessentão Coral João Gomes Júnior, fruto do labor

85  
constante e continuado dessa admirável sacerdotisa da música e do canto coral do Amazonas, Dr<sup>a</sup> Cleomar Feitosa, esse notável grupo artístico sob a batuta do maestro Moisés Rodrigues, brindará a todos com belas peças de seu joierado seletto repertório.

Dando continuidade às homenagens que a Academia vem prestando ao poeta Vinicius de Moraes, no ano de seu centenário de nascimento (2013) que lhe é dedicado pelo nosso Silogeu, o inspirado artista da palavra, Dorí Carvalho, declamará poemas do poetinha.

Finalmente, porque as Academias vivem de literatura, autografarei, ao final da festa, o livro de poemas "MULHERES", dedicado ao elenco feminino presente a esta solenidade, e o farei logo após a apresentação da obra pela queridíssima confrreira Carmen Novoa Silva.

Sob a deliciosa impressão das telas maravilhosas de Moacir Andrade, este consagrado, mundialmente, paisagista dos trópicos, expostas na sala Memória Mário Ypiranga Monteiro para regalo de nossos olhos e satisfação de nossa emotividade, declaro aberta a sessão.

✿ ALMIR DINIZ

## — Saudação

DIA NACIONAL DAS ACADEMIAS

A Academia hoje abriga uma noite rica em acontecimentos. Realiza exposição com pequena amostra da obra do artista Moacir Andrade e o lançamento de um livro de poemas de Almir Diniz sobre as mulheres, ambos membros efetivos da Casa.

Por instituir 2013 o ano Vinicius de Moraes, marcando o centenário de nascimento do poeta de *O dia da criação*, a Academia também o lembra nesta noite, por meio de poemas interpretados pelo igualmente poeta e ator, que eu chamaria de jogral dos tempos atuais Dori Carvalho.

Teremos ainda a presença do Coral João Gomes Júnior, que já se pode considerar prata da casa.

Entre todos esses eventos registra-se o Dia Nacional das Academias de Letras do Brasil, criadas a partir da Academia Brasileira, por sua vez instituída nos moldes da francesa. A Academia Amazonense não achou melhor forma de celebrar a data. Juntou ao programa desta noite, em reconhecimento a um dos benfeitores desta Casa de Cultura, a acolhida aos seus quadros, na categoria de membro benemérito, o Sr. Serafim Corrêa.

As Academias de Letras, desde o seu modelo francês, tem por tradição o apoio dos poderes do Estado. Dir-se-ia que são instituições de natureza jurídica assemelhada às paraestatais. Desde a fundação no século XVII, a Academia Francesa recebe apoio governamental. Mais precisamente, desde 1635, quando foi criada no reinado de Luís XIII. O cardeal de Richelieu, o todo-poderoso ministro do Reino, adotou-a como um instituto reservado à sua proteção pessoal. Nessa linha de procedimento, a partir da República, o presidente francês herdou a prerrogativa de exercer essa função e deter, no recinto de reuniões da Casa, um lugar a ele destinado, por imperativo da própria constituição francesa.

Ao assumir a administração de Manaus em 2004, o prefeito Serafim Corrêa abraçou como instrumento de escuta, para medir as aspirações dos moradores da cidade, uns almoços de trabalho que eram realizados no seu gabinete. Em ambiente sóbrio e austero o que desejava mesmo o prefeito era ouvir os seus concidadãos, sobre as carências da cidade e a forma de resolvê-las.

Na qualidade de presidente da Academia fui chamado pelo prefeito para um desses almoços.

Não foi com surpresa que percebi que o prato principal do cardápio era a situação da Academia. O prefeito desejava saber como funcionava a Casa, se os seus membros contribuía com algum tipo de estipêndio, para cobrir com as despesas de custeio, manutenção do prédio e de suas instalações, salário de servidores, entre outros pormenores.

Informei-lhe de que a Academia se mantinha com a ajuda do Poder Público, por meio de convênios periódicos celebrados sem um sentido de continuidade, sempre a depender do “de acordo” dos seus titulares. Tanto é assim que a ajuda governamental só acontece quando ocorre o pacto de boa vontade dos governantes com largos interregnos de um período a outro. Por isso a Academia, que se aproxima de celebrar o centenário, tem passado por temporadas de penúria. Já tive a oportunidade de testemunhar isso. Djalma Batista, ao exercer a sua presidência, sacava recursos do próprio bolso para cobrir essas despesas. A Academia vivia fechada, e só abria as portas para reuniões esporádicas ou posse de um novo “imortal”.

Nesse almoço, ante os fatos apreciados, eclodiu a ideia de uma forma legal de ajudar a Academia e, ao mesmo tempo, beneficiar os segmentos administrativos municipais nas áreas da educação e da cultura, com o seu pleno funcionamento. O prefeito autorizou-me a concretizar a matéria de nossa conversa naquele encontro.

Saí em campo e, com o apoio integral da unanimidade dos confrades, em particular, com a ajuda do confrade Francisco Gomes da Silva, elaboramos o projeto de lei e a mensagem encaminhada à Câmara Municipal pelo prefeito, contando, ainda, nas demandas do processo legislativo, com a diligência dos nobres confrades senador Jefferson Péres, que já não se encontra entre nós, e Marcus Bar-

88 ros que, àquela altura, exercia a função de secretário de Governo do prefeito.

Aí foi editada a Lei nº 1.167, de 16 de novembro de 2007, que concedia à Casa de Péricles Moraes a condição de órgão consultivo da cidade de Manaus, nos domínios do cultivo do idioma e da literatura nacional. Concedia, ao mesmo tempo, uma verba consignada no orçamento anual da municipalidade, para a sua manutenção, a ser transferida em duodécimos aos cofres da entidade. Em contrapartida a Casa comprometia-se a encaminhar às bibliotecas e escolas do município, que contam cerca de quinhentas unidades, todas as publicações editadas pela Academia, a revista, a coleção dos Clássicos da Academia, destinada a reeditar obras dos titulares do passado e as coleções de hoje, reservadas aos acadêmicos contemporâneos.

A Academia passou a abrir as portas às crianças das escolas municipais que são recebidas por um acadêmico especialmente designado para contar a história da Casa e acompanhá-las na visitação às suas dependências.

Promovem-se, ainda, ações de incentivo à leitura e o despertar das crianças e jovens de Manaus para a criação poética, como se fez por meio do programa *Nas asas das letras*.

Senhoras e Senhores Acadêmicos,  
Minhas senhoras e meus senhores,

Essa é a história e a razão da acolhida nos quadros desta Casa, na categoria de membro benemérito, do nobre cidadão de Manaus Serafim Corrêa, um dos mais probos, dignos e competentes administradores públicos de nossa terra.

Senhor Serafim Corrêa, seja um dos nossos pela inteligência e pela força do coração.

Muito obrigado.

ELSON FARIAS

## — Homenagem merecida<sup>1</sup>

MISSÃO CUMPRIDA

Não cometerei a imodéstia de afirmar, no início destas palavras, que elas poderiam ser ditas por pessoa mais indicada, dentro do conjunto enorme de amigos do deputado Bernardo Cabral. Se cabe da parte dos aqui presentes a permissão para o vitupério, eu diria ser neste instante, pelo imperativo da amizade, o homem certo no lugar certo.

Não que me sobrem apanágios de cultura que permitam o pronunciamento de uma peça capaz de emocionar os julgadores do Nobel de literatura... Mas de uma coisa estou convicto e proclamo: ao falar nesta homenagem pelos amigos de Bernardo Cabral, assumo a empreitada com a plena certeza de que na alta responsabilidade do encargo que as circunstâncias benfazejas da vida a mim concederam, vai um sentido de honesta sinceridade tão grande, que mesmo aqueles que não me conhecem mais de perto, sentirão que as minhas palavras são a expressão da verdade mais fraterna e não a simples manifestação de alguém apenas desejoso de se desincumbir de um encargo.

Alinho-me, como tantos amigos que se encontram neste recinto, entre aqueles que não apenas deram o seu voto isolado, como trabalharam duramente pela eleição de Bernardo Cabral à Câmara dos Deputados. O que esperávamos dele? Compensações posteriores pelo voto concedido, pedindo-lhe favores, empregos ou vantagens? Nem pensar. Eu tinha em mente, como estou certo de que os demais também tinham, em primeiro plano, o conhecimento da comprovada competência do nosso candidato, pelo repassar de sua vida pregressa desde os bancos escolares até a presidência da Ordem dos Advogados do Brasil, em plano posterior, mas nem por isso menos importante, a plena noção do que ele representara, de atuante e eficiente, como representante mais votado do Amazonas na Câmara Federal, até a cassação do seu bravo mandato, em 1968.

1. Pronunciamento feito em Manaus, no dia 20 de outubro de 1988. Publicado no livro Bernardo Cabral - Um paladino da democracia.

90 E o tempo apenas se encarregou de mostrar que aqueles que haviam sufragado o nome de Bernardo Cabral, aqueles que haviam depositado no relicário do seu caráter o voto de sua confiança e da certeza de que ele corresponderia à missão que lhe estava sendo confiada, haviam acertado plenamente e só tinham, antes como agora, razões para se sentirem orgulhosos de sua opção.

A democracia é construída com escolhas assim. É certo que os sufragistas podem, às vezes, indicar para os postos eletivos pessoas desprovidas de qualquer sentimento que não seja o do mais frio, cruel e insensível egoísmo, pessoas que após eleitas passam a considerar o povo tão distante de si como habitantes de galáxias distintas. Mas no momento em que se escolhe um homem com a retidão moral e com a formação humanística de um Bernardo Cabral, o instituto do voto secreto, livre e universal se redime de pleno direito perante as consciências e dá aos que defendem o regime da representatividade popular em parlamentos, as armas de que carecem para manter viva e desfraldada a bandeira alvinitente e pura da democracia.

Saúdo, portanto, a ti, Bernardo Cabral, filho de Antônio Andorinha Cabral e Cecília Cabral, em nome da tua legião de amigos e companheiros de lutas; dos que estão presentes e dos que não puderam estar aqui; dos que vivem no Amazonas e dos que se espalham pelo país todo; dos que estão no Brasil e dos que residem no estrangeiro; dos que te admiram pelo que tu és, pelo que tu representas como paradigma da dignidade política, pelo que tu significas como exemplo a ser seguido, nesta hora triste de vacilações e temores, em que muitos homens públicos não se mostram a altura do desafio dos tempos difíceis que vivemos; dos camaradas vivos e dos que partiram há muito; de todos, enfim, que te estimam e te respeitam.

Que Deus, o supremo artífice dos mundos, o grande arquiteto do universo, o ser magnificente que vela pela humanidade, derrame sobre a tua cabeça as bênçãos misericordiosas do seu amor e tu tenhas pela frente muitos e muitos anos de vida, para poderes dar à terra amada da tua nascença, e ao Brasil, outras manifestações incomparáveis do teu talento, do teu amor brasílico, do teu caráter retilíneo, da tua capacidade de seres autêntico, tal como fizestes agora,

exaltando o Amazonas e honrando a tua e a nossa condição de ca- 91  
boclos, como relator-artífice da Constituição brasileira de 1988.

Muito obrigado, Cabral.

¶ ARLINDO PORTO





## — Pátria minha

VINICIUS DE MORAES

A minha pátria é como se não fosse, é íntima  
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo  
É minha pátria. Por isso, no exílio  
Assistindo dormir meu filho  
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:  
Não sei. De fato, não sei  
Como, por que e quando a minha pátria  
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água  
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa  
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria  
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...  
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias  
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos  
E sem meias pátria minha  
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho  
Pátria, eu semente que nasci do vento  
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço



Vi minha humilde morte cara a cara  
Rasguei poemas, mulheres, horizontes  
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta  
Lábaro não; a minha pátria é desolação  
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta  
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular  
Que bebe nuvem, come terra  
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem  
Um libertas quae sera tamem  
Que um dia traduzi num exame escrito:  
"Liberta que serás também"  
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa  
Que brinca em teus cabelos e te alisa  
Pátria minha, e perfuma o teu chão...  
Que vontade de adormecer-me  
Entre teus doces montes, pátria minha  
Atento à fome em tuas entranhas  
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha  
Teu nome é pátria amada, é patriazinha  
Não rima com mãe gentil

Vives em mim como uma filha, que és  
Uma ilha de ternura: a Ilha  
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia  
E pedirei que peça ao rouxinol do dia  
Que peça ao sabiá  
Para levar-te presto este avigrama:  
“Pátria minha, saudades de quem te ama...  
Vinicius de Moraes”.

— Amazonas

JONAS DA SILVA

Tal Agassiz, no barco - o Icamiaba  
Vim também visitar o Rio Oceano  
Que Orellana desceu primeiro e ufano  
E que acolheu na morte a Ajuricaba...

Tenho aqui meus amores, minha taba...  
Amo este pôr do sol, como o indiano  
E amo o japiim e o grito do tucano  
Quando é tempo dos cachos da bacaba...

Tomba das altas árvores a arara  
Quando à zarabatana a fina seta  
O índio, em caçada, para o azul dispara...

Choram de dor, na voz destas cachoeiras,  
O grande Euclides, dos "Sertões" e o poeta  
Que cantou: "Minha terra tem palmeiras..."

## — Ajuricaba

LAFAYETTE VIEIRA

Talvez mais desumana,  
ou mais profana,  
do que a escravidão do negro,  
na Amazônia,  
tenha sido a escravidão indígena,  
por ofender a geometria telúrica, singela: -  
o índio não era mero locatário  
da terra - era muito mais,  
era dono dela; e também córrego,  
do vento, da chuva, da praia, do olho-d'água  
e até do rio - o Amazonas soberano,  
com ondas de grandeza  
e largura de oceano.  
Como todos os pássaros, o nativo  
não subsistirá cativo,  
porque, na sua mais pura essência,  
a liberdade é o seu oxigênio  
e a amplidão sua existência.  
Eis, enfim, a razão ou causa infinita  
porque o tuxaua Ajuricaba, da tribo dos Manáos, vivente  
entre os rios Negro e Branco,  
provocou, em 1639, um levante armado  
contra os alienígenas invasores.

Colonos, sertanistas e até religiosos  
utilizavam tribos inteiras  
para todos os serviços.  
A marca com um ferro em brasa,  
no peito do gentio,  
era símbolo de propriedade dos Senhores.  
Contra a história que, naquele ano,  
um sargento das tropas portuguesas,  
de nome Guilherme Valente, para prover-se,  
deixou-se amar pela filha de um outro chefe silvícola.  
Para Ajuricaba o ato foi humilhante.  
Assim, de logo, com meus guerreiros,  
munidos de armas rústicas - o tacape, bordunas, flechas  
invadiram as feitorias, libertaram irmãos do cativoiro.  
Tropas lusitanas, sediadas em Belém, do Grão-Pará,  
sufocaram a rebelião.  
Ajuricaba, “o caudilho da selva”, vencido,  
foi aprisionado e algemado.  
Numa embarcação, no frio convés,  
ia ser levado para Belém,  
pra expiar o seu revés.  
A embarcação, soltas as amarras,  
largou o cais.  
Partiu, foi indo, deixando nas escuras águas  
um rastro de adeus,  
o poema fatal do nunca mais.

Próssegue a história e conclui  
que quando o barco se aproxima  
do encontro das águas - Negro versus Solimões -,  
Solimões versus rio Negro - águas fulvas, águas negras,  
Ajuricaba, driblando os seus algozes,  
subiu ao tombadilho  
e atirou-se nas águas murmurantes -  
ainda no afluente Negro do colossal rio Amazonas.  
Ajuricaba, índio amazonense, guerreiro bravo,  
preferiu morrer afogado  
a viver como escravo.  
uma imensurável prova de amor e dignidade,  
a dizer ao mundo  
que a própria vida  
jamais será maior que a liberdade.

— **Natal em meu bairro**

JORGE TUFIC

*para Almir Diniz*

Depois da chuva queda-se uma pluma  
sobre o bairro em que moro. E das janelas  
vê-se o dia enrolado nas flanelas  
de um céu que cresce e aos poucos se avoluma.

Em busca de outro azul o olhar se exuma  
das cavernas do ser; ainda mais belas  
as mãos de Deus dão sopro às aquarelas  
e as estrelas se acendem, de uma a uma.

A pluma agora pousa na varanda  
de um pedaço de chão, onde há, contudo,  
auras e nuvens que o desterro abrandam.

Corre um frisson no ar: pelejam-se asas  
por trás da luz que paira sobre tudo,  
e acolhe o Cristo em todas estas casas.

— 55

ANTÍSTHENES PINTO

*para Ulysses Bittencourt*

Manaus fora uma vila  
modorrenta, solitária,  
plangente, ora hirsuta,  
lépida às vezes,  
mascando suas nuvens  
e os lençóis de águas  
doces, amarelas,  
negras de pele  
os seus ombros estendiam  
ao vento para o beijo  
de amor de seus vivos.  
e fibrosos mortos  
Manaus plena, a chuva  
rolando-lhe a face,  
seus pés só de gestos  
e de vertigens  
em flor marcava  
os seus dias,  
Manaus limpa renascia  
sobre pontes,  
sob ardentes copas,  
a canção acontecia.

Quisessem  
os pássaros ou os pianos  
à miragem dos graves  
brasis de nervos e ossos,  
Manaus punha no punho  
um intimatoro sangue  
de tão verde correria  
que revendo a distância  
além da urbe esplendia.



— Lembrando Luiz Bacellar

FRANCISCO VASCONCELOS

A heráldica lembrança do Poeta  
se eterniza nos poemas que deixou.  
Nos poemas  
e na sempre presença de seus gestos,  
de seu estranho jeito de ser,  
exigente na postura  
e no inimitável modo de olhar e sentir o mundo.  
Quão diferente foi ele na ortodoxia de seus querereres,  
na curiosa excentricidade de seus costumes  
e, sobretudo, na indiscutível perfeição de seu fazer poético.  
Cauteloso artesão das letras,  
os versos que prodigamente nos deixou  
têm sabor de luas dadivosas,  
dessas que nos inundam a alma  
de uma inarredável vontade de querer mais e mais.

Exímio alquimista do belo,  
era do mais íntimo de seu sensível ser  
que lograva transformar em poesia,  
até mesmo o insólito e desprezível,  
como fez ao lamentar a sorte dos indesejáveis moradores  
dos esconderijos feitos ao pé das velhas e românticas man-  
gueiras da Rua da Conceição.

*(onde irão morar os ratos, de ventre gordo e pelado?)*

De tais mangueiras, chegou, até mesmo a ouvir a saudosa  
conversa, nos seus lamentos e nas ternas reminiscências *ca-*  
*semirianas*.

*(Oh que saudades que tenho...)*

E era tal lembrança que tinha da *Rua da Conceição*,  
que fico a imaginar ter sido também ali por perto que,  
cauteloso e cismarento,  
escondia seus ardentes desejos do solitário  
e consciente eremita que fora a vida inteira.

Na abrangente alquimia de seus versos,  
com um simples *giro do polegar* nas pedras de seu isqueiro  
despertava miríades de estrelas,  
logo surgindo (*só para vê-las*) a bailarina chama  
na qual, compulsiva e inevitavelmente,  
se comprazia em atender os nicóticos caprichos  
do seu mais frequente e traiçoeiro amigo,  
precursor da agonia.

E as recordações que tinha ele das *treze casas da rua*,  
numa das quais morou por muito tempo!  
Como esquecer a terna e doce balada que dedicou  
à *Senhora Dona Donana, ex-dona do quarteirão?*

Ah, Poeta, quanta saudade plantaste com teus versos.  
Agora, velho amigo,  
livre das amarras que te continham,  
é com a certeza do eterno que segues o teu caminhar.  
E vais vestido exatamente como gostarias de ir:  
*paletó feito de brumas,*  
*camisa de neblina,*  
*cachecol à moda russa*  
e, na lapela,  
*um breve floco de nuvens.*  
Vai, poeta!  
Os que ficamos,  
por muito tempo  
ouviremos embevecidos  
os maviosos sons de tua *frauta de barro...*

## — Paixão por Manaus<sup>1</sup>

ALÍCIA COELHO DA SILVA MORAIS

Na paixão somente o coração  
Tem razão pra falar  
O devaneio de Manaus cantar  
Me leva a emoção com o sabor de amar.

Saudades, doces lembranças  
Das praças, dos arraiais,  
Dos parques, das brincadeiras,  
Das danças e dos festivais.

Cadê tuas pastoras tão lindas?  
Elas eram o mimo de cada lugar.  
De noite lavavam as mágoas  
De dia tiravam o suor  
Com o anil do alvaiade e as águas do Mocó.

A minha paixão por ti, Manaus,  
Chegou como o amanhecer,  
Sem eu perceber, meu benquerer  
Como o pôr do sol no entardecer.

Manaus, tu és minha proposta amorosa  
A contemplar-me como um mar de rosas,  
Sem falsidade e com muito carinho,

*1. Poema premiado no concurso "Manaus & Poesia 2012", promovido pela AAL.*

Como uma linda flor sem espinhos.  
A ti, Manaus, canto este hino,  
Promissor é o teu destino,  
No encontro das tuas águas  
Sempre será o berço do Amazonas menino.



— **Canções ao largo**<sup>1</sup>  
(*canto de exaltação ao Largo de São Sebastião*)

EVANDRO DA SILVA LOBO

Vibram canções  
ao Largo de nossa memória,  
que embalam corações,  
alimentam paixões  
e enchem de vaidade  
a história desta cidade.

Vida e vento brandos  
cobrem esse espaço  
de ladrilhos esparsos  
taciturnos e plenos  
de louvor e exaltação  
ao merecido descanso.

Nem o barulho das crianças  
ou o arrulho de pombos astutos  
em seus folguedos vespertinos  
se sentem incomodados  
com o badalar dos sinos  
a cada 15 minutos.

Até o beijo, aqui, vibra mais forte,  
tem mais propósito.

1. Poema premiado no  
concurso "Manaus &  
Poesia 2012", promovido  
pela AAL

Seja no encontro enamorado,  
seja no cumprimento amigo.  
Os sons, as festas, os eventos,  
quaisquer acontecimentos  
aqui ganham mais sentido  
e mais arrebatamento.

Todas as cores e sabores se ressaltam  
ante a paisagem desse entardecer pretensioso,  
fazendo o sorvete mais sorvido  
a pipoca mais estalida,  
e o tacacá ainda mais gostoso.

Cada quadrante tem seu conceito  
ou significado singular,  
que nenhum *flash* fotográfico  
do visitante ou morador de direito  
consegue definir ou perpetuar.

Apenas o Teatro permanece  
solene, impávido e imperioso,  
diante de toda esta *sã* letargia  
perdida no caos urbano em volta:  
refúgio a quem precisa de tempo  
para enfrentar tanta agonia.

E seus andantes, ou ocupantes,  
sejam fiéis, ou profanos,  
recebem de São Sebastião  
a proteção necessária

contra os vis planos urbanos  
ou a infeliz urdidura  
contra os suspiros e  
desenganos  
dessa feliz arquitetura.

111

Vibram canções  
ao Largo dessa História  
que embalam emoções  
ao colo de nossa memória.

— Ponto de encontro<sup>1</sup>

YANA LUMI FUJITA

*1. Poema premiado no  
concurso "Manaus &  
Poesia 2012", promovido  
pela AAT.*

Um rio negro.

Uma selva de cimento.

.Um rio claro

Barcos

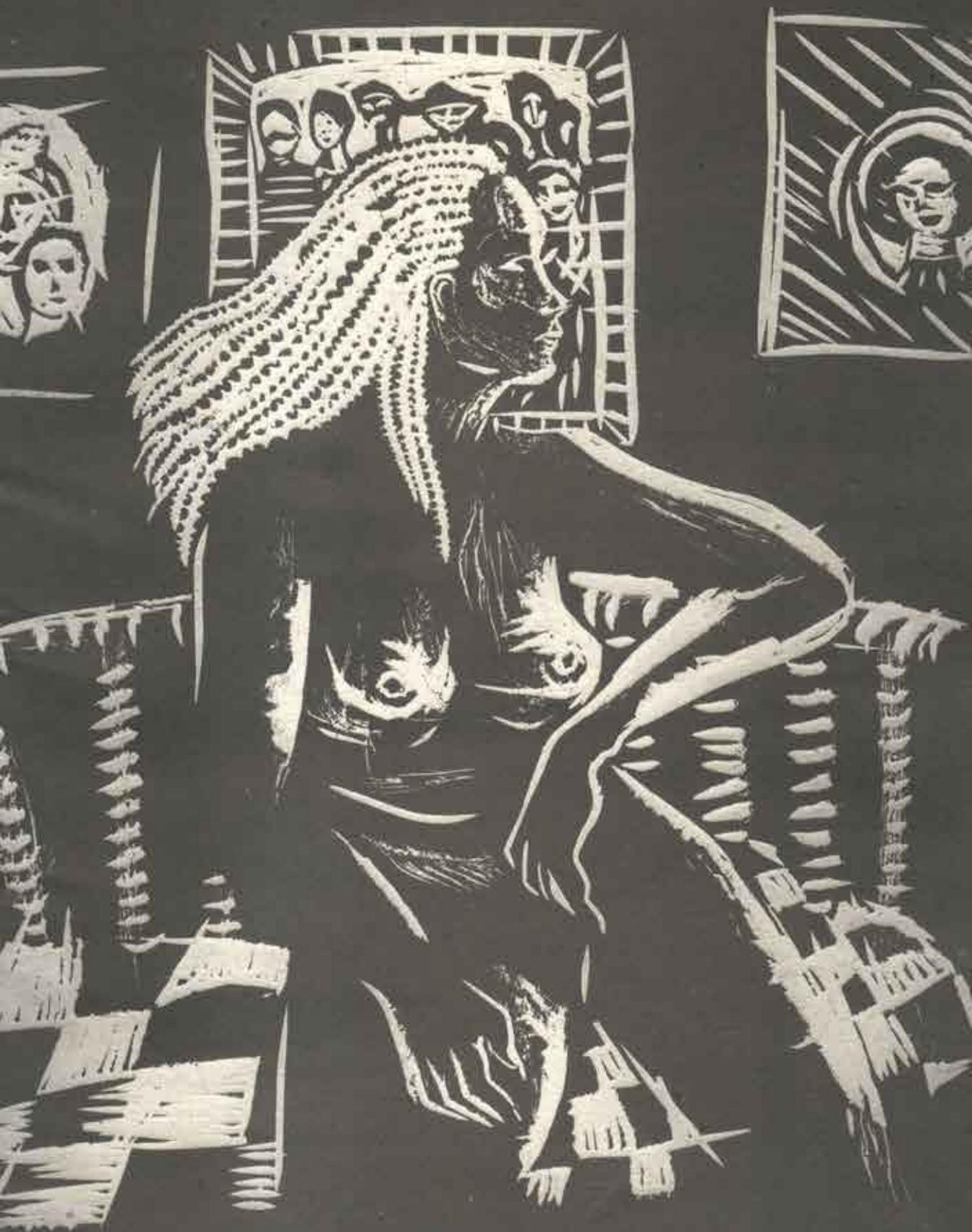
e redes

Pra lá.

.Pra cá

Um ponto de encontro.

.Afluentes desejos





## — Jens Peter Jacobsen, o romancista dinamarquês elogiado por Rilke

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

### — COMO CONHECI JACOBSEN

Li algo de Jacobsen, pela primeira vez, em uma ambiciosa antologia do conto universal, emblematicamente chamada de *Mar de Histórias* (*Antologia do Conto Universal*), que a cultura humanística, a disciplina acadêmica europeia e a erudição de Paulo Rónai selecionara, traduzira e publicara, em colaboração com Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, em dez volumes. Impressionou-me o tom trágico da sua narrativa que mais tarde a leitura de *Niels Lyhne*<sup>1</sup> só viria a confirmar. Havia alguma coisa do sombrio de Hawthorne e um pouco da loucura de Poe juntos, e que me remetia aos grandes autores noruegueses, introspectivos e absurdamente trágicos, no pequeno conto, *Um Tiro no Escuro* (*Et Skud i Taagen*, do original dinamarquês, que a grande especialista em Jacobsen, Mathilde Mann, traduziu como *Ein Schutz in dem Nebel*), é o mais conhecido e traduzido e quase sempre incluído em antologias, como a citada de Rónai. Li e reli aquelas poucas páginas de grande densidade psicológica e é provável que tenha sentido o mesmo impacto que muitos sentem ao ler pela primeira vez as páginas de Edgar Allan Poe, Hawthorne, Dostoievsky, Knut Hamsun, Ibsen, Bjørnson e, modernamente, Julien Green e outros do mesmo gênero. Ele era bem o sombrio narrador escandinavo, para quem os dramas da alma humana constituem enorme pano de fundo para os seus contos, peças teatrais e romances. Muito densos, escrita sombria que se vai desvendando aos poucos aos olhos do leitor, quase sempre com desfecho igualmente sombrio. São páginas sem sol e sem calor, o retrato frio e real do submundo da alma humana. Jacobsen a um primeiro contacto chega a assustar o seu leitor even-

116 tual, especialmente o leitor do Sul, quase sempre banhado pelo sol, pelo ar quente do Verão, diferentemente do que sente o filho do Norte gelado e escuro. Jacobsen é uma “figura angélica”, possivelmente um homem que nunca teve fé e que sentiu muito forte, dentro de si, aquele pudor que caracteriza a sua gente silenciosa e introspectiva da Escandinávia, como o definiu Carpeaux.<sup>2</sup> As suas personagens são tristes, os seus livros são tristes e sem luz. As suas são personagens trágicas e sofridas, que nada esperam da vida e como que vivem por viver. E silenciosas. Não demonstram possuir a menor fé que as pudesse sustentar no emaranhado da vida em que caminham algumas vezes como autômatos, em outras como seres que, fatalisticamente, caminham em direção à tragédia e à morte. O leitor sente esta estranha sensação ao travar conhecimento com as suas personagens, algumas quase inocentes e sempre frágeis, exceto na persistência da caminhada em direção ao fim. Como se buscassem sempre a tragédia, como se neste mundo não existisse momento de bondade e de ternura, de amor e de compreensão. Knut Hamsun tem personagens assim, isto para não mencionarmos, aqui, Bjønstjerne Bjørnson e as personagens de Ibsen. Este, para somente dar um exemplo, tem em uma de suas peças duas personagens que convivem na mesma casa sem se falarem, por puro ódio por erro do passado perpetrado por um deles, o marido. Jamais se falam e isto por mais de vinte anos. Alimentam com o silêncio o ódio profundo, o ressentimento, a amargura, o rancor. Tudo neles é ódio e ressentimento, manifestado através de um silêncio de pedra. O leitor sente em si a dor que esse silêncio causa. Thomas Hardy criou personagens de uma crueldade moral incrível, mas acredito que, ante as criaturas de Jacobsen, Ibsen, Bjørnson, Hamsun, aquelas conseguem ser simples e até mesmo simpáticas. Jacobsen dizia-se ateu, dizia-se dominado pela ciência e deixa de lado a questão religiosa e a concepção de Deus. Carpeaux muito bem acentuou essa total falta de fé no autor e nas suas criaturas. Li, em tradução alemã, alguns dos seus melhores contos, reunidos nos seus *Erzählungen*,<sup>3</sup> traduzidos por Mathilde Mann. Esta tradutora, boa conhecedora das obras do escritor, também traduziu *Frau Marie Grubbe*,<sup>4</sup> que muitos consideram a obra-prima do escritor.

Considerado o maior romancista dinamarquês do século XIX, foi lido com entusiasmo pelos alemães e pela elite intelectual europeia. O historiador da Literatura, Werner Mahrholz, chama-o um dos “drei nordische Poeten” na sua sempre acatada *Deutsche Literatur der Gegenwart*,<sup>5</sup> ao mesmo tempo que o situa decididamente em o Naturalismo, ainda que, mais adiante, faça concessões ao sempre tão discutido “neuromantischen Zeit”, no qual incluía, entre outros, Wilde e D’Annunzio... A denominação em alemão diz tudo. Aliás, pode-se dizer que foram os alemães que “descobriram” Jacobsen e, graças às suas traduções, muitas e por diversos tradutores e especialistas nas línguas e literaturas nórdicas, as primeiras feitas logo após a morte do escritor, ele transpôs as fronteiras da língua dinamarquesa. Foram os alemães os responsáveis pela difusão dos livros de Jacobsen e, até hoje, o escritor conta com muitos leitores na Alemanha, onde tem sido alvo de estudos críticos acurados. Efetivamente as primeiras edições em língua inglesa só vieram bem mais tarde, em 1917 e 1919, com *Marie Grubbe. A Lady of the Seventeenth Century* e *Niels Lyhne*, respectivamente. Em data recente, apareceram, nos Estados Unidos, tradução das principais obras de Jacobsen: *Marie Grubbe. A Lady of the Seventeenth Century*, em 1975, *Mogens and Other Stories*, de 1994, *Niels Lyhne*, de 1990 e 2006. Desconheço se as primeiras traduções inglesas de Jacobsen foram feitas diretamente do dinamarquês, ou se através das magníficas traduções alemãs, muito lidas e citadas à época. Não é de mais repetir aqui o entusiasmo que essas traduções despertaram em Rilke a ponto de ele confessar a Kappus, logo na segunda carta, que apreciava imensamente a obra de Jacobsen e sugeria que o seu jovem correspondente as lesse. Cita, então, uma *Biblioteca Universal da Reclams*. É pena que ele não tenha citado a uma primeira vista o nome do tradutor utilizado. Escreve apenas que essas obras estavam em alemão, “in sehr guter Übertragung”, ou seja, em ótima tradução, e nada mais. É de lamentar que o tradutor nem sempre seja lembrado. Um grande obreiro, cuja obra é inestimável, mas que permanece, na maioria das vezes, incógnito. Rilke corrigir-se-á na sua terceira carta, datada de 23 de abril de 1903,

118 de Pisa, onde cita o nome do tradutor, que seria Eugen Diederichs, cujas traduções também elogia (“gut übertragen bei Eugen Diederichs”).<sup>6</sup> Também em 1924, escrevendo a Hermann Pongs, Rilke confessava que tomara contacto com a obra de Jacobsen através da tradução de Maria von Borch.<sup>7</sup> De onde viera esta grande admiração de Rilke por Jacobsen? Ele não no diz nas *Briefe* aqui famosas ao seu admirador Kappus e desconheço se o conta em carta privada a algum dos seus muitos correspondentes. Mas de algo é certo: poucos autores exerceram tamanha influência sobre o poeta do que Jacobsen. Por ele, para ler-lhe a obra no texto original, Rilke chegou a estudar a língua dinamarquesa, na qual conseguiu certa proficiência. Ele mesmo confirma-o na carta a Pongs, na carta citada em nota à edição em língua espanhola e citada abaixo. Rilke, autor de versos primorosos em francês, tinha o dom das línguas.

Nascido em Thisted, na Jutlândia, em 7 de abril de 1847, Jacobsen era filho de próspero comerciante e pôde frequentar boas escolas, sendo mais tarde mandado para a Universidade de Copenhague, onde demonstrou muita aptidão para os estudos científicos, sobretudo os de Botânica, que exerceria como profissão. Klabund escreve, aliás com justificada razão, na sua por vezes fraca e retórica *História da Literatura*,<sup>8</sup> que Jacobsen partiu do darwinismo “e procurou avançar em suas novelas com o método das ciências naturais”.<sup>9</sup> E foi graças aos estipêndios dados por uma entidade científica da capital, que ele se deslocaria às ilhas de Anholt e Læsø, no Kattegatt, entre os anos de 1874 e 1876, para estudar a flora local e de que resultaria o seu livro respeitado e elogiado como dos mais importantes no seu gênero, *Aperçu Systématique et Critique sur les Desmidiacées du Danemark*. Foi da sua formação científica que viria a sua busca de uma união entre a poesia e a ciência, a fantasia e a objetividade, de que *Fru Marie Grubbe* e muitos de seus poemas são o mais patente exemplo. Mas também dedicaria muito estudo à Psicologia, que amava tanto quanto a Botânica. Foi também essa sua vertente científica que o afastou da religião, fazendo-o um ateu e um descrente das religiões em geral. O seu trágico personagem Niels Lyhne seria, portanto, uma espécie de *alter ego* do escritor, ainda que se não possa vislumbrar traços autobiográficos no seu romance. Escritor para poucos, como comumente

se diz, Jacobsen mereceu de Rilke os mais entusiásticos elogios. Nas *Briefe an einen jungen Dichter*,<sup>10</sup> o grande poeta, dos maiores de língua alemã em todos os tempos, cita Jacobsen como autor que deva ser lido e meditado. Rilke, escritor de muitas angústias e cantor da solidão do artista, era homem de muitas e variadas leituras. Diz-se que lia em algumas línguas e deixou muitos poemas em francês bastante elogiado, artista em sua língua e na francesa. Sabia por certo que dizia e tinha um bom gosto que causava inveja e admiração. Ele sugere a Franz Xaver Kappus, o feliz recipiendário de suas cartas-conselho, a leitura frequente das obras de Jacobsen. Chega mesmo a ponto de, meticulosamente, dizer, como se fora um dedicado agente de vendas, quanto custava cada volume das obras do seu admirado Jacobsen. Ficou-me na cabeça, tantos anos passados, este detalhe e ainda lembro que Rilke indicava o preço de cinco a dez marcos por volume... Convenhamos, este gesto serve para indicar quanto ele realmente admirava muito o seu autor favorito! E continuando na referida carta ao correspondente Kappus, assumindo o seu papel de mentor do moço oficial aspirante a poeta, Rilke enumera as obras de Jacobsen para uso do estreante e, em primeiro lugar, sugere a leitura de *Marie Grubbe*, como se esta fosse a mais fácil dentre a pequena e densa obra deixada pelo dinamarquês. É uma posição pessoal, pois há quem diga que esse romance, por tratar ainda que de maneira velada a questão da sexualidade feminina, não seja dos mais fáceis. Que leia, em seguida, continua a sugerir, as cartas, as páginas e os fragmentos, a maioria deles publicados depois da morte de Jacobsen. Por fim, como ponto final, os versos, indicando com isto que a Poesia seria a parte mais difícil dos gêneros abordados pelo poeta. Os poemas, reunidos e publicados em 1886, sob o título geral de *Digte*, são difíceis e obscuros, como aquele que a crítica chama de o mais importante do livro e traduzido ao inglês como *Arabesque to a Hand-drawing by Michel Angelo*, talvez de 1875, no qual o poeta sugere a importância da arte como antídoto contra a passagem da vida e que seria ela, a Arte sublime, o maior significado da vida, a sua forma de imortalidade. Os seus poemas teriam inspirado os simbolistas dinamarqueses a partir dos anos 1890, com o que se pode dizer que a sua poesia seria a precursora do movimento Simbolista dinamarquês.

120 Quanto aos fragmentos, eles seriam reunidos e publicados pelos editores como *Skitser og Udkast*, no ano seguinte ao da morte de Jacobsen. Rilke tudo parece haver lido. Pelo menos é o que se infere dos seus elogios e referências a Jacobsen que se podem ler logo na segunda das *Briefe an einen jungen Dichter*, escrita de Pisa, em 5 de abril de 1903. A sua admiração era tamanha que, na terceira carta, também de Pisa, escrita dezoito dias da primeira, ele retorna ao assunto e cita, entusiasticamente, o romance *Niels Lyhne*, que chama de “ein Buch der Herrlichkeiten und der Tiefen”<sup>11</sup> e, logo adiante, alude “das wunderbare Buch vom Schicksal und Sehnen der Marie Grubbe”.<sup>12</sup> É aí justamente que vem a enumeração do que Kappus, segundo ele, deveria ler para fazer-se uma ideia completa do que era a profundidade do pensamento de Jacobsen.<sup>13</sup> Parece que Rilke apreciava sobretudo *Niels Lyhne*, este, segundo o ensaísta Cláudio Magris, na apresentação da edição italiana do livro, “a obra-prima do ateu Jacobsen”,<sup>14</sup> e os contos. Ou seja, Rilke propõe a Kappus uma metodologia para a leitura e aprendizado das obras de Jacobsen! E não esqueçamos que a paternidade espiritual de Niels Lyhne está presente em *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge* e na dor escondida de Marie Grubbe, muitas das angústias e sofrimentos de Malte Laurids Brigge... Estas duas obras, escritas com muita sensibilidade e nervosismo na opinião de Klabund, são as mais importantes que escreveu Jacobsen.<sup>15</sup> Fatalismo e resignação nas personagens que sofrem e se matam aos poucos. No mais profundo silêncio, para confirmar que se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro.

Em Jacobsen, é de muita dor também.

#### — O SUPREMO ELOGIO DE RILKE A JACOBSEN

Não conheço, pelo menos no que tenho lido até esta data, dentre escritores de língua alemã, mais persistente demonstração de admiração por Jacobsen do que a demonstrada pelo poeta de *Duineser Elegien*. Parece que permaneceu por toda a vida. Como acima escrevi, já na primeira carta a Kappus ele tece rasgados elogios ao dinamarquês. E quando escreve que salientaria entre os seus livros prediletos a Bíblia e as obras de Jacobsen, ele tece o maior elogio que um escritor

poderia fazer ao romancista de *Fru Marie Grubbe*. E acentua que tais livros estão com ele naquele momento: “Die Bibel, und die Bücher des großen dänischen Dichters Jens Peter Jacobsen”.<sup>16</sup> Note-se que Rilke denomina Jacobsen de *Dichter*, enquanto Mahrholz o faz de *Poete*, o que em alemão é bastante significativo e em português possam traduzir-se indistintamente por Poeta... Coisas do requinte idiomático da língua alemã, em certos pontos tão metafísica e tão absurdamente precisa, tanto quanto pode uma língua sê-lo. Muitos escritores costumam dizer que fazem da Bíblia o seu livro de cabeceira. Não é um nem dois, mas dezenas, os leitores da Bíblia entre os homens de saber, os estadistas, os escritores, chegam a ser legião. Mas ser taxativo ao afirmar que, além dos livros santos, colocaria de bom grado os livros de determinado autor, é exaltá-lo ao máximo. Isto fez Rilke com respeito a Jens Peter Jacobsen. É provável que tenha possuído várias edições dos principais livros do escritor dinamarquês, pois, nesse passo, quando emparelha a Bíblia e as obras de Jacobsen, lembra ao correspondente que deste autor se fizeram boas edições, incluídas na *Reclams Universal-Bibliothek*. Eram, efetivamente, boas as traduções dessa editora responsável pela tradução e publicação de obras do acervo não apenas alemão, mas do mundo todo, de onde o nome apropriado. Ele mesmo apressa-se em dizer que Jacobsen fora bem traduzido, o que não deve ter sido fácil, já que o seu estilo é dado muitas vezes como extremamente bem cuidado e o autor descrito como “pintor” de cenas que se assemelham a arabescos, o que levou a dizer-se que a sua escrita era um tanto quanto afetada. Mas essas edições da *Reclams* deixavam a desejar quanto à aparência dos pequenos volumes: pequenas e feias brochuras sem quaisquer atrativos, simples, desataviados, com esses *pocket books* americanos para serem consumidos durante uma espera em sala de médico, nos salões de barbeiros. Ainda possuo exemplares desses livros, de cor amarela, pequeninos e em feias brochuras. Aí, Rilke cita o pequeno volume das *Sechs Novellen*,<sup>17</sup> seguidas do romance *Niels Lyhne*. Sugere que Kappus comece a leitura das obras do escritor sempre louvado pela novela que se chama *Mogens*, ensinamento divergente portanto do que daria na carta de 23 de abril de 1903. E tece comentários sobre um dos contos que fazem parte do pequeno volume das *Sechs No-*

122 vellen, ao citar a terceira da coleção, *Hier sollten Rosen stehen...*,<sup>18</sup> como sendo “Werk von so unvergleichlicher Feinheit und Form”,<sup>19</sup> ou seja, que se tratava de obra de incomparável refinamento e forma. Por que teria adotado duas classificações das dificuldades artísticas dos livros do seu autor favorito? Não creio que tenha deixado escrito nada sobre a sua adotada hierarquia em carta posterior a outros correspondentes, nem em papéis soltos. Lembra-se ainda de que, na maioria das edições das obras de Jacobsen, *Mogens*,<sup>20</sup> sim, é que é dada, metodologicamente, como novela e, nas traduções e edições estrangeiras, vem, quase sempre, citada separadamente das demais obras narrativas do autor, o que lhe empresta a autonomia que o gênero exige e que é tão importante para a Teoria Literária na taxonomia dos gêneros literários e sua complexidade. Na edição dinamarquesa, dando-se-lhe independência, pois esta pequena novela é colocada em destaque, ela faz parte de *Mogens og andre Noveller*, de 1882, que os tradutores de língua inglesa chamaram indistintamente de *Mogens and Other Tales* ou *Mogers and Other Stories*. Vale salientar que, publicada em 1872, ela assinala a estreia oficial do Jacobsen como ficcionista. A confusão persiste a partir do título dinamarquês, pois considera os demais contos, seis, como “Noveller”... Depois, não esqueçamos que existe sensível diferença metodológica entre o gênero que compreende as *Novellen* e o dos *Erzählungen*, divisão muito bem seguida pelos teóricos alemães, pelo que leio em Ernst Johann na sua boa *Literaturkunde*<sup>21</sup> e que esclarece pontos sensíveis da Teoria Literária.

—MORTO AOS 38 ANOS E... LOUVADO PELOS PÓSTEROS

Jacobsen era um homem solitário e tristonho, que buscava no silêncio das grandes enseadas e nas praias desertas o ambiente ideal para pensar e escrever os seus livros, os seus contos fortes e dolorosos, os romances mais sombrios que se escreveram em dinamarquês no século XIX e os poemas densos e difíceis como os considerou Rilke. Sem querer apelar a um falso psicologismo, há nessa estranha e forte admiração de Rilke pelo criador de *Niels Lyhne* um ponto de inegável confluência e aproximação: ambos, o dinamarquês e o seu admirador, foram homens terrivelmente solitários, que amavam e viviam a

solidão, que a buscavam para consecução da obra literária. Enquanto isso, realizava demoradas investigações nos ramos da Biologia e sobretudo da Botânica, de que resultariam bons estudos, muitos deles escritos em francês e, mais tarde, reunidos em volumes, que lhe dariam nomeada como homem de ciências. Reservado e alheio aos grandes burburinhos da vida intelectual, sagrou-se cedo com um autor de grande profundidade. Influenciaria muita gente importante na literatura mundial, Ibsen, Sigmund Freud, Hermann Hesse, Stefan Zweig e T. E. Lawrence. Morrendo, pois, antes de haver chegado aos 40 anos, Jacobsen, dividido entre a Ciência e a Literatura, deixou obra pequena, mas, como dizem os seus estudiosos, o bastante para situá-lo em posição das mais relevantes na Literatura Dinamarquesa e na Literatura Universal do seu tempo e que, ao ser traduzida para outras línguas europeias, sobretudo a alemã, viria a exercer forte influência em escritores das mais diferentes tradições literárias e de diferentes países. Jacobsen seria ainda muito elogiado por Zweig e Hermann Hesse, entre outros, que também o leram e certamente lhe sofreram a influência. A sua influência foi enorme em fins do século XIX.

É ainda pouco estudado no Brasil. Otto Maria Carpeaux, na sua monumental *História da Literatura Universal*, estuda-o e elogia-lhe a obra, como se vê da sua opinião sobre a figura angelical do romancista, pondo-o na primeira fileira dos autores escandinavos. O que já fizera Mahrholz, ao dar-lhe o título de poeta, um dos três máximos da Escandinávia ao lado de Bjørnson e Ibsen... Acredito, porém, que entre nós foi Rónai quem chamou a atenção do leitor comum para a sua estranha e forte arte narrativa. Em Portugal, circula há já bastante tempo a tradução de *Marie Grubbe*. Não tem sido estudado como merece, apesar do alerta generoso e entusiasta de Rilke. Ainda não faz muito tempo, Harold Bloom, dos mais lúcidos e brilhantes críticos do mundo, não considerou canônica a obra de Jacobsen, no seu livro-monumento *O Cânone Ocidental. Os Livros e a Escola do Tempo*,<sup>22</sup> que pretende ser quase que um tratado de aletologia da Literatura no Ocidente. Aliás, nem faz referência às obras mais conhecidas do escritor escandinavo, como se ele nunca tivesse existido. Não é de estranhar. O projeto de Bloom foi dos mais ambiciosos e não podemos

124 dizer que não tenha conseguido os seus propósitos, se bem que ficassem de lado muitos nomes importantes. Muito antes de Bloom, outro justiceiro em busca de corrigir falhas, como foi J. B. Priestley no seu bem pensado *Literature and Western Man*<sup>23</sup> (por sinal, chego a pensar que Bloom se inspirou em Priestley pela divisão estrutural da obra e até pelo título. Basta consultar ambas as obras, sendo, porém, a de Bloom muito mais trabalhada quanto às divisões), se não esqueceu Jacobsen, também não se estendeu muito como penso que deveria tê-lo feito, já que o fito do crítico era justamente fazer justiça aos injustiçados e salientar a importância dos canônicos para as letras ocidentais. Somente o achou digno de receber uma pequenina linha. Ao tratar dos grandes romancistas do Ocidente, Priestley cita Jacobsen, entre os representantes do romance nórdico, mas tem apenas estas palavras sobre ele: "...and Denmark the short-lived, imaginative realiste, Jens Peter Jacobsen".<sup>24</sup> E nada mais. Quase nada, se pensarmos que o criador de personagens trágicas e profundamente angustiadas como as que cria com *Marie Grubbe* e *Niels Lyhne*, está entre os grandes romancistas do século XIX na Europa.

Aparentemente cria personagens irreais na sua fatalista interpretação da vida, na sua renúncia sem limites, na sua tristeza mais recôndita. A tristeza sabe como esconder-se no silêncio que as personagens jacobsenianas tão maravilhosamente interpretam. Mas *Marie Grubbe* e *Niels Lyhne* são profundamente escandinavos. O seu silêncio é pudor, é reserva, é timidez. Pergunta-se: são universais as personagens de Jacobsen ou meramente nórdicas? Ficam adstritas à região da Escandinávia apenas? Penso que não: veste-as bem à dinamarquesa (também poderiam ser norueguesas ou suecas, ou feroesas ou finlandesas, ou virem da Islândia e de Åland), mas com outras roupas são tanto escandinavas como de quaisquer outros lugares. O romancista como que se delicia em rastrear a dor onde quer que ela se faça presente no coração do homem. A dor não tem nacionalidade, nem se restringe a esta ou aquela região. Isso ele conseguiu passar aos sentimentos do leitor que toma contacto com as personagens dolorosas dos seus contos e romances. Um artista e um escafandrista da dor humana e que, por isso mesmo, poderia merecer mais atenção dos estudiosos da sua obra. Jens Peter Jacobsen, pois, acredito,

está a merecer bem mais do que uma pobre linha. Ele é grande. A sua leitura diuturna dá a sensação de que estamos diante de um profeta da decadência do homem, engolfado em mil tragédias íntimas. Glorifica o silêncio. Há nisso laivos do decadentismo. As personagens pouco falam e preferem a resignação à lua. Ou, então, deixam-se corroer pelos remorsos, como a abúlica mulher de *Niels Lyhne*, que passa a odiar o amante, mal toma conhecimento da morte trágica do marido em noite de esbórnia. Figuras estranhas e trágicas no seu silêncio. Podem parecer mais estranhas a nós se levarmos em conta que somos um povo de palradores inveterados. Que soltamos as palavras aos ventos, sem nos preocuparmos para onde se dirigirão ou se cairão por perto de nós. As páginas de Carpeaux dizem muito e precisam ser meditadas: ele compreendera Jacobsen como poucos. Não que o historiador fosse homem de muitos silêncios, mas sim de muitas angústias, que deixa a pátria natal para escapar aos horrores do nazismo e subitamente se encontra em um mundo de tagarelas inveterados. Pôde avaliar a importância do silêncio para a melhor compreensão das personagens doloridas de Jacobsen. Klabund, que o coloca entre os naturalistas poetas, termina por admitir que seus livros, como *Niels Lyhne*, “é um dos frutos mais doces da árvore da decadência”,<sup>25</sup> o que não deixa de parecer surpreendente, pois nada há de doçura na trama desse romance, mas bastante amargura, tristeza, solidão, silêncio. É difícil falar-se de experiência autobiográfica em aspectos da obra soturna e triste de Jacobsen. Aliás, a crítica tem abusado de modo que me parece abusivo e irresponsável de influências autobiográficas em romances e novelas célebres. Bobagens de criticastros apressados! Mas a tristeza pessoal que sempre o acompanhou, quando lhe estudamos mais detidamente a curta existência, essa, temos de convir, o romancista dinamarquês conseguiu passar em cheio para as suas personagens. O seu silêncio, por exemplo. A utilização do silêncio na angústia de muitas de suas personagens é como se ele quisesse falar de algo importante que não conseguiria com as palavras, para valer-me de uma sugestão de Jean Duvignaud.<sup>26</sup> Middleton Murry<sup>27</sup> acha que não, que o bom escritor consegue saber esconder-se da fala da sua personagem e que o escritor objetivo é uma mera voz. Poderá haver objetividade total na obra de ficção? É fra-

126 queza do autor não conseguir fugir ao *contágio* com a personagem? Será mesmo agigantar-se não participar o autor da vida da personagem? É isto possível? Enfim, são estas divagações que sempre ocorrerão entre críticos e leitores apaixonados, digo, bons leitores. Klabund, Middleton, Duvignaud, entre tantos outros, discutem, mas deixam-nos ainda envoltos em perplexidade. O assunto, repito, está muito longe de concluir-se.

Jacobsen, queiramos ou não, sentia a dor que fazia perpassar pelas suas personagens, com os frios ventos de Inverno das terras escandinavas. Considerado um dos grandes naturalistas nórdicos, ele perseguia a objetividade, já da sua profissão de cientista, botânico dos melhores do seu país e ainda hoje citado no ramo. Agigantar-se-ia mais ainda se houvesse logrado fugir à sua dor pessoal com ela impregnando as personagens? Não o creio, e digo-o sinceramente, mesmo defendendo na esteira de Middleton Murry uma objetividade que *transcenda* às paixões do autor para com a sua criação. Ele é um escritor que ensina a personagem a silenciar e a agir em silêncio, ao criar as suas personagens silenciosas e baloiçantes que são jogadas ao sabor dos ventos do destino, mas que deixavam transparecer as suas dores, os seus medos, as suas revoltas, sufocando as palavras e preferindo soltá-las em monossílabos, ou em secos gestos que diziam tudo, pois estes se faziam ações terminantes, que deixavam perplexos os leitores. Seria isto próprio do homem nórdico? Não, era o homem simplesmente, o homem nos seus mistérios e segredos.

Tinha razão Rainer Maria Rilke ao recomendá-lo à leitura dos que desejam produzir uma obra superior, profunda e de grande qualidade. Não fala de objetividade, mas de sentimentos, dores e angústias, e profunda humanidade. Rilke, *lui-même* um homem angustiado e solitário, soube, com acuidade e sabedoria, pesar a angústia do nórdico, em muito semelhante à sua angústia germânica. E, repito ainda uma vez: ele sabia muito bem o que dizia quando se tratava dos meandros da criação literária!

- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental. Os Livros e a Escola do Tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. 3ª ed. revista e atualizada. Vol. VI. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.
- DUVIGNAUD, Jean. *Sociologie de l'Art*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- JACOBSEN, Jens Peter. *Erzählungen. Übertragung von Mathilde Mann*. Lípsia: Im Insel-Verlag, s/d.
- JACOBSEN, Jens Peter. *Frau Marie Grubbe. Autorisierte Übertragung von Mathilde Mann*. Lípsia: Im Insel-Verlag, s/d. [Seria esta uma das traduções lidas por Rilke.]
- JACOBSEN, Jens Peter. *Frau Marie Grubbe. Mit Illustrationen von Ingeborg Ullrich. Aus dem Dänischen übertragen von Richard Maurice Baring*. Munique: Bibliothek der Weltliteratur, s/d. Notas e belas ilustrações a preto e branco.
- JACOBSEN, Jens Peter. *Mogens. Eine Novelle*. Lípsia: Im Insel-Verlag, s/d.
- JOHANN, Ernst. *Literaturkunde*. Série: Das Wissen der Gegenwart. Darmstadt: Carl Habel Verlagsbuchhandlung, s/d. [Um clássico da Teoria Literária. Excelente metodologia.]
- KLABUND. *História da Literatura*. Trad. de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1932.
- MAHRHOLZ, Werner. *Deutsche Literatur der Gegenwart. Probleme - Ergebnisse - Gestalten. Durchgesehen und erweitert von Max Wieser*. Berli: Sieben-Stäbe Verlag, 1931.
- MURRY, J. Middleton. *El Estilo Literario*. Trad. de Jorge Hernández Campos. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956.
- PRIESTLEY, J. B. *Literature and Western Man*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960.
- RILKE, Rainer Maria. *Briefe an einen jungen Dichter*. Lípsia: Im Insel-Verlag, 1954. [Há muitas traduções brasileiras deste pequeno-grande livro, sendo das mais recentes a de Pedro Sússekind, da L&PM, de Porto Alegre, 2010. Sem notas. Tradução aquém do que seria de esperar em se tratando de editora que se tem dedicado à tradução e difusão de obras universais.]

- 128 RILKE, Rainer Maria. *Cartas a un Joven Poeta*. Trad. de Luis di Iorio y Guillermo Thiele. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1991. [Rica em notas. Os tradutores conhecem a vida e a obra do poeta traduzido. A fundo, diria.]
- RILKE, Rainer Maria. *Lettres à un Jeune Poète*. Buenos Aires: János Peter Kramer, Éditeur, 1945. [Não traz indicação do tradutor. Nem traz notas. Como estilo, primorosa.]
- TIEGHEM, Paul van. *L'Ère Romantique. Le Romantisme dans la Littérature Européenne*. Paris: Éditions Albin Michel, 1948.

— NOTAS

1. Jacobsen, Jens Peter. Niels Lyhne. Tradução de Pedro Octávio Carneiro da Cunha. Apresentação por Claudio Magris: "As moedas da vida"; apêndice e sugestões de leitura. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000. Coleção Prosa do Mundo. A tradução deste forte romance de Jacobsen ao alemão, já antiga, foi feita por Anka Matthiesen, publicada, também, por Im Insel Verlag. Esta editora, de Lúpsia, está entre as boas da Alemanha e publicou a maioria das obras de Rilke. Esta mesma editora organizou uma excelente edição das *Sämtliche Werke*. A primeira edição alemã das obras do escritor em um volume esteve a cargo da já citada Mathilde Mann e ainda de Anka Matthiesen, Erich von Mendelsohn e Raphael Meyer, trazia reproduções de desenhos de Jacobsen, bem como um retrato feito em 1885 por A. Helsted. Não teria sido esta, contudo, a edição elogiada por Rainer Maria Rilke e insistentemente sugerida nas *Cartas a um Jovem Poeta ao seu correspondente Kappus*, a sim a de Eugen Diederichs, em três volumes, também de Lúpsia. As predileções rilkeanas para com as obras de Jacobsen iam sobretudo para Niels Lyhne e os contos, ainda que elogio Marie Grubbe.
2. Cfr. Carpeaux, Otto Maria. História da Literatura Ocidental. 3ª ed. revista e atualizada. Vol. 6. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987, p. 1.562.
3. Jacobsen, Jens Peter. *Erzählungen*. Tradução de Mathilde Mann. Lúpsia: Im Insel-Verlag, s/d.
4. Frau Marie Grubbe. *Autorisierte Übertragung von Mathilde Mann*. Lúpsia: Im Insel-Verlag, s/d. Possui a também muito boa tradução de Richard Maurice Baring, Frau Marie Grubbe. Mit Illustrationen Von In-

geborg Ullrich, da Bibliothek der Weltliteratur, da Winkler-Verlag, de Munique, sem data. Lindas ilustrações a preto e branco. Não traz notas nem qualquer introdução. Por não trazer a tradução de Baring uma data, não posso dizer se se trata de uma dessas elogiadas por Rainer Maria Rilke. Lastimavelmente muitas dessas boas traduções alemãs não trazem data, o que se torna um problema para o estudioso. As traduções alemãs mantêm o título original dinamarquês, Fru Marie Grubbe, traduzindo-o corretamente por Frau Marie Grubbe, enquanto as brasileiras eliminaram o Senhora, deixando simplesmente Marie Grubbe... Ora, o título original acentua a condição social da personagem, mulher de alta linhagem e as suas angústias e desgraças ao meter-se com um homem de linhagem diferente da sua, o que lhe traz toda a sorte de dores. Acredito que um bom tradutor deveria atentar para este aspecto.

5. Mahrholz, Werner. Deutsche Literatur der Gegenwart. Probleme. Ergebnisse. Gestalten. Berlim: Sieben Stäbe Verlag, 1931. O historiador escreve (e vale a pena a frase inteira!): "Dies also sind die Ahnherren des modernen Naturalismus in Frankreich. Zu ihnen gesellen sich nun drei nordische Poeten und zwei russische Dichter: Björnson, Ibsen, Jacobsen auf der einen, Tolstoi und Dostojewski auf der anderen Seite" - p. 48. Grifos meus.
6. Cfr. edição cit. abaixo, p. 18.
7. Em nota à sua tradução, Luis di Iorio e Guillermo Thiele, os excelentes tradutores argentinos das Cartas a un Joven Poeta, escreveram: "Respecto a la edición que Rilke recomendaba a Kappus, existe la siguiente carta de aquél a Hermann Pongs, 17.8.1924: "Conocí a Jacobsen (Niels Lyhne y los Seis Cuentos) en la simpática y antigua versión de María von Borch (Colección Reclam). Era la que más me agradaba, aun después de hallarme em condiciones de leer más o menos bien el texto danés". (Dichtung und Volkstum, 37 [1936] p. 104). La Colección Reclam es la más popular de Alemania, por la baratura de sus ediciones" - nota 11, da versão citada, cuja edição vem citada abaixo.
8. Klabund. História da Literatura. Trad. de Odillon Gallotti. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1936.
9. Op. cit., p. 228. E tem esta tirada, engraçada e pouco contraditória em manual semelhante ao seu, sobre o abandono do método inicial em prol de uma grande instrospecção na gestação de suas mais conhecidas e dis-

cutidas personagens como Maria Grubbe e Nils Lyhne: “Como era um grande poeta, graças a Deus, não o consegui fazer e as novelas se tornaram primores de arte apesar do método (Mogens)” – p. 228. Grifei. Ou seja, Klabund dá graças a Deus por Jacobsen ter escapado ao zolismo ao adotar o naturalismo... Aos olhos do bem comportado Klabund, genial e erudito, o zolismo desnaturaria a obra jacobseniana!

10. Rilke, Rainer Maria. *Briefe an einen jungen Dichter*. Lípsia: Im Insel-Verlag, 1954. Este é um livro sem igual para o mais estreito conhecimento do pensamento estético de Rilke e, como repositório de conceitos estético-literários, um dos mais belos e profundos já escritos em alemão. Além destes aspectos literários, há nas cartas uma profunda nostalgia que parecia acompanhar o magno poeta, nostalgia das coisas irrealizadas, das perdas que foram uma constante na sua vida, além da sua grande solidão interior. Poucos poetas pregaram com tamanha intensidade o uso do viver solitário para a criação literária. No Brasil existem muitas traduções. Não hesitaria citar entre as melhores a realizada pelo erudito Paulo Rónai, mas não traz notas, muito necessárias para a boa compreensão do texto, pela rica intertextualidade. Uma das boas traduções, rica em notas (neste aspecto, das mais completas que conheço) e trazendo o conhecido prefácio de Franz Xavier Kappus, é a argentina *Cartas a un Joven Poeta*. Trad. y comentarios de Luis di Iorio y Guillermo Thiele. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1991. Vale a pena a sua leitura. Igualmente de publicação argentina, é a tradução em francês, *Letres à un Jeune Poète*. Buenos Aires: János Peter Kramer, 1945 (em algarismos romanos no original), infelizmente sem nome do tradutor. Esta tradução também não traz notas, mas apenas o prefácio de Franz Xavier Kappus, que vem na anterior.

11. *Op. cit.*, p. 17.

12. *Ibidem*, p. 18.

13. Vale a pena copiar o que escreve Rilke a este respeito: “Und später müssen Sie das wunderbare Buch vom Schicksal und Sehnen der Marie Grubbe lesen und Jacobsens Briefe und Tagebuchblätter und Fragmente und endlich seine Verse, die (wenn sie auch mäßig übertragen sind) in unendlichem Klingen leben. (Dazu würde ich Ihnen raten, gelegentlich die schöne Gesamtausgabe von Jacobsens Werke – die alles das enthält – zu kaufen. Sie erschien in drei Bänden und gut übertragen bei

Eugen Diederichs in Leipzig und kostet, soviel ich glaube, nur fünf oder sechs Mark pro Band.) - op. cit., p. 18. Grifos meus. 131

14. Op. cit., p. 13.

15. Op. cit., p. 228. E escreveu esse primoroso retórico e repetidor de lugares-comuns, mas que nem por isso deixam de seduzir o leitor: "Os romances Senhora Maria Grubbe e Nils Lyhne revelam sua mão nervosa e sua sensibilidade excessiva. Niels (sic) Lyhne, o indivíduo oscilante, bruxuleante, passivista, é um perfeito homem da época, a qual já não vive e sim é vivida" - p. 228.

16. Op. cit., p. 15.

17. Desconheço a edição com este título, Sechs Novellen. A famosa e benemérita Im Insel-Verlag, de Lípsia, editou um pequeno e bonito volume cartonado que chamou de Erzählungen, que contém, efetivamente, seis contos: "Ein Schutz in dem Nebel", "Zwei Welten", "Hier sollten Rosen blühen", "Die Pest in Bergamo", "Frau Föntz" e "Ausländer", todos traduzidos por Mathilde Mann. Nele não se acha incluído Mogens. Seria esta mesma seleção de contos que Rilke lembrou a Kappus? "Ein Schutz in dem Nebel" foi o conto escolhido por Paulo Rónai para figurar na sua antologia do conto universal. É realmente uma bela e sombria peça, bastante representativa da arte igualmente sombria de Jens Peter Jacobsen.

18. Que na tradução de Mathilde Mann está "Hier sollten Rosen blühen...", de sentido levemente diferente. O v. zu blühen quer dizer florescer, prosperar, crescer; enquanto zu stehen quer dizer simplesmente estar, estar de pé. Sentidos portanto levemente divergentes... Prefiro, in casu, a lição de Mann.

19. Op. cit., p. 28. Ele discute com o missivista a respeito de uma crítica sobre o conto que este não teria apreciado por lhe parecer injusta. Rilke, então, tem a célebre observação contra as páginas de críticas, dizendo que na maioria das vezes elas são inteiramente dispensáveis. "Lesen Sie - escreveu ele - möglichst wenig ästhetisch-kritische Dinge, - es sind entweder Parteiensichten, versteinert und sinnlos geworden in ihrem leblosen Verhärtetsein, oder es sind geschickte Wortspiele, bei denen heute diese Ansicht gewinnt und morgen die entgegengesetzte". - p. 18. Grifo meu. Não se pode dizer que não lhe sobrasse razão para tamanho desencanto contra os críticos, mas é preciso que não tomemos muito à letra as palavras de Rilke!

- 132 **20.** Na edição de Im Insel-Verlag, que venho utilizando no correr destas linhas, há dentre as obras de Jacobsen uma edição de Mogens. Eine Novelle. Frisa-se-lhe, in casu, a autonomia. Como se viu, não está incluída na seleção dos Seis Contos... Mesmo porque se trata de peça relativamente longa, mais para um pequeno romance. Possuo edições de Mogens autônomas. Jamais entre os contos do autor. No Brasil reina alguma confusão entre os não especialistas quando se trata da conceituação de romance e novela, mas raramente entre conto e novela. Em Camilo Castelo Branco, novela, conto, romancinho, história, narrativa, narração, algumas vezes se embaralham fragilmente, como o demonstrou Jacinto do Prado Coelho, ao estudar, com bastante proficiência, o assunto em a Novela Camiliana. O romancista primoroso de O Sangue e O Retrato de Ricardina, amiúde labora em confusão, talvez propositadamente. Ocorrerá entre os alemães não especialistas a mesma hesitação metodológica?
- 21.** Johann, Ernst. Literaturkunde. Darmstadt: Carl Habel Verlagsbuchhandlung, s/d. Passim. Art. Novellen.
- 22.** Bloom, Harold. O Cânone Ocidental Os Livros e a Escola do Tempo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- 23.** Priestley, J. B. Literature and Western Man. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960. Cronologicamente, a obra de Priestley antecedeu de muito a de Bloom. Este é de muitas e variadas leituras, parecendo simpatizar com os críticos ingleses, especialmente os independentes, como é o caso de Priestley. Avento, portanto, a ideia de se ter deixado influenciar pela leitura deste livro muito bom e igualmente ambicioso. Deixo aqui a sugestão para futuros estudiosos de Bloom investigarem se teria havido ou não essa influência. Pelo menos quanto à metodologia utilizada pelo professor de Yale.
- 24.** Op. cit., p. 267. Mas colocou-o lado a lado com figuras gigantescas do romance europeu do século XIX, como Bjørnstjerne Bjørnson, August Strindberg com o romance Die Leute auf Hemsö, da Noruega; Verga e I Malavoglia, da Itália; Rydberg, da Suécia; Pérez Galdós, de Espanha lado a lado com Alarcón (o de El Sombrero de Tres Picos) e Dekker, com o seu romance de protesto Max Havelaar, da Holanda. Não sei de sã consciência se há completa identidade entre o pensamento literário de um Dekker com Strindberg, ou de Verga com Pérez Galdós, ou Alarcón e Bjørnson.:
- 25.** Op. cit., p. 228. Curiosamente, o autor atribui à tuberculose a alma doentamente nervosa e triste de Jacobsen e chega a aventar a hipótese de que

seria necessário um dia escrever-se a história dos tuberculosos na Literatura, porquanto, “a doença constitucional tem a propriedade de modificar a alma dos que dela são acometidos. Eles [os escritores] trazem o estigma dos sofrimentos físicos e morais que lhes devoram os pulmões e o coração” – *ibidem*, p. 228 – Grifos meus. Quem sabe, Klabund, que foi um homem profundamente angustiado e cheio de conflitos, com amores e casamentos malsucedidos, vida de vagabundagens pela terra natal, dificuldades financeiras frequentes e escritor verdadeiramente genial, fascinado pelo Orientalismo e que deixou vasta obra, morrendo com apenas 38 anos, pensava em si próprio: sofreu de tuberculose a vida toda e muito fraco, nos últimos dias, pegou pneumonia e dela morreu. Repito: será que Klabund pensava no seu caso ao aventar a sua teoria dos sofrimentos físicos e morais e suas influências na feitura da obra literária? Werther era atormentado e todo o romance é referto de angústias e sofrimentos morais, mas o seu autor era uma figura olímpica que poucas vezes se deixava levar pela emoção!... Mesmo que baseado em fato de sua vida amorosa, o cerebral von Goethe não passou o seu temperamento ao infeliz amante... Ou não teria havido um amante excessivo chamado Werther...

26. Cfr. *Sociologie de l'Art*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p. 95 e seguintes.
27. Cfr. *El Estilo Literario*. Trad. de Jorge Hernández Campos. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956. J. Middleton Murry trata com severidade a questão, dando a entender ao leitor que não acredita na transmutação do autor no comportamento e alma de suas personagens, daí que insiste em que realismo e parnasianismo nada mais foram do que reações contra as emoções pessoais. Que o autor objetivo consegue ocultar-se, nada deixando ver de si e com isto agigantar-se-ia – p. 44 e seguintes. Talvez. Apesar de gostar de Middleton Murry, tenho lá as minhas dúvidas sobre as muitas dúvidas desse scholar britânico e britanicidade erga omnes, quando leio autores como Jacobsen e Rilke, para apenas citar os de que me venho ocupando nestas páginas, ainda que de logo possa contrapor o exemplo citado (com admiração!) do criador de Werther e do Faust!





{ *Medalha* PÉRICLES MORAES 2013 }

## — Abertura<sup>1</sup>

ARLINDO PORTO

Esta Casa reabre mais uma vez, em meio da maior sensibilidade e fraternal alegria, as portas históricas de sua sede, para a entrega anual das medalhas correspondentes ao *Mérito Cultural Péricles Moraes*, um evento que já consta com destaque entre as nossas realizações. Assim, mais uma vez destacamos a gloriosa memória de pessoas e entidades que alavancaram com seu trabalho e dedicação: o reconhecimento pelo seu elogiável trabalho.

Com isso, estamos levando mais uma vez ao mundo literário da terra amazônica a contribuição que esperamos seja estimuladora de novas figuras que saberão vir a ser homenageados, por bons serviços à cultura.

Neste ano de 2013, os homenageados incluem *Lúcio de Siqueira Cavalcanti*, um literato símbolo da capacidade humana de conquistar a admiração dos que o cercam, graças ao seu valor pessoal e ao seu talento. E com isso, dando um exemplo que outros procuram reproduzir.

Indica também o *Coral João Comes Jr.*, um grupo musical dos mais exponenciais e duradouros, sempre presente às comemorações desta Academia e, com isso, disseminando o interesse pela música entre inumeráveis pessoas.

Inserir-se, também, entre a relação dos homenageados, a *Universidade Federal do Amazonas*, a mais antiga do Brasil, uma entidade que jamais nega o seu apoio às empreitadas que envolvem a cultura, especialmente entre os jovens, e dando, com isso, um estímulo inestimável de grandiosidade às novas gerações.

A Academia registra, na oportunidade, a sua disposição de dedicar 2013 à qualificação de *Ano Acadêmico Vinicius de Moraes*, quando a

138 figura daquele grande homem de Letras será merecidamente exaltada, destacando a sua contribuição às letras nacionais.

Acredito que, graças à denodada contribuição pessoal de membros desta Casa, outras iniciativas poderão ocorrer, exaltando a nossa admiração e o nosso reconhecimento, por tudo quanto de bom e progressista se faça pela disseminação da cultura nas plagas em que vivemos.



## — Agradecimento

LÚCIO DE SIQUEIRA CAVALCANTI

Nossa presença nesta Tribuna tem por escopo cumprirmos a honrosa missão de agradecer a esse Sodalício, em nome dos agraciados com a outorga da láurea do mérito cultural, que leva o onomástico de uma das insignes figuras que passaram por esse Colegiado – Péricles Moraes, um dos fundadores da “Sociedade dos Homens de Letras do Amazonas”, célula-máter de nossa ACADEMIA, lucifulgente estrela de primeira grandeza, engastada na constelação dos tesouros literários da Planície.

Conhecemos pessoalmente o eminente coestaduano que exorna a comenda, cuja memória dignifica as tradições deste Grêmio de assinalados beletristas.

O valoroso plumitivo foi vulto de marcante e exponencial projeção no seio da intelectualidade de nossa metrópole, ao lado de um Adriano Jorge, de um João Leda, de um Oyama Ytuassú, de um Benjamim Lima, de um Salignac, de um Leopoldo Péres e mais um pugilo de imortais que exalçam e enobrecem nosso Areópago.

Péricles Moraes era um vigoroso estilista, com o condão excepcional de plantar convencimento no ânimo de seus interlocutores, com uma dialética inconcussa e uma argumentação silogística, precipuamente na imprensa, sendo visível seu pendor vocacional para lides polêmicas, segmento em que o intemorato esgrimista era um exímio espadachim, por isso mesmo respeitável e respeitado.

Mas, nosso culto contrerrâneo (era amazonense de Manaus) não era apenas um vibrante e consagrado polemista, não! Ao dar a lume trabalhos que puseram em relevo sua ascensão aos páramos da imortalidade, presenteou os coevos e os pósteros com obras de tomo, merecendo, no particular, especial menção: *Confissões Literárias*, *Coelho Neto e sua obra*, *Vida Luminosa de Araújo Filho*, além de outras joias la-

140 pidadas por sua pena brilhante, inclusive na poesia, como bem pinçou esse valoroso faiscador de sucessos interessantes, o escritor e pesquisador Robério Braga, em sua festejada coluna sabatina, inserta no periódico *A Crítica*, liderado pela jornalista Ritta Calderaro, coadjuvada por sua eficiente equipe.

O laurel que nos foi outorgado pelos partícipes das fileiras desse alçapremado viveiro de cultores das belas-letas, orgulhece-nos e encoraja-nos a continuar nossas incursões no variegado vergel da imensidão extensa e profunda do conhecimento.

É de real magnitude o contributo de nossa utilíssima e dinâmica Ufam, para o desenvolvimento profissional e cultural de nossa gente, especialmente de nossa juventude.

A conceituada Universidade faz jus, incontestavelmente, ao galardão com que a AAL vem de premir-lhe o labor fecundo, pondo em destaque sua presença na polimórfica panorâmica do Mecenato.

De igual passo, o afinado e bem recebido Coral João Gomes Júnior - fundado há mais de meio século pelo esforçado e incansável maestro Nivaldo Santiago - expressão artística do mais alto nível, cristalizadora de alegrias e festa espiritual no coração dos que amam a sublime e divina arte da música, impôs sua presença em momentos memoráveis da vida social de Manaus e é incontroverso o senso de justiça que presidiu a decisão da AAL de condecorar o famoso grupo de artistas que delicia e arrebatava a quantos têm a felicidade de escutá-los.

Agradecemos *ab imo pectoris* ao competente CONDOTTIERE dos destinos desta Casa, o escritor e jornalista Arlindo Augusto dos Santos Porto e seus confrades, nós, os agraciados com a desvanecedora "Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes", e em igual diapasão a esse príncipe, Dr. Renan, da linhagem ilustre dos Freitas Pinto, por suas eruditas e tocantes colocações, bolçadas na bela oração com que nos recepcionou, ao mesmo tempo que formulamos *ex toto corde*, votos para que essa gloriosa Academia, indormida e vigil sentinela das letras caboclas, continue sua caminhada altaneira no rumo de um futuro solar, referto de multiplicados triunfos e exitosos cometimentos nos lindes dilargados de sua magnífica e soberba atuação.

## — Saudação

RENAN DE FREITAS PINTO

Quero cumprimentar a todos os presentes nesta noite festiva em que a Academia Amazonense de Letras faz a entrega solene da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes deste ano de 2013 e de quem recebi a honrosa missão de saudar os agraciados expressando o significado de que cada escolha buscou refletir a representatividade dos homenageados como personalidades e instituições que vêm contribuindo de diferentes modos para o desenvolvimento e a afirmação do cenário cultural de nossa terra.

Devo, portanto, iniciar essa saudação aos nossos especiais homenageados procurando expressar o significado que possui para mim, ter sido escolhido para proferir em nome desta que é reconhecida uma de nossas instituições culturais mais representativas e atuantes, as palavras que inevitavelmente serão insuficientes para destacar as trajetórias e respectivas contribuições para nossa vida espiritual dos que hoje estão recebendo essa homenagem.

O momento se reveste para todos nós de especial significação, na medida em que a escolha daqueles que irão receber a Medalha de Mérito Cultural Péricles Moraes já é em si mesma um especial acontecimento na vida da Academia porque o processo obriga a uma pré-escolha para indicação dos candidatos, o que implica em reflexão e exame de parte da vida cultural da sociedade, que os escolhidos devem, sob diferentes prismas, representar. Portanto, talvez seja esse o aspecto mais importante do processo, pois a escolha acontece como a oportunidade de evidenciar diante dos candidatos a vontade dos votantes acadêmicos quanto à justeza de suas escolhas. E em ocasiões especiais como essa, torna-se possível destacar o papel das academias de letras de cada Estado e região, que é, antes de qualquer outra, o de preservar suas tradições culturais, de reconhecer os seus intelectuais,

142 pensadores, escritores, artistas, porque a cultura de um país não se constitui apenas pelos escritores, pelos intelectuais de seus centros maiores, mas da constelação de inteligências que compõem a matizada geografia da cultura e da alma de nosso povo.

É bastante recente a minha eleição como membro da Academia, e essa circunstância certamente acrescenta significado especial ao fato de ter recebido essa missão, pois me encontro nesse novo convívio com figuras ilustres e amplamente reconhecidas de nossa vida intelectual, diante das quais só tenho que agradecer a honrosa escolha e procurar me colocar à sua altura.

Dessa forma, não será necessário mencionar que essa tarefa poderia ser desempenhada com muito mais autoridade e competência por outros integrantes da Academia, o que ficará claramente indicado desde já. As outras razões de minha satisfação prendem-se mais ao fato de que tive a oportunidade, através dessa escolha, de conhecer melhor os escolhidos e de me aproximar e reaproximar dos ilustres homenageados a quem é dedicada esta noite ao mesmo tempo festiva e solene.

Essa é bem a situação que ocorreu a partir do encontro com nosso laureado com o prêmio de literatura, o escritor Lúcio Cavalcanti, conhecido como uma daquelas figuras atuantes como professor de latim e língua portuguesa, jornalista, advogado e escritor e que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente ao ser carinhosamente recebido em sua casa em uma tarde de conversa agradável e reveladora. Agradável pela fraterna e generosa acolhida. Reveladora, não apenas em razão de ter podido conhecer, com importantes detalhes, alguns dos singulares momentos de suas lembranças em torno do que realizou, mas em relação ao que ele ainda nos reserva em termos de sua impressionante vitalidade que nos assegura a permanência de sua participação na vida cultural de nosso meio, particularmente pelo que nos reserva e promete em termos de escritos inéditos e prontos para publicação.

Lúcio Lins de Siqueira Cavalcanti nasceu em Fonte Boa, Estado do Amazonas, em 1919. Os seus primeiros anos de escola foram vividos em escola pública de seu local de nascimento, concluindo seu curso em Manaus no emblemático Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Na

continuidade de sua primeira formação, prestou seu exame de Admissão no Colégio Dom Bosco, onde concluiu a 1ª série ginasial.

Foi certamente marcante sua experiência no ambiente do D. Bosco que estimulou sua vontade de prosseguir seus estudos como aspirante a sacerdote em seminário salesiano, ideia que teve, por parte de seu pai, plena aprovação e estímulo.

Fato que, como teremos a oportunidade de assinalar, marcaria profundamente sua vida, propiciado pelo apoio que recebera dos padres salesianos em Manaus e de seu pai, e que resultaria em acontecimento definidor de sua formação e de seu projeto de vida, ou seja, sua ida para o Seminário Salesiano em Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco, onde permaneceria até 1936, ano em que também retorna a Manaus, revalidando seu curso no seminário de Pernambuco no Ginásio Amazonense Pedro II.

A biografia de Lúcio Cavalcanti esclarece, sob vários prismas, o conteúdo de seus escritos, tanto os de sua ficção quanto o de suas crônicas e relatos documentais. Sua experiência no seio de uma família que, em razão da crise profunda que envolve toda a vida econômica, social e cultural da região, vê-se obrigada a deixar Fonte Boa para se fixar em Manaus em busca de oportunidades de vida, vai representar um dos principais momentos de suas lembranças. Essa memória da infância e adolescência é um dos mais vivos pontos de referência para abordar um dos temas norteadores de seus escritos, tanto ficcionais quanto documentais e memorialísticos, envolvendo a vida em família numa certa Manaus, com especial atenção para a década de 30, que é o tempo em que acontecem e se projetam, digamos, fatos decisivos, tanto no plano pessoal como para a história social em sentido amplo.

Sua experiência humanístico-religiosa parece constituir a coluna cervical de sua formação e de suas obras, pois marca com grande nitidez e força todos os componentes de sua vida espiritual.

Podemos nos aventurar a concluir que sua decisão em enveredar para a advocacia está também fortemente orientada pelo lastro humanístico que cimentou como diligente e aplicado aluno seminarista no Aspirantado Salesiano de Jaboatão dos Guararapes.

Todos sabemos do diferencial proporcionado pelos estudos em seminários destinados à formação e à consolidação da vocação religiosa

144 que, mesmo quando a situação não resulta na efetivação final do compromisso do seminarista com a plena continuidade de sua educação e ingresso na vida religiosa, os benefícios daqueles anos de formação permanecerão mesmo com aqueles que desistem do sacerdócio. São muitos e conhecidos em toda parte os exemplos de grandes vocações intelectuais que se beneficiaram da sólida formação intelectual e humanística proporcionada pelo rigor e pela disciplina que se exige dos pretendentes à carreira eclesiástica.

Aqui na Amazônia esse dado é particularmente presente porque foram os seminários muitas vezes as únicas instituições de formação existentes num cenário em que a Universidade estava ausente.

Lúcio Cavalcanti pode ser tomado como um dos melhores exemplos desse tipo de formação, pois sua vocação para o magistério, para a advocacia e para as letras encontrou sua principal inspiração nos conhecimentos adquiridos no seminário. As disciplinas que por tantos anos lecionou, em especial o latim e o português e tudo quanto depois escreveu e prossegue escrevendo, têm sua matriz, sua oficina principal na formação que vivenciou com dedicação e entusiasmo no Seminário dos Salesianos em Jaboatão.

Um professor de latim ou de grego, dificilmente, se limita ao ensino da língua. Envolve-se com a perspectiva da história sem a qual não faz sentido o estudo da língua. E podemos imaginar o que eram as aulas do professor Lúcio Cavalcanti, o efeito de seu entusiasmo e de sua paixão sobre o espírito de seus alunos no Acre, que serviu de palco para seu trabalho de magistério, da mesma forma que seus alunos em diversas instituições de ensino em Manaus, que testemunharam, durante todos esses anos vividos, a vibração de seu espírito inquieto em busca do conhecimento e do diálogo.

Vamos nos limitar, em razão de ser esta uma tripla homenagem, a comentar brevemente três de suas obras que, aliás, tive o privilégio de tê-las autografadas pelo autor com atenciosas dedicatórias.

Respeitando, portanto, a cronologia de suas publicações, tomamos o seu *Esboço de História do Sesi Amazonense*, obra publicada em 1996 sob os auspícios do próprio Sesi, para dela destacar aspectos que nos informam sobre seu autor e sua contribuição para a história de uma instituição cuja trajetória assegurou ao longo de todos esses anos

até o presente, seu reconhecimento por parte de empresários, administradores e sobretudo por seus usuários, os trabalhadores da indústria e seus familiares.

O universo da indústria certamente foi o que apresentou as mais significativas mudanças se considerarmos o cenário característico de Manaus na época em que foi fundado o Sesi e tudo o que aconteceu com a instalação do atual Polo Industrial de Manaus. Seu despretensioso livro reúne informações essenciais sobre consolidação institucional do Sesi no Amazonas, tendo como referência essa brusca e ampla mudança de cenário, com seus principais protagonistas e importante documentação fotográfica que descreve com suas imagens a transformação das primeiras ideias e iniciativas pioneiras na obra em seu estado atual, de consideráveis dimensões. Sua posição para produzir esse livro era privilegiada, pois trabalhou na instituição em seu corpo jurídico e assim teve a oportunidade de conhecer os fundadores e continuadores dessa destacada instituição, a qual está vinculado um conjunto de pessoas representativas da sociedade local em suas diferentes áreas de atuação. Sua posição privilegiada de observador participante lhe garantiu o conhecimento das rotinas de todos os setores de atuação do Sesi, o que confere ao seu livro a qualidade de fonte indispensável para futuros estudos sobre a instituição.

Seu *Esboço de História do Sesi Amazonense* é não apenas um guia para conhecermos a atuante instituição, mas um importante fragmento de nossa recente história das organizações e, em sentido mais abrangente, um fragmento de nossa formação social e histórica.

A segunda obra de Lúcio Cavalcanti que passamos a mencionar, na verdade nos tocou de perto porque revela não apenas um romancista de talento, mas um autor dono de uma técnica ficcional rica de recursos narrativos. O romance é claramente autobiográfico, mas ao recorrer aos elementos vividos ou presenciados os converte com muita sutileza em material romanesco, portanto, praticamente apagando as tênues linhas que separam o vivido com o imaginado e construído.

Em seu prefácio a *Mariú*, Luiz Cláudio Castro Costa observa que o livro se inscreve na tradição do *bildungsroman*, ou seja, do romance de formação, que envolve situações de aprendizagem e educação para a vida. Ponto de vista com o qual concordamos inteiramente e que,

146 em nosso juízo, confere à obra um lugar especial para o seu autor na literatura brasileira que tem sua origem na Região Norte.

O romance de formação constitui, além de um verdadeiro gênero literário, um tipo especial de documento que retrata as crises e os conflitos de concepções de mundo em choque. São, portanto, obras identificadas com o tema da formação do indivíduo, que constroem personagens vivendo diferentes situações de preparação para a vida, experiências conflituosas e problemáticas vividas no processo de amadurecimento e aprendizagem, que muitas vezes resultam em desfechos nem sempre satisfatórios.

Nesse momento em que estamos destacando *Mariú* de autoria de Lúcio Cavalcanti como um exemplo brasileiro de romance de formação, a Biblioteca Mário de Andrade está promovendo, no período de 2 de março a 29 de junho, um ciclo de conferências exatamente sobre o romance de formação, reunindo autores da literatura universal e brasileira, com obras identificadas com essa temática, e conferencistas, conhecidos pesquisadores e críticos da área literária e filosófica.

A título de ilustração, entre as obras objeto de exame e discussão estão: de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*; de Miguel de Cervantes, o *Dom Quixote*; de Victor Hugo, *Os Miseráveis*; de Gustave Flaubert, *A Educação Sentimental*; de Thomas Mann, *A Montanha Mágica*; de Machado de Assis, o *Dom Casmurro*; de Graciliano Ramos, *São Bernardo*; de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*; de Milton Hatoum, *Dois Irmãos*.

O que se pode perceber portanto é que a literatura brasileira está muito bem representada no gênero romance de formação e que em termos da literatura brasileira produzida na Amazônia, o romance *Mariú* que, como nos revela seu autor, foi iniciado em 1973 - portanto há quarenta anos - e só finalmente publicado em 2002 pela Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, além de se inscrever nessa tradição romanesca, compartilha como escritor Milton Hatoum como um escritor do Amazonas, o experimento ficcional do romance de formação.

Não reside apenas aí, entretanto, o interesse que pode despertar o romance de Lúcio Cavalcanti. Através de personagens em que a identidade geográfica é revelada por seus gestos, posturas, modos de ves-

tir e, sobretudo, pela linguagem, o autor reconstrói a formação acen- tuadamente nordestina da sociedade amazônica, promovendo para isso o reencontro do personagem Arthur com outros de várias procedências nordestinas. Retrata também com bastante desenvoltura os conflitos que atravessam a família, em particular aquelas que se deslocam de localidades do interior para as cidades, em busca de uma vida melhor, situação que nem sempre ocorre, como ilustra o caso da família que se confunde com o núcleo da narrativa.

Seu terceiro livro - *Camarote: recordando, reavivando* (2012) também publicado pela Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas - é um livro que homenageia a coluna com o mesmo nome que assinou durante muito tempo em jornal desta cidade e que reúne parte de suas crônicas já anteriormente publicadas, que comentaremos de forma mais breve, destacando o seu interesse como documentação histórica não apenas de fatos e pessoas, mas da história das ideias de um período de profundas mudanças envolvendo as estruturas sociais, culturais e de poder da Amazônia.

Suas crônicas são em grande medida inspiradas em sua percepção humanística de personagens que estão vivas em sua memória e que ele reverencia destacando os traços mais fortes de suas fisionomias. Fazemos questão de destacar, entre tantos outros, seus comóventes registros sobre os seguintes personagens e temas: Padre Agostinho; Maestro Ernane Braga; Manuel Bandeira; Álvaro Maia; Política e Futebol e *Bluebirds*. Sobre este último, conhecido grupo de música popular que marcou época e ficou gravado como o ícone de toda uma geração, e que confirmamos com o autor, ter sido fundado em sua casa, inseriu no livro artigo que já publicara no *Jornal do Commercio* de 18 de junho de 1968.

Dizíamos no início da saudação a Lúcio Cavalcanti que ele nos reserva a revelação de vários títulos inéditos à espera de publicação. Nossa expectativa é que sua premiação com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes torne ainda mais pública a sua contribuição e o seu legado para a afirmação de nossa vida intelectual.

É também com grande alegria que recebemos na Academia Amazonense o Coral João Gomes Jr., desta vez para realizar a entrega solene

148 da Medalha Péricles Moraes do Mérito Cultural, como premiação por seu trabalho no campo da Arte, o que para todos nós representa um momento de significação especial,

O Coral representa da forma mais autêntica e legítima a vida musical de Manaus e do Amazonas. Por vida musical devemos entender não apenas os momentos em que acontecem as apresentações, mas todo o conjunto de atividades e iniciativas que tornam as práticas da execução e da audição musicais possíveis. E é exatamente nesse sentido que o Coral João Gomes Jr. é emblemático da vida musical de Manaus, já por quase seis décadas consecutivas, se ajustando às vicissitudes de cada momento e encontrando as formas adequadas não apenas de sobreviver, mas de se consolidar e de se afirmar como expressão de nossa cultura artística, mobilizando o entusiasmo e a dedicação de pelo menos duas gerações.

Manteve viva a paixão e o exercício disciplinado que requer a experiência da música, em momentos em que a vida cultural de Manaus apresentava limitações aparentemente intransponíveis, mas que parecia, exatamente por isso, exercer sobre os participantes do Coral um estímulo a mais para sua continuidade.

A ausência de instituições de educação, formação e aperfeiçoamento musical certamente contribuiu para a situação de fragilidade da vida musical do Amazonas, que parecia ter-se tornado crônica.

O sintoma maior desse mal foi o encerramento das atividades do incipiente conservatório de música vinculado à então Universidade do Amazonas. Esse quadro praticamente desolador para a formação musical de sucessivas gerações só foi superado com a criação da Orquestra Filarmônica e com o curso de música da UEA, ou seja, só após os investimentos estaduais em um projeto de educação musical e de formação do público através das atividades permanentes da Orquestra Filarmônica, mas principalmente do ensino, preparando toda uma nova geração de músicos, instrumentistas e professores. É necessário reconhecer que experimentamos, a partir desse quadro, uma radical transformação do cenário musical do Amazonas, se olharmos retrospectivamente a vida musical dos anos 60 e 70.

As informações que obtive sobre a história e a presença do Coral foram proporcionadas basicamente por duas fontes autorizadas. A

primeira fonte foi um dossiê organizado pela incansável Cleomar Feitoza, que, em pleno jantar de confraternização realizado após a última apresentação do Coral na Catedral Metropolitana de Manaus, ao me receber entre os artistas e convidados em clima de animado festejo, passou às minhas mãos um bom resumo histórico, papéis avulsos e exemplares dos CDs editados pelo Coral.

A segunda e igualmente preciosa e autorizada fonte foi o livro escrito por Elson Farias - *O Coral João Gomes Jr. (uma aventura musical no Amazonas)*, que, além de ter se transformado em documento essencial para o conhecimento do Coral e do quadro da vida cultural desse último meio século, constitui também, enquanto leitura, fonte de prazer e, ao mesmo tempo, de preciosa e privilegiada documentação, por sua feitura cuidadosa e por reunir um repertório de informações preciosas, ao alcance somente de quem conheceu desde os seus primeiros instantes, esse grupo de apaixonados pela música coral e pelo trabalho de criação artística em sentido abrangente.

O testemunho de Elson Farias é privilegiado, não apenas porque integrou o Coral, mas especialmente pelo fato de conhecer e privar da amizade de figuras emblemáticas do Coral como de seu criador e constante incentivador, o Maestro Nivaldo Santiago, Cleomar Feitoza e vários de seus integrantes que carregam consigo uma parte substancial da história e da existência dessa singular família de cantores e da própria vida musical desta terra.

O livro parece ter sido inspirado na imagem de uma exposição de artes visuais em que os quadros são apresentados de tal forma a sugerir uma totalidade. É assim que Elson Farias, antes de chegar ao tema do Coral, oferece ao leitor uma sequência de quadros referentes à vida política e econômica, aos movimentos estudantis e socioculturais, e ao modo como os meios de comunicação - jornal e rádio, principalmente - divulgaram e documentaram as atividades do Coral e da vida musical de nosso meio, destacando o Teatro Amazonas como sua referência maior.

A segunda parte é dedicada ao compositor e maestro Nivaldo Santiago, cuja presença em nosso meio cultural deixou sua marca inconfundível de artista apaixonado e de lutador incansável pela causa da educação, formação e divulgação musical. O verdadeiro ensaio

150 sobre Nivaldo Santiago deve ser destacado como uma lúcida apresentação de seu perfil intelectual, o despertar de sua vocação como um organizador da cultura, vocação essa ilustrada por suas ações no ambiente das Universidades do Pará e do Amazonas, nas quais se manifesta seu compromisso como educador, que durante toda sua vida, até o presente, colocou o trabalho de ministrar cursos, organizar corais e prepará-los com impressionante dedicação e disciplina para apresentações públicas, colocou essas ações voltadas, ao mesmo tempo, para a formação de músicos e para a formação dos públicos, acima de sua atormentada vocação de compositor marcada por um extremo rigor com seu trabalho de artífice da música, trabalho esse muitas vezes suspenso e prorrogado em função de seus compromissos de educador e propagador da música. Mesmo com a descontinuidade de seu trabalho de compositor, sua obra é de alta qualidade e de extremo rigor técnico, o que pode ser constatado através dos CDs gravados pelo Coral João Gomes Jr. e que possuem composições e arranjos de sua autoria.

O Coral, desde seu nascimento, encontrou acolhida nos meios de comunicação e seu êxito crescente ganhou o reconhecimento não apenas através da imprensa, mas de um conjunto de admiradores de seu trabalho persistente.

O livro de Elson Farias destaca em dois capítulos específicos sua recepção respectivamente no rádio e nos jornais impressos, naquele momento os meios de comunicação mais populares e dos quais traça um breve esboço histórico na perspectiva da história cultural. Em tempos mais recentes o Coral tem recebido uma cobertura dos canais de tv que operam no Estado, difundindo as atividades da vida musical, na qual o Coral João Gomes Jr. tem lugar destacado.

Entretanto, o maior feito em termos de sua inserção no âmbito da indústria cultural é a produção e lançamento de seus dois CDs que sintetizam em dois momentos a fisionomia musical do Coral, revelando a riqueza, amplitude e diversidade de seu repertório.

Compositores de consagração mundial como Palestrina, Beethoven, Verdi e Wagner, da mesma forma que brasileiros do porte de Heitor Villa-Lobos, Lorenzo Fernandes, Pixinguinha e Caetano Veloso, estão incluídos entre os mais apreciados da música brasileira. Composito-

res da Amazônia como Waldemar Henrique e Nivaldo Santiago completam a constelação de compositores do repertório. 151

O Coral também está na internet, como não poderia deixar de ser, pois constitui também uma comunidade de amantes de música vocal e todos os seus eventos estão presentes nos diferentes ambientes que se multiplicam sob a forma de blogs, facebooks e outros.

Muitos dados e pessoas importantes infelizmente deixaram de ser mencionados nesta breve saudação que tem como meta principal festejar a trajetória bem-sucedida e cheia de vitórias desse grupo de apaixonados artistas. Vida longa ao Coral João Gomes Jr.

A Universidade Federal do Amazonas foi a escolhida entre os candidatos ao título de mecenas da cultura no Estado do Amazonas.

Compreendemos que a sua indicação ao prêmio significa que já pré-existe o reconhecimento dos diferentes papéis que a nossa universidade pública pioneira vem desempenhando ao longo de seus cem anos de existência, tendo atravessado períodos extremamente difíceis e críticos de gerações inteiras que se viram privadas das oportunidades de pleno desenvolvimento intelectual e profissional.

O fato de existir durante esses cem anos já constitui motivo de comemoração, mesmo que saibamos que houve momentos em que os dirigentes, professores e alunos das poucas faculdades e escolas de nível superior existentes não encontrassem o suporte institucional mínimo para seu funcionamento e manutenção de seus cursos.

A Universidade Livre de Manaus e todas as metamorfoses por que passou até atingirmos o grau de relativa maturidade em que nos encontramos hoje é uma história de resistência contra todas as adversidades e ao mesmo tempo um exemplo de crença de que a educação e o desenvolvimento da inteligência em todas as suas expressões são capazes de promover as mudanças com que a sociedade sonha.

Entre os diferentes legados culturais da Universidade está, em primeiro lugar, a formação de grupos profissionais - advogados, agrônomos, farmacêuticos, odontólogos - que dentro de seus espaços, muitas vezes limitados de realização, foram capazes de potencializar sua base de formação e se transformarem em intelectuais, administradores, planejadores e educadores de sua época, fazendo da obten-

152 ção dos cursos superiores a legitimação de que necessitavam para preencher as mais distintas necessidades que se apresentavam na esfera pública. E que preenchiam também as necessidades impostas por suas ambições intelectuais e culturais. Não podemos - a propósito dessas perspectivas que se ampliavam a partir dessas experiências - resistir a tentação neste momento de mencionar a esse respeito uma crônica de Lúcio Cavalcanti com o título *Lembrando a velha Faculdade de Farmácia*, na qual rememora os laços afetivos e de reconhecimento que brotavam e se desenvolviam no ambiente daquela Faculdade, que era também uma instituição de ciência e cultura, naqueles tempos difíceis, e que vista na perspectiva de hoje, aparece como marca de nosso atraso.

A Universidade do Amazonas foi a instituição que acolheu aqueles que buscaram a formação superior em outros Estados e para aqui voltavam para ocupar cargos no serviço público e quase sempre se transformavam no grupo mais competente e inovador no âmbito da educação, da formação e da própria produção intelectual e artística.

A Universidade Federal do Amazonas representou durante muito tempo, e hoje representa ainda mais, o papel de instituição produtora de ciência, cultura e arte do Amazonas e hoje começa a dividir esse papel com a Universidade do Estado do Amazonas, particularmente em algumas áreas como a da formação artística.

Foi, entretanto, a Universidade Federal do Amazonas que promoveu uma transformação marcante no panorama da produção intelectual do Amazonas, ao se integrar em programas de formação e aperfeiçoamento de professores do ensino superior em âmbito nacional. Foi a primeira forma de aproximação da Universidade com a pós-graduação ao instituir em âmbito local um programa que exigia de seus professores, que buscassem fora do Estado e do próprio país, desenvolver projetos de pesquisa em programas de mestrado e doutorado que foram estimulados a receberem candidatos de todas as regiões do país. Esse ponto de partida começou bem cedo a produzir frutos, na medida em que os professores e pesquisadores ligados a universidades sem experiência de pesquisa e de estudos avançados viveram experiências de pesquisa em universidades já consolidadas, tanto no Brasil como no exterior.

Essa fase foi muito promissora, pois ensejou amplamente a prática das relações interinstitucionais que permanecem até o momento como o recurso mais eficiente para a circulação dos diferentes saberes e mesmo da aproximação e trocas de experiências no âmbito das concepções culturais e simbólicas em suas diferenças e diversidades. Ou seja, essas relações, que tendem a se tornar sistemáticas, propiciam a experiência não apenas universitária, mas aquela do conhecimento de outras culturas e concepções de vida.

O professor Samuel Benchimol, que representou de forma exemplar um tipo de intelectual já identificado com a pesquisa da universidade, em uma de suas últimas aparições públicas, por ocasião do lançamento do centésimo livro publicado pela editora Valer no Salão Nobre do Ideal Clube, reconhecia que a Universidade e seus novos pesquisadores estavam promovendo uma transformação de grande significação para o conhecimento da Amazônia. Lembrava ele que, até pouco tempo, nós pensávamos e víamos a Amazônia e o Brasil através das ideias e do olhar dos autores estrangeiros, viajantes ou não, que nos descreveram e nos inventaram. Hoje, graças às pesquisas realizadas no âmbito de nossas universidades, que tendem a estimular uma maior autonomia intelectual, passamos a pensar a Amazônia também com nossas ideias e experiências e vê-la também com os próprios olhos. Essa autonomia, para Samuel Benchimol, entretanto, não significava fechar os nossos olhos para o mundo.

Se há algo que a Universidade estimulou - em parte por força das próprias exigências do incremento de estudos avançados, em parte pela necessidade de uma maior presença no cenário editorial regional - foi o da criação de programas editoriais, não apenas destinados a cumprir exigências das políticas que administram os rumos da pós-graduação no país, mas pela consciência de que devemos ter compromisso com a divulgação de obras fundamentais sobre a Amazônia, mas também de obras sobre as questões de nosso tempo em suas múltiplas expressões. Essa é também uma forma de nos aproximarmos da condição necessária de cidadãos do mundo, interagindo continuamente com centros culturais e cientificamente mais dinâmicos do próprio país, já que orgulhosamente não nos vemos mais como porto de lenha.

154 A Universidade tem dado exemplos a esse respeito publicando obras ainda não editadas em língua portuguesa e que se constituem em referências para diversos campos de ciência da região e isso tem sido feito em regime de colaboração e mais recentemente com o importante apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, a Fapeam, que vem contribuindo decisivamente para o fortalecimento da autonomia científica e intelectual de nossos professores, pesquisadores e estudantes, em particular com seus programas de estímulo à pesquisa.

Cresce assim a convicção de que a Universidade Federal do Amazonas não pode se limitar a ser o que as políticas colonizadoras e centralizadoras do Ministério da Educação, do CNPq e do Ministério da Cultura querem que sejamos. Há papéis que a própria Universidade deve se atribuir como uma instituição e uma força cultural verdadeiramente atuante. Entre esses papéis e tarefas devem estar seu envolvimento com a cultura popular, com os nossos escritores, nossos artistas plásticos, nossos movimentos culturais e de fortalecimento da cidadania e da democracia. Todos esses protagonistas devem fazer parte da vida da Universidade.

Um dos exemplos da intensa vida cultural e científica da Universidade é o fato de que, possuindo mais de dez auditórios com capacidade para um bom público, é necessário agendar a sua utilização com certa antecedência, pois sempre estão ocupados com atividades científicas, culturais e artísticas. Mas a maior parte dessas atividades se restringe aos seus públicos restritos e especializados. Nossa impressão é que poderíamos, com o uso de poucos e fáceis recursos, fazer com que públicos de fora da instituição pudessem se beneficiar desses eventos que, em última instância, sempre possuem um sentido cultural e que poderiam beneficiar o diálogo da Universidade com a sociedade.

Não devemos também esquecer que a Universidade possui, em sua estrutura cultural e de difusão, a Editora da Universidade Federal do Amazonas, a Edua, a TV Ufam, uma gráfica e o Centro de Artes, além de diversos laboratórios destinados às artes plásticas, à música, ao design, entre outros. E que esses instrumentos devem ser mobilizados com inteligência, compromisso e responsabilidade para que a

Universidade receba o reconhecimento da sociedade como uma de suas mais representativas expressões de formação e desenvolvimento cultural. 155

Não podemos, nesse sentido, deixar de mencionar o que significa culturalmente o processo de interiorização da Universidade, sobretudo quando ela acontece em termos efetivos e permanentes. Os efeitos não são apenas culturais, na medida em que a existência de um campus universitário em uma cidade do Norte do Brasil implica no incremento de várias atividades econômicas, administrativas e de novos horizontes culturais para essas populações. Provavelmente esse seja o campo de ação em que a Universidade mais promove mudanças culturais, sendo esse ainda um campo que precisa se desenvolver numa escala mais ampla que a atual, como o meio mais eficaz de diminuir e mesmo eliminar as desigualdades que ainda marcam profundamente nosso país.

Concluindo, queremos festejar o recebimento da Medalha do Mérito Cultural pela Universidade Federal do Amazonas na condição de ex-aluno como são muitos dos quais estão aqui presentes. E também de um professor que sinceramente acredita que a Universidade possui um papel que ultrapassa seus fins acadêmicos e que a torna uma terra de forças culturais mais vivas. À Ufam, nossos votos de um futuro promissor.

{ PORTFÓLIO }

## — Outro lado do rio

LEYLA LEONG, *jornalista*

Diffícil encontrar Otoni Mesquita sem que esteja a desenhar. Trata-se de um hábito que surgiu na infância, quando desenhava sem parar objetos concretos do cotidiano e outras imagens menos visíveis, que habitavam um mundo particular ao qual só ele tinha acesso. Ainda na infância adquiriu outro gosto: a observação de coisas que de tão simples soam inusitadas. Colecionava águas coloridas dentro de vidrinhos transparentes, e em vez de brincar com as bolinhas de gude fazendo-as rolar na terra, como costumam fazer as crianças, preferia ficar observando as “carambolas” coloridas que havia dentro delas. Atrevo-me a afirmar que esses dois hábitos foram fundamentais para o desenvolvimento e direcionamento da sua arte. Otoni continua desenhando sem parar em qualquer hora ou lugar, deixando solta a mão e a imaginação, para que as imagens do seu inconsciente estético, que vêm sendo alimentadas e abastecidas desde os primeiros anos, assomem e invadam o território neutro do papel. Aquele olhar distante que se deliciava com o movimento das águas coloridas segue minucioso e admirado com a beleza das pequenas coisas. Esse olhar acompanha toda a sua carreira artística desembocando, por exemplo, no seu mais recente trabalho, “Em busca do El Dorado” (Galeria Moacir Andrade – Sesc, 2013). Nele o artista interfere em pequenos fragmentos jogados fora pela ação das forças que comandam a Natureza. Pedacos de folhas, sementes, favas, besouros. Pedras colecionadas, guardadas por muitos anos, saltam de caixas e baús, transformadas pelas experiências e experimentações da vida do artista, resultado de uma prospecção espiritual profunda. “Dourando-as”, Otoni dá-lhes significado e as põe à mostra para usufruto do olhar do outro, como se exibisse, sem pudor, um trecho autobiográfico,

158 para que seja decifrado. Essa delicadeza mostra a sensibilidade do artista que examina a superfície e as entranhas da cidade onde vive, transformando essas impressões na mais fina expressão artística. Entre o jornalismo e a arte, Otoni acabou preferindo os dois: formou-se em Comunicação Social pela Ufam; iniciou-se no desenho e pintura a óleo com dois grandes artistas amazonenses, Van Pereira e Manoel Borges, em aulas na Biblioteca Pública Estadual, participando de exposições coletivas. “Fruto Urbano”, sua primeira individual (1980), apresentou trabalhos de desenho, pontilhismo e óleo, que traziam fortes mensagens e denúncias sociais. Logo depois Otoni partiu para o curso de Belas-Artes no Rio de Janeiro, onde especializou-se em gravura (xilo, metal, lito), cujos resultados eram expostos em Manaus quando vinha passar as férias. Assim, a sua evolução artística pode ser acompanhada a cada período, pelas exposições “Estamos Dançando”, “Nostálgia” e “Mulheres ao Vento” (xilografuras, litografuras e gravuras em metal). Um passeio à outra margem do rio Negro, mudaria a sua vida e daria um novo rumo à sua arte. Foi nessa visita à “outra margem”, em companhia de uma amiga também artista plástica, que Otoni reencontrou o veio da sua arte, guardado dentro de fragmentos de cerâmicas indígenas que as águas levavam e traziam, desenterrando raízes esquecidas. Surgiriam dessa experiência figuras com traços e indumentárias com grafismos indefinidos, dentro de uma misteriosa atmosfera andina apenas sugerida. “Afim, comenta o artista, vivendo no Amazonas, bebo dessa água cuja fonte nasce na Cordilheira dos Andes”. Depois desse reencontro artístico, e já liberto das técnicas da gravura, Otoni Mesquita entregou-se às telas, aquarelas e grandes figuras recortadas, soltas, nas quais experimentou várias técnicas do uso do papel que serviram de suporte para que desse vazão à carga expressiva do seu universo, inspirando-se nas imagens que vem acumulando desde a infância. É quando resolve “Soltar os Bichos” no final da década de 1980, partindo para uma obra escultural cenográfica que seduziu quem a contemplou e marcou definitivamente a originalidade da sua trajetória de artística. Aliás, a década de 80 foi pródiga para as artes plásticas do Amazonas, pois foi nesse tempo que surgiu a nossa “Geração 80”, composta por Otoni Mesquita, Sérgio Cardoso, Jair Jacquemont, Au-

xiliadora Zuazo e Roberto Evangelista. De todos, considero Otoni Mesquita o mais inquieto. O artista atreve-se a caminhar pelas diversas trilhas visuais, inserindo a sua arte no contexto do universo, com o mesmo comprometimento com que se coloca como ser humano diante da Vida. 159

— *Créditos das imagens publicadas: acervo de Otoni Mesquita.*



{ CRÔNICAS }

## — Um caboclo amazonense

ALMIR DINIZ

1. Meu primeiro contacto (o primeiro e, aliás, todos) com Carlos Dagoberto de Araújo Lima foi epistolar, espiritual, portanto. Eu lhe enviara o *Encontros com a Natureza*, livro de poemas que marcara, formalmente, minha estreia no mundo das letras. E o mestre saudou-me com esta carta: e é com ela que desejo saudá-los: plenário, mesa e confrades presentes.

*Meu caro Almir Diniz:*

*Que alegria contar com mais um amigo, como você. Homem de letras, repórter, rico de vivências e de histórias para contar. Só isso? Não! Você é muito mais, porque é Poeta, e na Poesia está o ponto máximo do Coração, da Inteligência, do Gênio humano. Percorri, um a um, todos os versos telúricos do seu notável “Encontros com a Natureza”. Você é Poeta, com letra grande, porque não se perdeu em filigranas sentimentais, da reação individual e rasteira e irrelevante. Nos seus versos ressoa, com força magnífica, toda a realidade dessa Amazônia que nos esmaga, nos estonteia, e nos prende apaixonadamente. Os peixes, os bois, as marombas, os flagrantos do rio, grande como a nossa imaginação, a luta do homem que precisa sobreviver e o consegue escrevendo na nossa história talvez a mais bela página de heroísmo e do milagre humano.*

*Ah! As flores. Onde as há mais belas?  
Dizei-me, deuses, pois desejo vê-las*

*Reinando entre charcos e igapós.*

*Olhem aqui, da restinga: muitas delas,  
lindas vitórias-régias – quase estrelas –  
refletindo no céu de todos nós.*

*Fraternalmente. Tudo de Bom em 98*

*Parabéns.*

*Carlos e Ruth – 12.12.97*

Os tercetos transcritos são do soneto “Vitória-régia”, p. 56 do livro citado, elaborado com a alma enquanto os olhos se deliciavam com a delicadeza hipnotizante de um grupo de pendões encimados por formosas uapés, em viveiro nativo.

Na carta seguinte, agradecendo a remessa do livro *Andanças Poéticas* que eu primeiro lançara no Centro Cultural “Estoril”, na praia de Iracema, em Fortaleza, CE, dizia o saudoso acadêmico:

*...você é, antes de tudo, um Poeta. Andanças Poéticas o demonstram. E como! Inspiração, força de expressão, leveza de exposição, e mensagem emocional. Parabéns.*

*Ser Poeta é ser grande. A Poesia é tudo. O notável Roberto Lyra, Mestre de Criminologia e humanista de primeiro grau, afirmou que os suportes do homem que asseguram a sua evolução são a Poesia, o Direito e a Filosofia. Veja só – a Poesia em primeiro lugar.*

*Parabéns pelos livros que me mandou. Queira-me bem. Um fraterno abraço, do seu*

*Carlos e Ruth*

*Anexo, um livrinho. (Deste falarei, adiante.)*

Em outra carta, de 12.1.1998, dizia;

*Esta é a hora de fixar, lembrar, mexer, expor tudo que se refira à Terra ameaçada. E cabe ao Poeta, principalmente a ele, fazê-lo.*

*Por que isso? Porque o Poeta tem antena própria, vê o que os outros não veem, sente o que os outros não sentem. A sensibilidade do Poeta vai fundo na realidade e é imperativa como você demonstra nos “Encontros com a*

Natureza”, o mundo interior; no meu sentir, neste momento de totalização do mundo em favor dos favorecidos e contra os desgraçados, precisa ser ocupado, todo ele num só impulso – Defender a Vida, torná-la racional e humana. 163

*O Poeta é o Pai da Humanidade.*

*Parabéns pela criatividade. Ruth abraça D. Aníria. Saúde, Paz e que o Poeta que está em você esteja sempre em você, como prova de autenticidade e alegria de viver. Um abraço fraterno dos amigos*

*Carlos e Ruth*

*Ps. – Muito apreciei “Espelho (in Caminhos da Alma, p. 48). Devemos sair do passado. Mergulhar fundo no Presente com a certeza do Futuro.*

*Você fala em Arlindo Porto.*

*E, sempre foi Irmão. Em tudo. Poucos conheço que vivam tão intensamente o prazer de ser amigo, de ajudar, de fraternizar. Abrace-o por nós.*

*Abraçando o Arlindo, estamos, na verdade e sempre, retribuindo.*

*Ele abraça primeiro*

*Rio, 12.1.1998.*

Infelizmente, um mês depois desta última missiva, no dia 13.2.1998, o imenso criminalista e notável acadêmico falecia no Rio de Janeiro, não me dando tempo de abraçá-lo pessoalmente, conforme programado. Na segunda epístola, citada, o mestre, encerrando-a, dizia: “Anexo, um livrinho”. O “livrinho”, com a dedicatória:

*Para o Almir Diniz, com um abraço amazônico, Rua Aires Saldanha, 25, apt. 502, Copacabana CEP 22060-030 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Tel. (021) 547-1070.*

“Araújo Lima e Ruth” – chama-se Prêmio Teixeira de Freitas – 1991, editado em Brasília, em 1992, reunindo os discursos referentes à concessão da láurea a Carlos de Araújo Lima pelo Instituto dos Advogados Brasileiros e em torno da homenagem que lhe prestou a Câmara Municipal de Nova Friburgo, RJ.

164 Antes, porém, de relembrar fragmentos do conteúdo do citado opúsculo de ouro, convém esclarecer, para os que não sabem, quem é Carlos Dagoberto de Araújo Lima.

No meu modesto *Dicionário Biográfico – Acadêmicos, Imortais do Amazonas*, extraí as notas que se seguem:

**CARLOS DE ARAÚJO LIMA, FUNDADOR DA CADEIRA 37 – PATRONO:  
BENJAMIN LIMA**

*O escritor Carlos Dagoberto de Araújo Lima nasceu dia 12.12.1912, em Manaus, filho do acadêmico Benjamin Franklin de Araújo Lima e de d. Cacilda Mello de Araújo Lima. Iniciou seus estudos em Manaus, o secundário no Liceu Franco-Brasileiro de Direito do antigo Distrito Federal. Mediante concurso, entrou para a carreira jurídica, chefiando a seção policial-judiciária do Ministério da Justiça. Exerceu o magistério, lecionando na Escola de Polícia, cadeira de Estatística Criminal. Foi assistente jurídico do Ministério da Justiça, cargo no qual, aliás, se aposentou. A partir daí dedicou-se à advocacia criminal com atuação destacada no Tribunal do Júri da Guanabara e de várias outras capitais brasileiras.*

*Considerado um dos principais criminalistas brasileiros, foi, por isso, agraciado com o “Prêmio Teixeira de Freitas”, de grande significação profissional. Em consequência, proferiu conferências em quase todas as capitais brasileiras e na OAB de Lisboa.*

*Além de chefiar o serviço jurídico de “O Dia” e “A Notícia”, militou nos jornais “A Nota”, “O Mundo”, no próprio “O Dia”, e em vários outros órgãos de divulgação, inclusive de Manaus.*

*Eleito a 2.8.1969 para ocupar, na Academia Amazonense de Letras, como fundador, a cadeira 37, que tem como patrono o seu genitor, Dr. Benjamin Lima, uma das glórias do Silogeu, foi em sua posse saudado pelo acadêmico Waldemar Baptista de Salles, por designação do presidente Djalma Batista.*

*Obras publicadas: “Cruzando a Ponte”, “No Banco dos Réus”; “Caminhos do Crime”; Presença de Portugal no Direito Criminal Brasileiro”; “Carta de Segurança”; “O Júri. Sua Atualização e Crescente Democratização”; Descobrimos Portugal”; “Mutirão Constitucional – Execução de Pena”; “Criminalidade Comum e Segurança Nacional”; “Com Ferreira de*

Castro no Minho”; *Caminhos do Crime*”; “*Amazônia*”; “*Espoliação e Defesa - Representação à Ordem dos Advogados*”; “*Os Grandes Processos do Júri*”, em 3 volumes, várias edições, com aberturas de Faustino Nascimento, Nelson Hungria e Roberto Lyra, dentre outros.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 13.2.1998.

Carlos de Araújo Lima deixou viúva a Sr<sup>a</sup> D. Ruth Castello de Araújo Lima, os filhos Maria Ruth (Michel), e Carlos Eduardo (Graça) e os netos Jeanne, Hemi, Clarice, André, Ricardo e Eduardo.

Carlos, como ficou dito, transpôs cedo o muro do tempo, o umbral da eternidade. Não emoldura mais, portanto, fisicamente, a poltrona azul e ouro de nº 37 da Academia Amazonense de Letras, do Patronato de Benjamin Lima, seu ilustre pai e membro proeminente do triunvirato responsável pela arquitetura deste Silogeu.

O seu sucessor na cadeira é o ensaísta Luiz Maximino de Miranda Corrêa, empossado no dia 17.10.2003, saudado pelo acadêmico Elson Farias, na presidência do poeta Max Carpentier Luiz da Costa.

Sendo humanamente impossível, no espaço de uma palestra, abordar a obra monumental do escritor e jurista Carlos de Araújo Lima, elegi o “livrinho” Prêmio Teixeira de Freitas - 1991, como fonte principal deste trabalho, não pelo fato de o autor me havê-lo presenteado, mas porque nele foram inseridos nobres conceitos de muitos notáveis brasileiros que excursionaram pela vida e obra do saudoso acadêmico hoje, afortunadamente, recebendo da Academia Amazonense de Letras a justa homenagem que esta terra está a lhe dever. Porque Carlos de Araújo Lima não é daqueles conterrâneos de triste memória que, depois de atingirem os píncaros da glória, esquecem-se de suas origens envergonhando-se de revelar que são filhos da Pátria das Águas e da Floresta.

Não. Carlos de Araújo Lima, nos seus artigos na imprensa carioca, notadamente, nos jornais *O Dia* e *Tribuna da Imprensa*, era uma espécie de cônsul do Amazonas, abordando nossos assuntos e defendendo nossos interesses com o vigor de sua pena doutoral. E fazia questão de dizer-se caboclo amazonense.

Discursando na sessão de homenagem do Instituto dos Advogados Brasileiros a Carlos de Araújo Lima, em 18.3.1992, disse João Mar-

166 celio de Araújo Júnior, professor titular de Direito Penal da Uerj e de Criminologia da FBCJ, afirmou:

*...Era o mesmo Araújo Lima que eu enfrentei no Júri, talvez um pouco mais magro e com o olhar mais doce. Era, porém, mesmo caboclo da Amazônia, com a mesma eloquência, com a mesma matreirice com a qual a voz e o gesto falam mais que as palavras...*

Na mesma oportunidade, o Dr. Sebastião Rodrigues de Lima, do Conselho Superior do Instituto dos Advogados Brasileiros, em discurso saudando a esposa de Araújo Lima, d. Ruth Castello de Araújo Lima, revelou:

*...Quero homenagear, Sr. Presidente, aquela mulher maravilhosa, gaúcha, nascida no Rio Grande do Sul e que foi buscar seu grande amor num caboclo do Amazonas – como ele próprio se intitula –, segundo os desígnios de Deus, sempre tão profundos e tão longe de nosso alcance.*

Também o Dr. José Luiz Milhazes, orador oficial do L&B, saudando o homenageado por ocasião da concessão da láurea, teve a oportunidade de afirmar:

*Hoje, a Casa de Montezuma e particularmente o Orador, estão em festa, pois adentra na galeria dos notáveis outorgados com a Medalha Teixeira de Freitas o douto, vibrante e elegante advogado de todos os tempos, Dr. Carlos de Araújo Lima.*

*No entanto, antes de falar da vida e dos méritos do erudito e democrata tribuno que o Amazonas deu ao Brasil, vamos contar um pouco da História do Instituto dos Advogados Brasileiros e do patrono de seu importante prêmio.*

E, mais adiante, depois de informar que o Prêmio Teixeira de Freitas fora criado por Levi Carneiro, sendo o primeiro agraciado o Dr. Clóvis Bevilacqua, autor do Código Civil Brasileiro e parente de Achilles Bevilacqua, ocupante da cadeira 22 da AAL, em substituição a Ge-

nerino Maciel, cadeira hoje ocupada por Robério Braga, faz o elogio 167  
do nosso homenageado, dizendo:

*Desde então, consagradas figuras do nosso mundo jurídico receberam a  
láurea, cabendo, como já disse no início desta oração, em 1991, para sa-  
tisfação de todos nós e especialmente para os que militam no Direito Cri-  
minal, ao Dr. Carlos de Araújo Lima, uma das glórias da advocacia  
brasileira, notadamente pela sua destacada atuação no Tribunal do Júri.*

E aduz, para satisfação nossa:

*Nascido em Manaus-AM em 12 de dezembro de 1912, filho do teatrólogo  
Benjamin Lima e de d. Cacilda Mello de Araújo Lima, moço ainda veio  
para o Rio de Janeiro, sem nunca ter esquecido nem perdido as raízes da  
sua terra natal.*

Terra que ele amava, cantava e divulgava sempre, sempre. Mas esta  
mesma terra – a sua terra, a nossa terra – foi, também, sua amiga.  
Daí esse entrelaçamento de benquerença.

Em 1919 seu pai mudou-se para o Rio de Janeiro com a família.  
Pobre, doente, sofrendo de moléstia incurável, por certo o teatrólogo  
pensava que, na antiga Capital da República, encontraria cura para  
o mal que o perseguia. Não conseguiu e com ele conviveu por lon-  
gos 40 anos. Benjamin Lima, segundo depoimento de Péricles Mo-  
raes, foi “componente da arrancada da inteligência” que culminaria  
com a fundação desta “Távola do Saber”, em 1<sup>o</sup>.1.1918.

Carlos de Araújo Lima contava, quando da mudança para o Rio,  
em 1919, apenas 7 anos de idade. Conseguiu, graças à interferência  
do então deputado Monteiro de Souza, da representação do Amazo-  
nas, matricular-se no Lycée Français, hoje Liceu Franco-Brasileiro.  
Vaga deferida ao Estado do Amazonas, gratuita. Aproveitou, muito  
bem, a oportunidade, fazendo-se estudante brilhante, com trânsito  
livre entre seus colegas. Tanto que, mais tarde, quando cursava a Fa-  
culdade Nacional de Direito, foi eleito presidente do Centro Acadê-  
mico Cândido de Oliveira – CACO.

Colou grau em 1933 na turma paraninfada pelo ministro Ary Franco. Dedicou-se ao Direito Criminal. Alcançou notoriedade nacional preliando com penalistas de renome, em rumorosos processos, muitos dos quais reunidos, mais tarde, no livro *Grandes Processos do Júri*, em 3 volumes e várias edições. Era meticoloso. Em seus trabalhos de rigor científico e alta tecnologia, aliava fácil linguajar, vez que entendia ser “a simplicidade da palavra a alavanca fundamental do homem democrático”.

Inúmeros foram os grandes júris dos quais participou e que ficaram na História.

*No entanto, - e aqui chamo outra vez, para depor, o Dr. José Luiz Milhazes, do Instituto dos Advogados Brasileiros - indiscutivelmente, o mais difícil julgamento da luminosa vida profissional do ilustre homenageado desta noite foi o de Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal do Presidente Getúlio Vargas.*

*Apesar de ter sido realizado em 20 de outubro de 1956, mais de dois anos depois dos trágicos acontecimentos de agosto de 1954, o clima reinante no Tribunal era tenso e provocador à Defesa, estando o plenário infiltrado de elementos lá colocados, especialmente para perturbar o trabalho do Dr. Carlos de Araújo Lima.*

*Ao usar da palavra, iniciando sua sustentação, surgiram vaias e deboches, apesar das intervenções sempre enérgicas da Presidência, tentando fazer cessar a baderna.*

*Na verdade, entretanto, o que calou a claque ordinária foram os argumentos e a elegante oratória de Araújo Lima, já que meia hora depois de iniciada a defesa, não se ouviu um ruído no Plenário.*

*É bom, portanto, que se relembre alguns pequenos trechos daquela notável peça:*

*Convido-vos, jurados, a não confundir a tendenciosidade e a paixão, com a veemência do raciocínio. E, também, a um policiamento que se impõe: a Defesa se propõe caminhar dentro dos autos! Mostrando-os, exibindo-os, afrontando-os com uma realidade que não conheceis. Que ninguém conhecia! Porque houve um bloqueio dessas verdades como provaremos dentro em pouco.*

*Os tempos estão mudados, Senhores! Aquele Manso de Paiva conduzido à prática do crime por um ambiente de excitação desencadeada pela imprensa e posteriormente condenado pelo mesmo ambiente de exacerbação criado pelos jornais... Não, senhores juízes! Aquele Manso de Paiva não se repetirá mais. Bloquear, trancar a verdade dos autos, muito menos será possível.. Pelo menos, hoje, agora, não mais será possível!*

## E continua:

*Ah! Jurados, o povo, na sua intuição extraordinária das crises, já diz que um general do Exército não se senta no banco dos réus, na terra da democracia em que todos são iguais perante a lei... o povo já diz que serão punidos apenas esses peixinhos miúdos colhidos nas malhas de um julgamento político... O mentiroso, a válvula de escape, tem de ser Gregório. O negro sujo, o negro repulsivo, o pai dos gregórios, polarizando psicologicamente todos os vícios, todas as degradações e assim, ainda assim, defendendo a pureza dos brancos.*

## E termina:

*Senhores jurados: precisais hoje, mais do que nunca, aplicar a lei. Porque só aplicando a lei, podereis advertir aqueles que como o meu constituinte se deixam contagiar pelo ambiente, e pelas palavras de um general também contaminado pelo ambiente, de que devem se controlar porque ninguém pode mandar matar. Mas lembrai-vos, também, de que devemos advertir, nessa solução, dentro da lei, rigorosamente dentro da lei, de que aqueles que pregam o ódio, as reações da violência, não podem contar com a Justiça, para estímulo na pregação da subversão e do crime!*

*Senhores jurados: tranquilo comigo, tranquilo com esta Tribuna, tranquilo com o povo brasileiro, tranquilo convosco, eu espero nesta hora histórica para este Tribunal, que saibais aplicar a lei. Porque dentro da lei é que está a solução humana, é que está a solução jurídica, é que está a solução psicológica, é que está a solução digna de vós.*

Mas voltemos ao “livrinho”... Nele consta, além das alocuções relativas à entrega do “Prêmio Teixeira de Freitas”, os discursos referentes à homenagem que lhe prestou a Câmara Municipal de Nova Friburgo, RJ.

Saudou-o em nome da “terra liberdade” – Friburgo – nada menos que essa autêntica lenda do parlamento jurídico brasileiro Dr. Antônio Evaristo de Moraes Filho que, com apurmo e elegância, fez revelações enaltecedoras a Carlos de Araújo Lima, lembrando:

*Naquela época, era o Tribunal do Júri o grande palco e a vitrine da advocacia criminal. Em ordálias memoráveis, usando a palavra, o talento e a cultura como armas, oradores magníficos digladiavam-se na luta por um veredicto, que iria significar a ventura ou a desgraça de um homem, arrastado ao banco dos réus.*

*Dentre todos aqueles artífices da tribuna, quatro pontificavam: o saudoso Romeiro Neto, Evandro Lins e Silva, Alfredo Trajan e o nosso querido Araújo Lima.*

*Dia de júri de um desses magos, era dia de festa e de casa cheia.*

*De todos, era Carlos de Araújo Lima o mais arrebatado e pujante, lembrando, em certos momentos, a arremetida do Amazonas, de seu Amazonas, em busca do mar.*

*Improvisador tempestuoso, os argumentos e as imagens brotavam-lhe em sucessão vertiginosa, às vezes com uma discreta teatralidade, revelada pelo tremor da voz, resquício do estilo oratório da geração que o antecederam. Melhor do que ninguém, aliava a grandiloquência clássica, a uma forma pouco convencional de expressar-se, marcada por um colorido impressionista.*

*Em certas ocasiões, no auge do arrebatamento, Araújo Lima convenia, menos com as palavras, e mais com seus gestos largos, com a máscara facial e até com o suor que porejava. Nestas horas, nele palpitava o gene do teatrólogo Benjamin Lima, que foi seu pai e a magia da adorável mística que foi sua mãe, dona Cacilda Mello de Araújo Lima.*

Assim era o nosso Carlos na tribuna do Júri no início dos anos 50, época em que nós dois nos aproximamos, ele o famoso advogado, eu um jornalista adolescente, que sonhava um dia advogado ser [...]. 171

Em depoimento abrindo o livro *Descobrimo Portugal*, com autoridade de jornalista emérito e escritor renomado, afirma Alves Pinheiro:

*Acostumei-me a admirar em Araújo Lima o tribuno fulgurante. O mago da palavra. A eloquência reboando e empolgando nos tribunais do país. O esplendor da oratória que não é apenas a luxúria vocabular, sonora e embevecedora, mas, também e sobretudo, a substância, a ideia, o poderoso e invencível poder de argumentação. O dialético indomável [...] Era de ver como o fulgor não se apagava, nem a força de expressão, nem a beleza da forma, nem a conceituação jurídica. Eram relâmpagos rasgando as noites, desafiando as madrugadas.*

Mais adiante, brinda a hereditariedade, com esta sentença tão enaltecida para os primevos integrantes de nossa Casa:

*A vocação que se transmitiu de uma geração para outra. A herança daquele tão inefável, tão brilhante e tão simples, tão culto e, ao mesmo tempo, tão humano e bondoso Benjamin Lima, seu ilustre pai, um raro modelo de homem e de jornalista [...].*

É de se registrar o enlevo com que se referia ao nosso país, estando fora dele.

Em crônica publicada na imprensa portuguesa e nacional lembra, embevecido, o carinho com que os portugueses falam do Brasil:

*Ainda ontem num café e não era conosco, vimos um garçom, ao servir um prato e ao aplicar a uma freguesa portuguesa que o prato era bom, sair-se naturalmente com esta – minha senhora, é muito bom! E um Brasil...*

*Aqui, no povo, Brasil se associa a coisa excepcional, a coisa muito boa.*

São tantas as manifestações de reconhecimento e de aplausos ao notável Carlos de Araújo Lima, defensor eterno da instituição do Júri, e ele próprio, um dos maiores criminalistas brasileiros de todos os tempos, que difícil se torna selecionar entre tantos textos os mais apropriados a uma síntese de sua vida, como esta.

O notável, a todos os títulos, Hélio Fernandes, escrevendo sobre a homenagem prestada ao tribuno pelo Instituto dos Advogados Brasileiros (Prêmio Teixeira de Freitas), disse:

*Foi emocionante, cáustica, irreverente, fascinante, irônica, dura, bonita, crítica, implacável, benevolente, gozadora, mas impregnada de profunda sabedoria e do humanismo que jamais o abandona a fala do criminalista Carlos de Araújo Lima, anteontem, no Instituto dos Advogados Brasil (IAB).*

*Rígido, erecto, indomável apesar de estar no limiar dos 80 anos, Carlos de Araújo Lima reviveu seus grandes tempos do Tribunal do Júri. Que defendeu com veemência daquela época. Impressionante.*

Faceta conhecida e decantada da vida do tribuno, era a teatralidade com que agia nas sessões do Tribunal do Júri, o que levou o notável Paschoal Carlos Magno, tão íntimo do nosso saudoso Áureo Nonato, e um dos mais festejados teatrólogos deste país, a dizer, comentando a obra do acadêmico Araújo Lima:

*...Carlos de Araújo Lima - herdeiro das inteligências de um mestre de nosso teatro, Benjamin Lima - demonstrava também possuir qualidades de intérprete. As coisas que dizia, os pensamentos articulados, ganhavam cintilação maior porque esse advogado - cujas causas já lhe deram ressonância nacional - é também um ator completo, de voz ampla e sonora e devidamente matizada, de gesto justo e sempre oportuno para sublinhar a inquietação do espírito.*

Eugênio Gomes teve a oportunidade de afirmar, analisando o lado teatral de Carlos de Araújo Lima: "...A verdade é que sua ágil dissertação revela uma mentalidade arejada e nova, no concernente às relações entre o direito criminal e a literatura".

E o nosso mais que ilustrado romancista de *A Selva*, Ferreira de Castro, assevera: 173

*...Finalmente, desejo felicitá-lo pelo seu livro que li com o mais vivo interesse, pois nele o advogado e o escritor vão de mãos dadas, luminosamente, e as páginas que dedicou ao Hamlet são dessas que não se esquecem.*

A relação entre o direito e a literatura é a mesma que encontramos em outro luminar de nossas letras - o meu patrão Araújo Filho - exposta com o cérebro e o coração na palestra, jamais esquecida, que intitulou "A Poesia do Direito". Meus caros confrades, distintíssimo plenário, termino com as próprias palavras de Carlos de Araújo Lima, um brasileiro exaltado, um amazonense exemplar, ao sintetizar o que somos, em palavras candentes e, infelizmente, tão atuais:

*O Brasil é um corpo agigantado a que falta, em muitas partes, calcificação institucional. A sua unidade é um milagre.*

*Na funcionalidade de sua expressão como Estado há vazios, latejam contradições.*

*O brasileiro acerta na criatividade instintiva e erra na falta de conscientização.*

Muito obrigado!

## — O tríplice Francisco

MAX CARPHENTIER

*Habemus Francisco!* Quase primavera, na noite recém-nascida vaticana, o pastor olhou fundamente o rebanho das luzes, esperanças acesas numa praça. Quem viu, não pôde esquecer: aquele olhar tinha toda a ternura da paternidade concentrada no amor. Pai anunciado como Francisco, logo percebi que o pastoral carinho daqueles olhos tinha uma explicação: nele estavam bênçãos de olhos que nunca se fecharam para nós, os de Francisco de Assis, de Francisco Xavier, de Francisco de Sales. Sim: Bergoglio, sendo Francisco, certamente assume e absorve, por evocação imediata e consanguinidade missionária, a presença e a renascença desses superiores da Fé, e portanto não é só Francisco, é Tríplice Francisco.

Três santos dos mais incensados tanto pelos altares como pela História, não há dúvida de que são exemplos, inspiração e chamado para Bergoglio. Eles foram papas sem cátedra na Terra, mas com assento desde sempre no Céu. São Pedro não hesitaria em colocá-los entre os seus sucessores. Agora, por unção do nome e por necessidade, juntam-se num só, e deve-se perguntar em que medida, com que carisma cada um contribuirá como esteio e asa do Pontífice jesuíta.

Evoquemos primeiro Francisco de Assis, “esposo da obediência e da pobreza”, um revolucionário da doçura, que pregava tanto a homens quanto a passarinhos para ter toda a criação reunida no louvor a Deus. Esse andarilho trovador da Fé invadiu com poesia evangelizadora as portas entreabertas do Renascimento, e seu *Cântico das Criaturas* é a página ecológica que faltava às Escrituras. Nos “Fioretti”, súpula dos ideais franciscanos, a beleza da verdade e a perfeita alegria da paciência são bênçãos de Francisco sobre nós. Príncipe de Jesus em túnica surrada, fez mais pelo bem do mundo do que luxuosas convenções de reinados. Abandonador de guerras e de faus-

tos, ele ouviu do Crucificado o apelo para “restaurar a sua Igreja em ruínas”, e atuou de imediato sob a interpretação literal da queixa, reconstruindo igrejas. Depois, verificando que a ruína era mais doença dos costumes que das pedras, partiu para a atitude curativa e a pregação regeneradora, dentro e fora da Itália. Os estigmas que recebeu no monte Alverne, chagas no corpo abertas como rosas, testemunham sua penitencial configuração a Cristo. E que catedral pode ter torres mais altas do que os campanários invisíveis da sua Porciúncula? Na mediação entre as penúrias sociais e as inconsistências religiosas, Bergoglio há de ter, desse Francisco, a conduta, estrategicamente depuradora do século, de colocar-se exatamente no coração do povo, para iluminação nova dos destinos. 175

Verifica-se em seguida a contribuição de Francisco Xavier na composição dessa tríade em um só homem. Ele oferta logo o vaticínio dos fundadores, dado que foi um dos sete de Montmartre, que conceberam, sob a liderança de Inácio de Loyola, a inesgotável Companhia de Jesus. Fundava-se aí a escola simultaneamente alcandorada e prática de Bergoglio. Começa a cruzada das Índias orientais, com Xavier arrastando mares na evangelização transcontinental tão heroica que até hoje consola os apóstolos das brenhas. Embora tenha ajudado na redação das Constituições da Companhia, Xavier foi mais homem de ação que de meditação, tanto que, em uma de suas cartas a Inácio, declarou sua vontade de ir às academias da Europa “sacudir aqueles que têm mais ciência do que caridade”. A caridade aí é principalmente a da palavra evangelizadora, que imediatamente afasta o negativismo antropológico que muitos sustentam diante da condição humana. O epistolário entre Francisco e Inácio constitui um compêndio que retrata as mais preciosas convicções destes santos. Ao lado das Constituições e dos Exercícios Espirituais, nessas cartas Bergoglio há de ter encontrado e encontrará de ambos a companhia na Companhia. Eles seguirão junto a ele desbravando, levantando e construindo, sob a égide do clássico, uno e tríplice preceito inaciano: obediência de execução, obediência de vontade, obediência de entendimento.

Agora chegamos a um ponto de convergência doutrinária e devocional na figura eclética de Francisco de Sales. Bispo, escritor, fun-

176 dador de congregação (Ordem da Visitação), pregador, diretor de almas, de fé imensa e coração maior. O púlpito flamejante, de onde ele sacudia luzes pontiagudas contra os calvinistas, foi o seu primeiro altar. Marcou de uma vez por todas a história espiritual da França e da Igreja, principalmente ao convocar-nos à devoção também fora dos claustros, à santificação da existência cotidiana. Ele esclareceu sua predestinação diante da Virgem Negra, e logo dividiu seu coração entre o mais alto amor ao próximo e o mais belo amor a Deus. Com matéria de exegese mística e prática evangélica forjadas em sua têmpera de santo, criou duas chaves que descerram juntas salvíficos segredos: *O Tratado do Amor de Deus e Introdução à Vida Devota*. São monumentos de doutrina e de ascese que, reunidos aos seus milhares de sermões e cartas de direção espiritual, estão entre as páginas imperecíveis da literatura cristã de todos os tempos. Francisco de Sales ensinava que a “caridade concreta” é o “êxtase da vida e das obras”. Maravilha de síntese. Isto só pode ser palavra oculta do Sermão da Montanha, guardada para ser ouvida bem depois. Bastaria essa formulação, do mesmo nível da agostiniana, para identificá-lo como coadjutor das bem-aventuranças, como intelectual assistido pelo Espírito Santo. Bem-aventurados aqueles de caridade concreta. Bergoglio bebeu dessa água que não passa mas se multiplica e guardou-a em cântaro aberto para todos.

O papa Francisco movimentará dessas três vidas o louvor que busca, a certeza que age, o amor que liberta, assumindo-as no seu orar, no seu dizer, no seu fazer, fortalecendo a súplica, reevangelizando o mundo, redescobrimdo o Cristo a todo instante. E isso sob a irradiação da Virgem, de intercessora graça tríplice também: Mãe de Jesus, Mãe da Igreja e nossa Mãe. Serás feliz, Bergoglio, atirando as tuas redes com as mesmas mãos de Pedro e dos Franciscos. Agora digo, Tríplice Francisco de São Pedro, que o maior tesouro, a maior alma a ser recolhida das ondas conjunturais será a própria Igreja. E o som da legenda miserando *atque eligendo* te parecerá sempre ecoando com as sílabas do “Segue-me!”. Tudo para a maior glória de Deus.

## — A justiça de Deus ou o jacaré de Monte Cristo

ANTONIO LOUREIRO

Neca era uma mulata bonita e bem conformada, moradora lá para as bandas do que hoje é a Praça 14, com sua irmã paralítica e o seu marido. Os vizinhos comentavam que ela, desde que a irmã ficara paraplégica, vivia maritalmente com o cunhado, até resolverem matar a aleijada, enterrando-a no fundo do quintal.

O certo é que a irmã desapareceu e o caso foi ter à polícia.

Lá, diante de um delegado, jurou por todos os santos não ter morto a irmã e que ela fora para o interior, onde desaparecera. O quintal foi escavado, palmo a palmo, nada sendo encontrado. E veio o seu último juramento, propondo um julgamento celeste:

– Se eu for culpada pela morte de minha irmã, quero que um jacaré me coma.

Estava feita a proposta da atuação da Justiça Divina, neste escabroso caso.

Meses depois, em uma grande falta de água, na cidade de Manaus, o que de vez em quando ocorria, pela quebra das obsoletas máquinas do Bombeamento, Neca foi lavar roupa, no igarapé do Monte Cristo, em uma prancha, ali no fim da rua dos Andradas, onde ficava o porto das catraias para o Educandos. Naquele tempo a água ainda era limpa, sem a poluição atual e o aterro, que acabaram com a antiga geografia do local.

Entretida no ensaboar e bater a roupa suja, não se apercebeu da aproximação de um gigantesco jacaré-açu-do-papo-amarelo, que com um enorme bote fora da água, abocanhou-a pela barriga, levando-a para o meio do igarapé do Educandos. A vítima gritava, mas quando alguma canoa se aproximava a fera mergulhava, até matá-la afogada.

Por estar atravessada na boca do animal, este não podia ficar mergulhado durante muito tempo e nem a engolir, sendo por este motivo abatido a tiros, pelos soldados da polícia, que ali chegaram em uma canoa.

O animal tinha mais de seis metros e trinta centímetros, um monstruoso espécime, ficando por muitos anos o seu couro exposto em um museu da cidade.

Durante muito tempo a pintura desse sáurio em pedra de raio e em cuia de tacacá foi motivo para os artesãos de Manaus.

Dizem que Neca foi julgada pelas suas abusivas palavras, e a sentença fora por ela mesma ditada e cumprida como um castigo divino, pelas suas vãs palavras, que ela mesma pronunciara, uma espécie de ordálio divino.

Passou o tempo e essa história está quase esquecida nessa nossa cidade de Manaus.

## — Terezinha Morango entra para a história do Amazonas<sup>1</sup>

DEMOSTHENES CARMINÉ

Na rua Comendador Alexandre Amorim, 354, no bairro de Aparecida, em Manaus, as crianças não conseguiram dormir, na noite do dia 22 de junho de 1957. Muito barulho, carros passando com alto-falantes e vizinhos em festa. Repórteres faziam perguntas e tiravam fotografias. O motivo? A jovem Terezinha Morango acabara de ganhar o título de Miss Brasil. Seus pais, moradores da rua, celebravam a vitória, dando um gole de Cinzano a cada uma das crianças. Porém, ninguém podia repetir o ato, embora o Cinzano fosse a fonte de renda deles, na pequena mercearia.

Dona Emir Gonçalves Morango, mãe de Terezinha, era uma amazonense típica do interior de Estado. Nasceu no município de São Paulo de Olivença, no rio Solimões, na época com 45 anos. Além de Terezinha, mais sete irmãos: José, Getúlio, Maria Antonieta, Marieta, Glória, Maria das Dores e Manuel.

Terezinha Morango, aos 15 anos, foi morar com os tios, recebendo uma boa educação. O pai de Terezinha era português da cidade do Porto, da zona do rio Tinto. Com grandes olhos claros, trabalhava de sol a sol, na pequena mercearia.

Eram quase duas horas da madrugada, quando começaram a chegar as camionetes com alto-falantes, saudando a família Morango. A mãe, dona Emir, negou-se a sair. Dizia que estava feliz, mas não queria homenagens. No Atlético Rio Negro Clube, onde Terezinha Morango iniciou a carreira vertiginosa, estouravam fogos. O baile de comemoração seguiu até a manhã. No Hotel Amazonas estava hospedado o presidente de Portugal, Craveiro Lopes. As luzes das va-

<sup>1</sup>Fonte: CARMINÉ, Demosthenes. Terezinha Morango: Cinderela Amazônica. 2ª ed. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2010.



*Terezinha Morango, Miss Amazonas, Miss Brasil e Vice-Miss Universo*

randas foram acesas e a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dobrou sinos em homenagem à Terezinha.

O desfecho do acontecimento, a marcante eleição de Terezinha para ocupar o trono pertencente até então à gaúcha Maria José Cardoso, eleita em 1956, tomou proporções incalculáveis no Amazonas. Os preparativos para sua recepção prosseguiram numa programação exaustiva. Incluía a mais destacada autoridade e o mais simples cidadão.

Na escadaria do Colégio Pedro II, os alunos aguardavam impecavelmente fardados, portando nas mãos bandeirinhas com a foto de Terezinha Morango. Depois da saudação dos ginásianos, Terezinha seguiu em carro alegórico pelo centro de Manaus. Quando passou pelo Instituto de Educação do Amazonas (IEA), onde foi normalista, recebeu homenagem das mãos da professora Lila Borges de Sá, diretora da instituição. No local foi saudada com o hino da escola. Finalmente seguiu para sede do Atlético Rio Negro Clube, onde findou a recepção gloriosa da amazonense, considerada uma das mais belas mulheres do mundo.

## — Antes da Lei Áurea

ALMINO AFFONSO

A Lei Áurea, que remonta a 13 de maio de 1888, foi precedida por intensa batalha no Parlamento, numa sucessão de projetos legislativos, dos quais destaco pela sua relevância os que se converteram na Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871) e na Lei dos Sexagenários, de 28 de setembro de 1885.

Seja por essa trajetória, seja pela grandeza da palavra de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco – que deu à luta abolicionista um brilho incedível – o fato é que a Abolição da Escravatura quase sempre é lembrada como se fora tão só uma página radiosa do Congresso Nacional, ao longo do Império.

Sem desmerecer aquele feito memorável, que se consolidou pela decisão histórica da princesa Isabel, cabe lembrar que as Províncias do Ceará, do Rio Grande do Norte e do Amazonas há vários anos já se haviam antecipado à Lei Áurea, rompendo os grilhões da escravidão.

Com efeito, primeiro foi Acarape, no Ceará; depois denominada Redenção. Era o dia 1º de janeiro de 1883. Em caravanas, de toda parte chegavam as maiores figuras do abolicionismo, tendo à frente José do Patrocínio. Ao entardecer, Acarape já se tornara uma cidade de homens livres... Da Inglaterra, Joaquim Nabuco escrevera: “O que está se passando no Ceará é maravilhoso! Parece Incrível que essa Província faça parte do Império. Acarape começa. Vai nascer o futuro”.

Pela segunda vez o Ceará, num intervalo de dois anos, era cenário de fatos tão significativos na história do abolicionismo. Pois em janeiro de 1881, sob a liderança do Dragão do Mar, os jangadeiros haviam se insurgido contra o tráfico de escravos, a um só tempo torpe e cruel. Cruzando os braços, a rigor assumiram a postura de uma rebelião política. O brado ressoou para espanto de muitos: “No porto

182 do Ceará não se embarcam mais escravos!”. E a jangada, o “pequeno soalho à flor das ondas”, como dizia Joaquim Nabuco, converteu-se num símbolo abolicionista.

Seguindo a audácia de Acarape, dezenas de municípios no Ceará adentro foram libertando seus escravos, cabendo ressaltar desde logo Fortaleza, capital da Província, a 24 de maio de 1883. Ainda estava viva a façanha cearense e Mossoró, no Rio Grande do Norte, também se iluminava: a 30 de setembro de 1883 os escravos foram emancipados numa festa cívica sem igual (a poesia e a oratória dando-se as mãos), que desde então a cada ano se repete, tornando-se uma das mais belas tradições do Nordeste. A grande lição se espraiou pelo interior, a tal ponto que, ao ser promulgada a Lei Áurea, o Rio Grande do Norte já não tinha escravos para alforriar.

A rigor ninguém ousava deter a torrente. A 25 de março de 1884 o presidente Sátiro de Oliveira fez a declaração histórica: “A Província do Ceará não possui mais escravos!”. A repercussão foi imensa. Em carta a José do Amaral (um dos principais líderes da “Sociedade Libertadora”), Joaquim Nabuco mais uma vez extravasa a alma:

*O que o Ceará acaba de fazer não significa por certo ainda o Brasil da Liberdade; mas modifica tão profundamente o Brasil da Escravidão que se pode dizer que a sua nobre Província nos deu uma nova Pátria. A imensa luz do Norte há de destruir as trevas do Sul. Não há quem possa impedir a marcha dessa claridade.*

No Amazonas a campanha abolicionista também vinha de longe. Como assinala a historiadora Etelvina Garcia: “A participação da sociedade foi decisiva. Os ativistas organizavam-se em grêmios abolicionistas, dos quais o pioneiro em Manaus foi a Sociedade Emancipadora Amazonense”, cuja fundação remontava a 6 de março de 1870. Por sua vez, Robério Braga (historiador e homem público) demonstra, em seu estudo “O Negro no Amazonas”, que o movimento libertário de há muito vinha em franca expansão na capital e nas cidades do interior, ganhando inclusive expressão política de inegável relevância.

Com efeito, essa etapa do abolicionismo (que indo além das ruas chegara ao Palácio do Governo) evidenciara-se na instalação da “So-

cidade Emancipadora 25 de Março”, a 11 de maio de 1884... A presidir-lhe o ato estivera o próprio presidente da Província, cujo discurso assumira claro acento proselitista. A correnteza avolumara-se incontida, levando de roldão o escravagismo... Assim, a 24 de maio de 1884 Manaus emancipou seus escravos.

Por fim, o Amazonas se engrandecera. Cerca de quatro anos antes da Lei Áurea, o presidente Theodureto Souto, a 10 de julho de 1884, declarou perante a História: “Em nome do povo amazonense, pela vontade soberana do mesmo povo e em virtude de suas leis, não mais existem escravos no território da Província; ficando assim de hoje para sempre abolida a escravidão e proclamada a igualdade dos direitos de todos os seus habitantes!”.

Completara-se o círculo luminoso: o Ceará, o Amazonas e o Rio Grande do Norte que, pela liderança do presidente Pedro Velho, também integrara a vanguarda emancipadora. Pode-se dizer que a corrente se rompera nos elos mais frágeis... Mas a verdade incontestável é que a “imensa luz” viera do Norte... E, como se fora um clarão, logo mais envolvera o Rio Grande do Sul e a própria capital do Império... Até mesmo São Paulo, onde a escravatura se alicerçara tão sólida, também se antecipou à Lei Áurea: a 12 de fevereiro de 1888, três meses antes da manhã consagrada, alforriara os escravos.

A Abolição no Ceará, no Rio Grande do Norte e no Amazonas (que enfrentara a escravocracia apesar de respaldada pelo Império) ainda aguarda que a História a recolha em todas as dimensões, dando-lhe a grandeza nacional que merece. De suas lideranças digo o mesmo: desde o Dragão do Mar, Theodureto Souto, Sátiro de Oliveira, Pedro Velho, José do Amaral... E dentre tantos que, pela palavra de arrojo e de luz, romperam os grilhões da escravidão, destaco – sem vanglória – a figura de meu avô Almino Álvares Affonso aclamado em Mosoró, Fortaleza e Manaus como o Tribuno da Abolição.

É hora de fazer justiça aos que primeiro ousaram implantar a liberdade. Mas também é inadiável que se reconheça – pela ação transformadora – quanto o país (por tudo que logrou ser) ainda deve aos negros, desde a senzala até os nossos dias.

## — Outro Francisco para os nossos dias

IRMÃ MARÍLIA MENEZES<sup>1</sup>

*1-Membro correspondente da Academia Amazonense de Letras*

Estive em Buenos Aires por algumas semanas há alguns anos, a serviço da minha Congregação de Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo. Era primavera, e os “amarillos” típicos da Argentina cobriam de dourado as ruas. As rosas vicejavam, grandes e coloridas, e seu perfume me encantou. Alguém me disse: “Esta primavera é muito significativa para nós, que estamos deixando para trás a ditadura dos militares. Custou-nos despertar para a liberdade, mas conseguimos”.

Foram as nossas Irmãs de origem italiana que, vindas da Itália, desfraldaram a bandeira do Sangue de Cristo na terra dos Pampas e, com seu exemplo, atraíram jovens argentinas a segui-las. Hoje elas dirigem um conceituado colégio em Buenos Aires, mas outros grupos trabalham em meio a grande pobreza, em zonas de periferia, pois a Argentina atravessa uma crise econômica terrível e, para ajudar os carentes, elas procuram suscitar o apoio de muita gente para a evangelização e a promoção humana.

A espiritualidade de nossa Congregação nos fala dos “gritos do sangue” que clamam por nós pedindo socorro, como o sangue de Abel jorrando na Sagrada Escritura em Gênesis 4,10: “E Javé perguntou a Caim: O que fizeste? O sangue do teu irmão clama da terra por mim”. Nossas Irmãs não podem deixar de escutá-los. Esses não são gritos apenas de “desaparecidos”, filhos das mães da Plaza de Mayo, em Buenos Aires, mas são gritos do mundo inteiro: são clamores dos que morrem de fome em países africanos; são clamores das mulheres, jovens e crianças vítimas de um tráfico internacional; dos aidéticos; das pessoas drogadas; de crianças sem escola; de indígenas da Amazônia espoliados de seus direitos por causa das hidre-

létricas; são gritos que mal se ouvem, como os dos bebês abortados ou dos idosos abandonados ou mortos antes do tempo. 185

Todos esses pensamentos me ocorreram com a eleição do novo Pontífice, o Papa Francisco. Telefonei a Buenos Aires, e as Irmãs estavam exultantes. Disseram que a escolha agradou em cheio, tanto por ser este o primeiro Papa latino-americano como porque este prima pela simplicidade e afabilidade, e pelo amor aos pobres.

As Irmãs não esquecem que o Padre Bergoglio era Reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia de São Miguel quando, antevendo e já vivendo os novos tempos, convidou uma de nossas Irmãs italianas, que serviam em Buenos Aires, e era doutorada em Teologia em Roma, para que lecionasse essa matéria básica nesse renomado Instituto, onde somente lecionavam sacerdotes. E não se cansam de lembrar que, sendo Arcebispo de Buenos Aires e já Cardeal, Dom Bergoglio presidiu a celebração de ação de graças, em maio de 2003, pela canonização de Santa Maria De Mattias, fundadora de nossa Congregação, e depois, cheio de alegria, tomou a refeição com as nossas Irmãs.

Ao admirar o sorriso do Papa, veio-me à mente o sobressalto que ele deve ter tido com sua eleição; depois, na sala que tem o sugestivo nome de “Sala das Lágrimas” – aquela sala secreta à esquerda do altar-mor da Capela Sistina, jamais aberta aos turistas – o recém-eleito se recolheu por alguns momentos, e chorou. Chorou para aliviar a tensão do conclave e chorou pedindo forças a Deus para carregar o pesado fardo que lhe era posto nos ombros. Nesse momento, deve ter-lhe vindo à mente a figura de Francisco de Assis – não fosse ele um ítalo-argentino – e veio nitidamente a seus ouvidos a frase que Jesus, cravado em sua cruz na igreja de São Damião, disse a esse Santo: “Francisco, reconstrói a minha Igreja!”. Jesus explicaria aos poucos a seu amigo o significado do seu apelo pungente: era necessária a reconstrução de uma igreja não de pedra, mas de gente...

Francisco de Assis com seus seguidores e suas seguidoras é um exemplo indelével do que representa seguir Jesus. A sua curta vida se prolongou e se prolonga nos séculos. E agora, em pleno século XXI, surge aos nossos olhos atônitos, a figura do Papa Francisco.

O nosso novo Francisco – jesuíta por vocação e formação – e acostumado a escutar Jesus por viver “em sua companhia” – entendeu

186 bem o que Jesus lhe estava pedindo, ao lhe inspirar o nome inaudito de FRANCISCO. E para fazer o que Jesus lhe pede, ele viverá certamente o seu lema de vida: “Olhou-o com misericórdia e escolheu-o”, baseado em Mateus 19,20 – fruto de uma experiência de Deus que o conquistou para sempre, desde os dezessete anos de idade, para entrar no Seminário da Companhia de Jesus.

No dia em que tomou posse, 19 de março deste ano – dia de São José, patrono da Igreja –, diante de presidentes ou representantes de quase 150 países – desses dirigentes do mundo conturbado e aflito em que vivemos, Francisco deu a chave do modo como se deve agir: “Não tenham medo da ternura e da misericórdia! Não tenham medo da ternura!”.

Com isto, o Papa Francisco nos convida a amar mais este mundo e a cada pessoa pela qual Jesus não hesitou em derramar todo o Seu Sangue.

Não pude deixar de recordar as palavras do inspirado e sempre atual poeta alemão, Rainer Maria Rilke (*Cartas a um jovem poeta* – Coleção Pocket Plus, 2009), que reli um dia destes:

*O amor é difícil. Ter amor talvez seja a coisa mais difícil que nos foi dada e ensinada, a mais extrema, a derradeira prova e provação, o trabalho para o qual, qualquer outro trabalho é apenas uma preparação.*



Olav  
22-11-8

{ RESENHAS }

## — O Retorno da Aura

JORGE TUFIC

Luís Augusto Cassas, 41, pertence a uma das mais recentes gerações de poetas maranhenses. Autor de quatro livros de poesia, *A República dos Becos*, *A Paixão segundo Alcântara*, *Rosebud* e *O Retorno da Aura*, é deste último, no entanto, que iremos nos ocupar.

Para início de conversa, não se trata, aqui, de um livro comum. Elegendo uma temática espiritualista, que passa pela mandala e joga búzios com os mestres derwiches da Idade Média, nem por isso o autor deste livro abdica de sua natural coloquialidade ou senso de humor, atributos estes que dão às suas obras aquele traço característico do que veio para ficar. Deste modo e por extensão, *O Retorno da Aura* veio para ficar. Ele é parte de um todo, sendo, ao mesmo tempo, a orquestra inteira e a pausa que deixa fluir o mistério da partitura.

Diria, talvez, com um certo pessimismo, que ele segue, por este exato motivo, a pouco gloriosa trajetória daqueles raros que nascem, respiram momentaneamente o oxigênio do noticiário, mas logo desaparecem das nossas livrarias. Ou seja, deixam de ser reeditados. Submetem-se, paradoxalmente, ao destino obscuro dos incontáveis milhares de papéis impressos destinados ao paralelo da gula quantitativa, ao limbo implacável e, quando muito, ao sebo das curiosidades peripatéticas. Esse “confronto” se estabelece, frequentes vezes, ao depararmos com títulos que já fizeram nossa cabeça, mergulhados agora entre centenas daqueles outros, alguns deles considerados verdadeiros “Best-selleres” (?).

Quando afirmamos, entretanto, que *O Retorno da Aura* veio para ficar, não queríamos com isso e por mera comodidade repetir uma simples frase comumente utilizada nas orelhas de livros de poesia, quer pertençam estes à categoria dos singulares, quer venham uni-

190 camente com a função de impulsionar, pela quantidade, o aparecimento nunca espontâneo de obras-primas realmente notáveis. Luís Augusto Cassas, antecipando-se, todavia, a uma possível arenga sobre temas polêmicos ou modos de enfrentá-los ao nível da linguagem, logo tratou de evitar que os primeiros dominassem os segundos, outorgando à Poesia, em última análise, o encargo sublime de pô-los em ordem sob o rígido esquema do mago e os recursos extremamente hábeis do poeta. Altos e baixos porventura encontrados, não devem, assim, creditar-se ao fato de que a iniciação do filósofo ainda guarda uma certa distância da coloquialidade original do poeta. Essa distância é falsa ou aparente, posto que não deve ter sido fácil a recusa dos termos peculiares ao satori no entramado afetivo e essencial da metáfora, tão peculiar à natureza do poema.

Quem serve a quem, afinal de contas, nesse encontro estelar da verdade com a poesia? Acreditamos, isto sim, que a verdade ou a busca da verdade é que serve à poesia, como a luz do sol, projetando-se no satélite da Terra, refina e transcende os raios luminosos através do luar. Reprisando o óbvio, a linguagem indireta refina e transcende, da mesma forma, a espessura das vestes prosaicas inerentes à lógica e ao conhecimento racional. Neste aspecto, Luís Augusto Cassas, poeta dos becos de São Luís, navega com a bússola de Deus e o signo da iluminação poética.

O que diz ele e o que dizem dele, porém, seus críticos e prefaciadores? Para Francisco José Bittencourt Araújo, “o livro de LAC é uma chispa luminosa”. J. A. Rosa afirma que LAC, “ao expandir os limites de sua visão do mundo, expandiu infinitamente as possibilidades de sua poesia”. Explica, por sua vez, Luís Augusto Cassas, que a expressão “retorno da aura” contrapõe-se à ideia formulada por Karl Marx de “perda da aura”, no século passado. “A visão de Marx se apoiava na convicção de que o capitalismo tenderia a destruir a ideia do sagrado, do numinoso em nós - “Tudo que é sagrado é profanado”. Contudo, conforme observa Marschall Berman, Marx divisaria as virtudes da perda do halo em nossas cabeças, com o despertar da igualdade espiritual em todos os homens. Todos teriam igualdade. Os humildes herdariam a terra. Mas o autor deste livro reivindica, sobretudo, o retorno da aura sem o ranço dualístico da “construção do

homem econômico”, materialista por excelência por qualquer ângulo ideológico que se apresente, porquanto “dissociado da antiga herança espiritual e, portanto, desprovido de cosmovisão solar”.

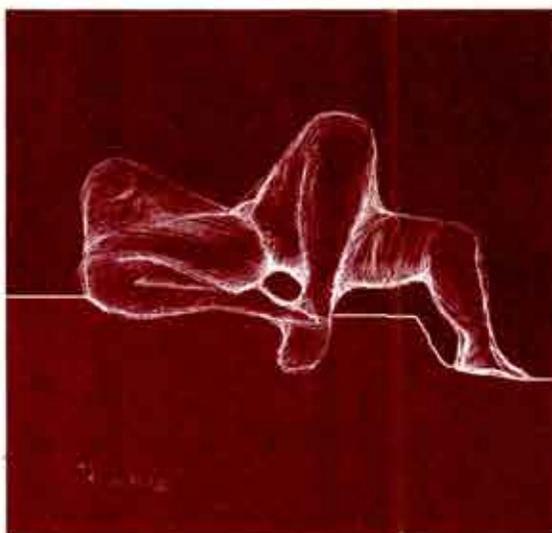
Estes, em suma, os princípios que alicerçam a “mensagem” do livro. Mas o que transmite, em realidade, o texto do poeta?

A obra é dividida em três partes: d’A ESTRADA DOURADA, BREVIÁRIO DO AZUL e O RETORNO DA AURA. Um extenso poema iniciático, em seis movimentos, surpreende o leitor ao sair da conexão sugerida pelo autor como um requisito de segurança a ser cumprido antes da viagem através do texto, propriamente dito. Ele diz: “meu coração (em êxtase) se enche de flores/ ao descobrir/ que a quem busco é quem me busca/ e ao som de uma floresta de flautas,/ dou-lhe as boas-vindas/ dançando uma dança derwiche”. Ou: “Sou um executivo da alma:/ a pasta de couro carrega/ as 78 Lâminas do Livro de Thot/ fitas de meditação confissões de iluminados/ edições da Bíblia & Alcorão/ tratados de astrologia/ poemas de Rumi/ roteiro de locais energéticos/ o tapete de orações/ (por isso pendo/ para o lado)”. Ou, ainda: “Converso com os demônios interiores/ até torná-los amigos/ e transmutá-los em amor”.

Poemas escritos na leveza do encanto disciplinado e feliz, prendem-se eles, contudo, ao discurso teórico e devocional, cujos objetivos serão plenamente atingidos na experiência doutrinária; mas o rastreamento do poético emerge, também, vitorioso, como naquela passagem misteriosa da luta entre Jacob e o anjo, a caminho das tendas enlustradas de suas origens tribais e na decisão final de um pacto secreto com a vida. Deste modo, o poeta exclama: “A Poesia imita a Vida?/ A Vida imita a Poesia? Enquanto os castos discutem a questão/ Exercito o meu Vênus em Escorpião/ retorno à alva cama da Poesia/ e escrevo com a tinta dos desesperados/ no dorso nu de todas as palavras:/ todo dia é dia/ dia de utopia”. Mestre na condução do verso e da palavra – fatos que se constata, frequentemente, a partir do seu livro de estreia, Luís Augusto Cassas, em *O Retorno da Aura*, fazendo valer a eficácia do poema composto de versos irregulares, com mais diástole do que sístole, dispensa maiores tentativas de análise. Ele deve ser lido e meditado. A transparência do poeta imita o gesto ritual daqueles seus legítimos parceiros do *misterium ineffabile*, o me-

192 recimento da tigela. Seus Koans batem magistralmente com a assertiva de Suzuki, segundo a qual, “mais do que na filosofia o Zen, naturalmente, encontra sua maior expressão na poesia, porque esta condiz melhor com o sentimento do que com o intelecto (“Introdução ao Zen-Budismo”, C. G. Suzuki, p. 141).

Há nele, portanto, muito mais do que se pode esperar de um livro que, aparentemente, pelos símbolos, títulos e carimbos de suas charcras, se vale da poesia como instrumento de seus protestos, sátiras e afirmações. Qualquer dualidade, entretanto, já por si contrária à essência do Zen e da própria poesia, reduz-se, com a leitura do volume, à estranha sensação de que fizemos, de fato, uma bela viagem em poucos minutos. E a unidade poética absorve, totalmente, os fragmentos da explosão inicial (ou iniciática), meditada, ali, a cada passo do homem, desde o seu primeiro nascimento físico ao toque mágico do satori, a consciência cósmica (ou poética) do encontro marcado.



## — Adrino Aragão: a grandeza do minimalismo na literatura<sup>1</sup>

ZEMARIA PINTO

Fui incumbido de nesta manhã falar do mais novo livro de Adrino Aragão: *Caderno do escritor*. E também sobre o mais novo - e talvez o mais completo - estudo realizado sobre a obra deste autor: *O conto à meia-luz*, resultado de um estudo intitulado *Marcas ficcionais no discurso mimético e minimalista de Adrino Aragão*, do escritor e professor Joaquim Branco, mineiro de Cataguases, que o apresentou em 2010 no curso de Pós-Doutorado da Faculdade de Letras da UFRJ.

Agradeço, caro Adrino, a confiança em mim depositada.

### — UM POUCO DE TEORIA

Antes de falar dos livros, entretanto, discorrerei sobre este gênero literário muitas vezes incompreendido: o conto.<sup>2</sup>

Definir o conto sempre foi questão controversa, desde que o Romantismo o consagrou como forma, embora sua gênese se estenda às narrativas mitológicas, na madrugada dos tempos. Para ficarmos num exemplo bem próximo, na apresentação de *Papéis avulsos* (1882), Machado de Assis escreveu: “Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil”. Eram narrativas curtas, contos típicos, com exceção de um, que se dividia em 13 capítulos: *O alienista*. Sem dúvida, as desventuras de Simão Bacamarte foram responsáveis por aquelas palavras de hesitação do mestre.

Uma frase de Mário de Andrade, no esquecido livro *O empalhador de passarinhos* (1944), tem sido usada à toa, para justificar equívocos: “Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”.<sup>3</sup> Bobagem. O conto pode sim ser definido, desde que nos permitamos alguma abstração.

<sup>1</sup> Apresentação dos livros *Caderno do Escritor* (Cataguases: Jaraqui, 2012) e *O conto à meia-luz* (Cataguases: Funcec, 2010), feita na Academia Amazonense de Letras, na manhã do dia 23/3/2013.

<sup>2</sup> Utilizei trechos do meu livro *O conto no Amazonas* (Manaus: Valer, 2011, p. 7-13).

<sup>3</sup> Citado por Ênio Tavares, em *Teoria Literária*. 11ª ed. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Vila Rica: Editoras Reunidas, 1996.

A palavra “conto” tem origem no vocábulo latino *computus* – cálculo, cômputo –, derivado do verbo *computare*, que, com o passar do tempo, adquiriu o sentido de “enumerar detalhes”, “contar detalhes”, evoluindo, a partir do século XVI, para o significado que hoje utilizamos: relatar, narrar. Mas o conto enquanto gênero é muito anterior, escondido em inúmeros nomes-disfarces: mito, lenda, fábula, caso, apólogo, parábola...

Apropriadamente chamado em inglês de *short story*, ou história curta, podemos definir o conto de forma muito simples, pois é a estrutura da imensa maioria das narrativas assim classificadas: o conto tem uma história bem definida, poucos personagens, tempo e ação muito concentrados, passados num só ambiente. Isso nos remete à tríplice unidade pretendida por Aristóteles: que a história narrada tenha uma ação bem definida, um só episódio, com poucas personagens; passe-se num tempo curto, fácil de mensurar; e que se passe num só ambiente ou lugar.

Algumas palavras precisam ser ditas sobre a linguagem do conto – e aqui estamos pensando nos contos desenvolvidos a partir do movimento romântico, no século XIX: narrativa concisa; ausência de digressões; economia de descrições; uso do diálogo, visando objetivar a narrativa. E ponto de vista único – narrativa em primeira pessoa ou por narrador onisciente ou observador.

Mais recentemente, uma nova modalidade de conto surgiu, a partir do conceito de minimalismo – redução ao mínimo dos recursos utilizados –, empregado mais usualmente nas artes plásticas e na música. Chamado de miniconto, microconto ou nanoconto, condensa de tal forma a expressão, que pode ser enunciado numa única frase. Esse radicalismo é uma alegoria do próprio desenvolvimento do conto ao longo dos séculos, em busca da síntese absoluta – ou da batida perfeita.

No meu blog *Palavra do Fingidor* publiquei dois livros de nanocontos integralmente: o meu *Drops de pimenta* e *Conto, não conto & outras inquietações*, de Adriano Aragão, além de experiências de Allison Leão, com quem escrevi uma teoria do nanoconto, da qual vou poupá-los, por ser um tanto extensa. Relembro aqui apenas seu desfecho, citando Cortázar: “O romance ganha por pontos; o conto, por

nocautes; o nanoconto é um tiro de bala dundum na mente do leitor incauto”.<sup>4</sup>

195

4. Ver: <http://palavrado fingidor.blogspot.com.br/2009/03/notas-para-uma-teoria-do-nanoconto.html>

#### — O CONTO À MEIA-LUZ

O professor Joaquim Branco trabalha com três livros de Adrino Aragão: *Inquietação de um feto*, *Tigre no espelho* e *Conto, não conto & outras inquietações*. Três momentos diferentes do autor, três fases distintas de uma mesma obra: o jovem, o homem maduro, o mestre.

De *Inquietação de um feto*, Joaquim Branco destaca “o poético na confluência da prosa”:<sup>5</sup> de fato, Adrino Aragão opta pelo afastamento total do realismo que minava a contística amazonense e constrói pequenas narrativas onde a linguagem transita, sem nenhum pudor, entre o mito e o místico: “Voo de Ícaro”, “Invenção”, “Rosa vigiada”, “Filho”, “O afogado”, são contos que, nas palavras de Arthur Engrácio, sabiamente recuperadas por Joaquim Branco, “além de invadirem o terreno do fantástico, do mistério e do absurdo, tocam de perto o poético”.<sup>6</sup> Para ilustrar sua tese, Engrácio transforma os dois parágrafos, de cinco linhas cada, do conto “Filho”, em um poema, de duas estrofes, com sete versos cada, “com resultados surpreendentes”:

5. Obra citada: p. 62.

6. Obra citada: p. 68.

*Tens as vestes esfarrapadas, meu filho.  
Teus caminhos são tortuosos.  
Teus pés estão feridos e o corpo lanhado de espinhos.  
Te perdeste na procura do caminho  
onde poucos estiveram.  
O cavaleiro da estrada quis punir-te;  
foste poupado.*

*Vem, meu filho.  
Vou cobrir a nudez de teu corpo cansado.  
Do cordeiro e do leão fei tuas vestes.  
E nas três varas de bambu  
sustentarás teu corpo.  
Até que a espiga haja crescido viçosa  
e teus filhos estejam alimentados.*<sup>7</sup>

7. Obra citada: p. 68-69.

Em *Tigre no espelho*, Joaquim Branco ressalta “o uso da intertextualidade, da metalinguagem e o enfrentamento do ‘outro’, presentes em quase todo o percurso narrativo do livro, preparando o terreno que vai se tornar a própria substância da ficção”.<sup>8</sup>

8. *Obra citada*: p. 51.

De fato, usando referências que fazem pontes entre Edgar Allan Poe e Franz Kafka, Guimarães Rosa e Ernest Hemingway, Adrino Aragão constrói um labirinto borgeano onde em cada passagem questiona-se o próprio fazer literário, tal como ensinara o onipresente Jorge Luis Borges. Joaquim Branco diz que, valendo-se do entrelaçamento de textos e personagens diversos, e de uma linguagem adstrita ao realismo fantástico, em Adrino “a mímese se realiza predominantemente através de processos metalinguísticos”,<sup>9</sup> ao que eu acrescentaria o embate consigo mesmo (o outro, o espelho), usando a literatura para desmistificar a si mesma, como neste fragmento, extraído de “Anotações para um conto”:

9. *Obra citada*: p. 53.

*Que diabo! Um escritor não pode ficar tanto tempo sem escrever. Por mais que me esforce não consigo escrever nada. Nem um conto sequer. O último trabalho como que me sugou totalmente. Decidi não ficar esperando pela inspiração e tentei desenvolver algumas ideias mas não deu certo. Só consigo escrever impulsionado por uma força interior me sufocando, gritando para sair.*<sup>10</sup>

10. *Tigre no espelho*, p. 75.

Em 1999, escrevi um breve e despretensioso ensaio sobre *Tigre no espelho*, onde observo que o tema central do livro é a problematização do ato de criar, de fazer arte.<sup>11</sup> Esse tema está presente em dez dos doze contos do livro – que, por sinal, não se enquadram no escopo restrito da obra de Joaquim Branco: os mini, micro ou nanocontos. Mas é exatamente esse questionamento recorrente que interessa ao crítico, antes de chegar à grandeza das miniaturas de *Conto, não conto & outras inquietações*, o cerne de sua pesquisa.

11. “*Tigre no espelho*”, in: *Análise Literária das Obras do Vestibular 2000* (Manaus: Edua, 1999).

Nesse livro, Joaquim Branco anota que “se concentra a maior força criativa do autor, que consegue, em poucas linhas, descobrir – no sentido de abrir, levantar o véu – um universo de sugestões e vias para o leitor. Ali são demonstradas as relações entre o trágico e o cotidiano, remontando ao mitológico grego”.<sup>12</sup>

12. *Obra citada*: p. 80.

Eu diria mais, pois Adrino Aragão, neste livro, mais que em qualquer outro, assume um lado regionalista – mas não aquele ligado ao realismo-naturalismo: um regionalismo anterior, mítico, essencialmente amazônida. Aliás, nunca é demais repetir: “poucas literaturas têm uma retaguarda mitológica tão expressiva como a literatura amazonense; poucas literaturas têm o luxo de uma mitologia própria, cujas origens confundem-se com as várias etapas do desenvolvimento da humanidade”.<sup>13</sup> Como exemplo, o próprio Joaquim Branco cita o miniconto “encantamento”:

*a canoa solitária descia de bubuia as águas barrentas do solimões. ao redor de chapéus de palha que flutuavam ao sabor da correnteza, o festim dos botos anunciava o encantamento de duas cunhãs do vilarejo.*<sup>14</sup>

13. Frases pinçadas do meu livro *O conto no Amazonas (Manaus: Valer, 2011, p. 19)*.

14. Obra citada: p. 75.

#### — CADERNO DO ESCRITOR

Falei da árvore e dos frutos maturados. Pouco resta para falar desse fruto novo (novo, mas não verde) que é o livro *Caderno do escritor*, onde Adrino Aragão exercita, de modo ainda mais radical, o conto minimalista, não importa o nome que damos a ele. São 116 contos, mais um bônus sobre o qual falarei mais adiante.

*Espelho meu, disse-me: qual desses dois sou eu?*<sup>15</sup>

15. Obra citada: p. 56.

Uma frase em uma linha, duas orações e nove palavras. Isto é um nanoconto de Adrino Aragão.

Vamos analisá-lo sumariamente. Em cada uma das orações, Adrino recupera alguns séculos de tradições literárias. “Espelho meu” é a clássica fala da madrastra de Branca de Neve, narrativa originária da tradição oral alemã, provavelmente da Idade Média, e compilada pelos irmãos Grimm na primeira metade do século XIX. A segunda frase – qual desses dois sou eu? – é a expressão profunda da figura literária chamada “duplo”, expressa, para melhor entendimento, pela fórmula “eu = outro”. Ao defrontar-se com o espelho e fazer a pergunta, o narrador-personagem remete-nos a Jorge Luis Borges, uma influência confessada na obra de Adrino Aragão. Mas isso é pouco. Há

198 mais de dois mil e duzentos anos, o romano Plauto já brincava com essa figura em *Anfitrião*. Mas não nos alonguemos, isto é apenas uma apresentação, não uma tese.

Alguns contos parecem ser a conclusão de uma narrativa mais longa. Cabe ao leitor montar a história anterior. Um exemplo:

*Há uma dor ácida de profunda solidão por toda a quitinete, desde que ela me deixou. Acordo (acordo?) no meio da noite, não sei que rumo tomar: você não sabe o que é o amor de um velho apaixonado.*<sup>16</sup>

16. Obra citada: p. 18.

Alguns contos não escondem que são poemas, como neste autêntico haicai:

*Trégua na mata:  
o grito do acauã  
esfacela o silêncio.*<sup>17</sup>

17. Obra citada: p. 100.

A metalinguagem é tema recorrente, como demonstrado por Joaquim Branco, na obra de Adrino Aragão. E não poderia ser diferente neste livro, onde vários contos são construídos a partir do tensionamento entre o narrador e a narrativa. Este conto de sete palavras poderia ser inserido na parte inicial deste trabalho, onde tentamos definir o conto enquanto gênero literário:

*O conto não é ponto final: é interrogação.*<sup>18</sup>

18. Obra citada: p. 126.

O bônus a que me referi anteriormente é um conto chamado “Velho Catuxo”, apresentado em três versões. E mais não direi para não estragar a surpresa.

Poderia falar muito mais sobre este pequeno grande livro, que confirma a assertiva de Bachelard: “a miniatura é uma das moradas da grandeza”.<sup>19</sup> Poderia citar exemplos da sensualidade que penetra suavemente vários contos do livro... Poderia falar das personagens do povo, naturalmente anônimas: o homem rico e generoso que foi parar no asilo de velhos desamparados, a menina pobre que deu o golpe do baú, o jogador de futebol vencido pelas drogas, a Nega Cha-

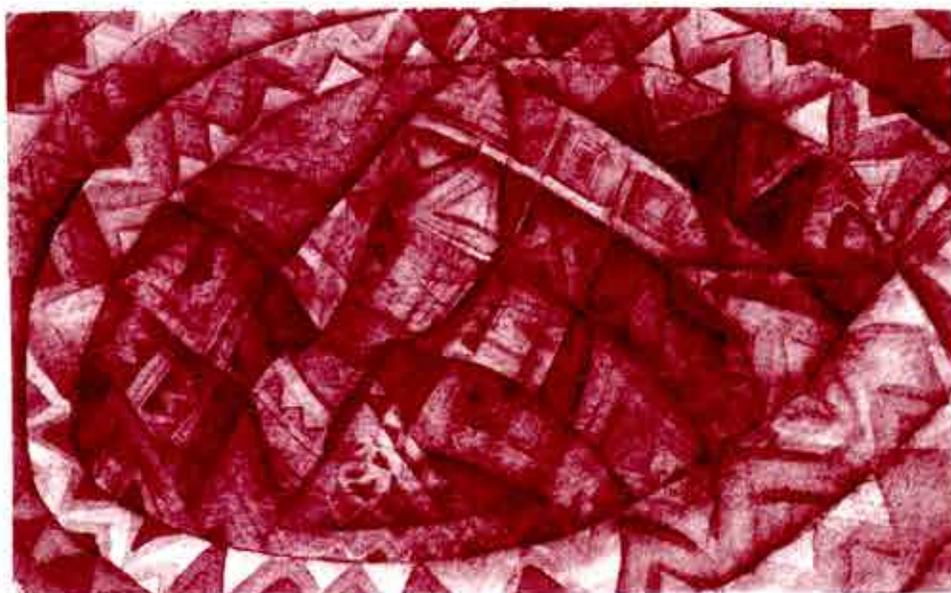
19. A poética do espaço  
(São Paulo: Nova Cultural,  
1988), p. 210.

ruto no céu... Não. Leiam e releiam e descubram esse universo mínimo de Adrino Aragão, contido nesta casca de noz que é o *Caderno do escritor* e vão compreender porque o poeta e pintor Fernando Abritta, que ilustrou o livro, dedicou-lhe estas enigmáticas palavras:

*Adrino escreve como um menino que, munido de uma atiradeira, vai acertando as lâmpadas acesas que iluminam o cotidiano e, ao quebrar essas certezas, faz com que a gente enxergue um pouco melhor.<sup>20</sup>*

20. 4ª capa do livro *Cadernos do escritor*.

Adrino, meu velho, aceite o meu abraço fraterno por mais esta façanha.



## — Palavras sobre o livro *Mulheres* de Almir Diniz

CARMEN NOVOA SILVA

Sr. Presidente em exercício da Academia Amazonense de Letras, Dr. Almir Diniz, Senhores acadêmicos aqui presentes, autoridades, senhores e senhoras convidados a esta solenidade nesta Casa de Letras onde é lançado mais um dos livros do acadêmico e vice-presidente do Silogeu Almir Diniz. O livro pertence a um mundo poético, precipuamente contém sonetos que Josué Montello, da Academia Brasileira de Letras, analisou como de “grande maestria”. As páginas de poetismo tem por título *Mulheres*.

Abro aqui um parêntese para ressaltar ser esta a segunda vez que faço a apresentação de um livro seu: o primeiro foi *O Mercador de Sonhos & Outros Contos*, quando adentrou no universo sedutor do relato breve, no ano de 2001.

Sobre *Mulheres*, Almir inspira-se nas mulheres mitológicas, nas das variadas etnias, na diversidade de seus aspectos exteriores e interiores e até em seu Gênesis.

Sartre bem o afirmava que as palavras são atos. E que uma obra teatral, um ensaio e a poesia comprometidos com a atualidade podem mudar o curso da história do mundo. Ou o curso da história de cada um.

De toda sua sensibilidade, pinço um soneto a representar todos os outros. É o intitulado “Canto de liberdade”, que o poeta classificou como VITRINA (vitrine - no francesismo), ou seja, o que exhibe toda a essência do ser mulher.

Eis a poesia “in memoriam” a Violeta Branca. Mulher de vanguarda, de visão futurística e talento nato, que em 1935 alcançou a

glória de pertencer a esta academia, com seu livro *Ritmos de Inquieta Alegria*. 201

### Canto de Liberdade

*No silêncio do tempo, ouvi teu canto  
como um clarim de luz, de eternidade!  
nos teus versos de plena ansiedade  
há "rithmos inquietos", quase pranto...*

*Meus tímpanos captaram teu acalanto  
êbrio de rebeldia e liberdade  
- coroa a te cingir a mocidade  
de enlevo, de ternura... e até de espanto...*

*Teus poemas havidos de momentos  
sublimados de amor e de tormentos...  
- fragmentos de urdidura liberal... -*

*dão-te poeta, a palma peregrina  
de musa humana, esteta e cerebrina  
a ofuscar sóis com teu halo imortal.*

Tenho uma intuição suprema que após este *Mulheres* e suas múltiplas feições, Almir Diniz propiciará a nós sua continuidade. Quiçá uma trilogia! Em um deles enfocará outras facetas femininas. Apresentará em seus sonetos superlativos denúncias contra todas as formas de abuso e domínio, todas as formas de marginalização e violência, todas as formas de escravidão que ainda no terceiro milênio impedem sua total libertação. No último volume, com minha imaginativa visão, dedicará seus versos ao perfil de grandes mulheres, principalmente as contemporâneas, como Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce, Dr<sup>a</sup> Zilda Arns, a bela artista Audrey Hepburn e a nobre Lady Diana, para citar apenas algumas com seus lutos e lutas. Todas elas dedicadas à causa dos desvalidos da sorte.

Neste momento exorto ao acadêmico Diniz e parafraseando o poeta Drummond, digo: Vai, Almir! Vai ser *guache* na vida! Continua promovendo, com a policromia do lirismo, o gênero feminino!

Não permitas nunca que usem a antiga frase - emblemática de "Louvado sejas Senhor porque não me fizeste mulher".

Frase esta feita bênção e exigida por lei na Palestina Antiga nas glorificações diárias a Deus no templo.

Eleva ao zênite a dignidade feminina nesses três volumes de *Mulheres* que meu particular pensamento antevê. Persiste tecendo fio por fio suas verdades integrais feito túnica inconsútil. Indivisível. Sem costuras. Assim como o era a túnica que vestiu um dia um homem de Nazaré chamado Jesus.

Vai, Almir! Vai ser bênção na vida!

## — O pensamento educacional de Araújo Lima

JOSÉ BRAGA

Coube-me apresentar, em 2005, inaugurando a coleção “Clássicos da Academia” – projeto editorial destinado a resgatar a produção intelectual dos membros desta Casa – o livro *Só a Educação Transforma os Povos*, de Araújo Lima. Tema recorrente pela magnitude e atualidade, faço aqui uma releitura da obra desse admirável pensador que ilustrou a Academia e as letras amazônicas.

José Francisco de Araújo Lima era paraense, nascido na Ilha de Marajó em 1884; faleceu aos 61 anos no Rio de Janeiro. Farmacêutico formado na Bahia, diplomou-se médico no Rio de Janeiro, especializando-se em medicina tropical no Instituto Pasteur, de Paris.

Amazonense por adoção, dedicou-se em Manaus à medicina, à política, à educação. Foi inspetor de ensino e diretor-geral da instrução pública, função equivalente, hoje, ao cargo de secretário de Estado da Educação; professor do Ginásio Amazonense Pedro II e da Universidade Livre de Manaus; prefeito de Manaus e deputado federal, tendo presidido, ocasionalmente, a última sessão da legislatura da República Velha.

Dotado de privilegiada inteligência e notável erudição, Araújo Lima emprestou grande contribuição ao Amazonas, quer no plano político, nos cargos e funções que desempenhou, quer no plano cultural, por meio de valiosa produção intelectual.

Com a Revolução de 30, asilou-se no Peru, onde escreveria *Amazônia – a Terra e o Homem*,<sup>2</sup> um clássico sobre a região, publicado em 1933. Sua grande obra foi prefaciada por Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde), cujas palavras atestam e exaltam a profundidade do pensamento do autor:

1. Edição organizada por Tenório Telles. Manaus: AAL, Ed. Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2005.

2. 5ª edição consultada. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2001.

*Este livro vem abrir, a meu ver, novos horizontes, não apenas à sociologia propriamente amazônica, mas também aos estudos de geografia humana no Brasil. Inspirado nas mais modernas correntes do pensamento, que reagiram contra o naturalismo do século passado, estuda um dos problemas sociais mais cruciantes de nossa nacionalidade, o do Amazonas, com uma largueza de espírito científico ainda muito rara em nossos estudos sociais. [...]*

E, mais adiante:

*Desejo apenas, terminando, acentuar de novo a originalidade, em nosso meio, de uma posição sociológica rigorosamente positiva, de um homem dedicado sempre às ciências naturais, e que entretanto soube reagir contra os preconceitos do naturalismo geográfico e sustentar sempre, com razões e com fatos, a primazia dos fatores psicológicos e morais na formação histórico-social da região mais curiosa e mais misteriosa do Brasil. O que o Senhor Araújo Lima fez, magnificamente, com a Amazônia, outros o farão com outras regiões da nacionalidade. E assim teremos dado um grande passo para repor os estudos sociais brasileiros na verdadeira hierarquia científica dos valores.*

Com esse mesmo espírito de observação científica, Araújo Lima debruça-se sobre a questão nacional da educação e o faz analisando, criticando e propondo soluções que respondam aos anseios e necessidades da Amazônia, onde realizou seu aprendizado de vida, e do país, atento às suas identidades, singularidades regionais e diferenças. Para que se possa compreender melhor o valor de sua obra *Só a Educação Transforma os Povos*, objeto destas reflexões, considero importante tecer algumas considerações acerca do contexto histórico em que ela se insere.

A partir da segunda metade do século XIX, tanto na Europa como na América do Norte, por exigências da Revolução Industrial e, conseqüentemente, do mercado de trabalho que requisitava dos trabalhadores um mínimo de qualificação, implantava-se o ensino público e universal às expensas do erário. No Brasil, a Revolução de 1930 de-

terminaria a formulação dessa nova demanda, modificando o papel do Estado nesse processo. 205

Até a década de 30, apesar das pressões sociais e dos movimentos educacionais – criação, em 1924, da Associação Brasileira de Educação; e do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional, em 1932 – o governo se ressentia de qualquer interesse pelo ensino público, universal e gratuito.

Precisamente nesse momento, diante da pressão da sociedade, dos educadores e do processo de industrialização iniciado no país, o governo dá os primeiros passos naquela direção. Para isso, cria o Ministério da Educação e Saúde Pública, à frente o ministro Francisco Campos, empreendendo entre 1931 e 1932 uma série de reformas com a criação do Conselho Nacional de Educação e a centralização das normas regulamentadoras do ensino para todo o território nacional.

É nesse contexto, no auge das discussões sobre a reforma educativa e do Manifesto, que Araújo Lima escreve, em dezembro de 1932, *Só a Educação Transforma os Povos*.

A familiaridade com a cátedra e o exercício de importantes funções públicas no âmbito educacional – quando traçou o plano geral do ensino público no Amazonas, corporificado na Lei Estadual nº 984, de 14 de outubro de 1918 – o instigam ao aprofundamento do estudo e debate das questões do ensino, que então afloravam em âmbito nacional.

Publicada em 1933, a obra reflete o pensamento crítico de Araújo Lima em relação à problemática educacional, considerada por ele “uma questão de ‘vida ou de morte’ para a nacionalidade”. Com essa consciência, diz ao descerrar a sua obra: “Ou o país transforma-se pela educação do seu povo ou persiste na condição atual, em que só uma minoria reduzida se beneficia, enquanto as populações mais caracteristicamente brasileiras jazem na estagnação e na rotina, sem educação nem saúde retardadas pelo atraso mental e rebaixadas pela incapacidade física”.

Retratando com fidelidade a situação do ensino naquele momento histórico, os problemas e as preocupações com as novas demandas que então pressionam os rumos do processo educativo, o livro aponta as causas da não propagação do ensino primário no Brasil, delinea

206 um plano para a sua difusão de modo mais rápido e eficaz e tece considerações de ordem científica e prática sobre a gravidade e complexidade do problema.

Ressaltando o histórico descaço dos governantes em matéria de instrução, Araújo Lima aponta algumas causas morais e materiais desse descompasso com o tempo e considera como a causa das causas “a inconsciência em que lamentavelmente jaz a mentalidade culta, opinante e dirigente do país, no que tange à magnitude, à relevância, à premência da solução do problema educativo”. Como as mais fortes e mais visíveis causas materiais, destaca a incapacidade orçamentária dos Estados, a imensa extensão territorial e a rarefação demográfica.

Para difundir o ensino primário, postula uma reforma do pensamento que leve ao desenvolvimento de uma consciência educativa capaz de compreender a magnitude, o valor e necessidade da educação e o dever de desenvolvê-la no sentido da transformação social da nação. Considera necessário fazer uma coligação de homens e corporações, de vontades e ações propagadoras dos ideais educativos em todas as direções do país, dirigidas às altas autoridades federais, aos Estados, aos municípios, aos partidos políticos, às associações de classe e a todas as corporações associativas; indispensável e imperioso, ainda, preparar a mentalidade educativa para tornar nacional a causa da educação junto à Constituinte a fim de acabar com o flagelo da ignorância.

Do ponto de vista dos recursos materiais necessários à implementação do ensino, o autor enfatiza a necessidade de aportes financeiros federais, estaduais e municipais, além de donativos e legados particulares. A participação financeira da União, seja de suas rendas ordinárias ou de taxações especiais – tributação dos vícios, por exemplo – faz-se indispensável para tornar a administração do ensino um serviço nacional.

Na indicação de caminhos para a melhoria do ensino primário, Araújo Lima socorre-se de sua vivência amazônica, ressaltando que os problemas da instrução no interior do país não podem ser resolvidos por fórmulas urbanas. Assim, adverte e proclama: “Faz-se mister conhecer a vida rural e sertaneja para lhe tentar uma solução

satisfatória. A assistência educativa só pode ser prestada com a penetração dos sertões; e o plano de sua ação, traçado por quem conheça geográfica e socialmente o país [...] Façamos a penetração do Brasil por meio de missões civilizadoras, que levem a instrução, a educação, o progresso aos brasileiros que não podem vir haurir a civilização onde ela já existe no país”.

Nesse sentido, sugere a instituição de grandes internatos escolares nos moldes dos patronatos e colégios agrônômicos, onde fossem acolhidas crianças de oito a 15 anos, e o ensino itinerante que se deslocaria em função do fluxo e refluxo das populações.

O pensamento de Araújo Lima, fruto de sua vivência e extraordinária capacidade de observação e crítica, revela uma visão avançada da educação, capaz de nos pôr na modernidade em condições de igualdade com o mundo lá fora.

Se compararmos os fatos e as preocupações de ontem e de hoje sobre a problemática da educação brasileira, veremos que, a despeito do progresso alcançado ao longo de décadas de experiências e lutas, muitas questões suscitadas pelo autor continuam sem resposta, brados sem eco na vida nacional.

Como o aspecto essencial da educação é o ser projeto, hoje como ontem a sociedade reclama e busca novos meios e formas de encaminhar essa questão, pois, ao lado da conquista de maior abrangência de escolarização, da democratização do ensino, de significativos avanços tecnológicos, não conseguimos ainda construir uma ordem social mais justa e solidária. Ao lado de tantas incertezas e descrença no processo educativo, não podemos esquecer o papel da educação na dignificação das pessoas, dos povos e das nações. Por isso, a crise da educação, no passado como no presente, deve ser vista como uma necessidade de transformar as dificuldades em possibilidades, passando da cultura da queixa para a cultura da transformação - essência e síntese do pensamento e obra de Araújo Lima.

## — Algumas palavras sobre a poesia de Almir Diniz

SARAH RODRIGUES<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Membro da Academia  
Paraense de Letras

A poesia de Almir Diniz é indescritível e maravilhosa. Ela é pintura, é música, é eloquência. Pintura pela riqueza de imagens e coloridos. Música pelo ritmo embalador de seus versos, eloquência pelo poder verbal, pelo uso de metáforas e jogo de palavras com que versa os variados assuntos de sua inspiração. Ela fascina e comove, empolga e deslumbra ao mesmo tempo, tal for à emoção que transmita na onda embaladora de sua eterna magia.

Dentre tantos presentes que recebi do amigo Jorge Tufic, o maior deles foi conhecer Dr. Almir Diniz (de Carvalho), jornalista ilustre, advogado, poeta maior, entalhador e prosador, dos bons. Membro efetivo e perpétuo da Academia Amazonense de Letras, onde atualmente exerce o cargo de Vice-Presidente; membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, membro da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, bem como membro da Academia Gurupiense de Letras (Tocantins); do Clube dos Escritores Piracicaba (São Paulo); Taba Cultural do Rio de Janeiro; da Academia Amazonense de Poesia, da Academia Amazonense de História e da Associação dos Escritores do Amazonas. Conquistou prêmios de grande importância por todo território Nacional, dentre eles: Prêmio Esso de Reportagem (norte-nordeste 1956); Prêmio Esso de Reportagem (Menção Honrosa) 1957; Prêmio Nacional Literário Benedito Rodrigues do Nascimento, concedido pela sociedade de Cultura Latina do Brasil e em 2002 (1º e 2º lugares com livros *Império das Águas* e *Corações em Chamas*).

Mas a força maior do astro do poeta amazonense provém de sua brasilidade. Essa condição lhe confere a prerrogativa de universalidade que decorre do particularismo das emoções intensas, apenas

possíveis quando o artista vibra diretamente ligado ao seu próprio meio, sob o império das sensações e impressões, em face da natureza exterior e das condições específicas do seu mundo interior. Pois, quanto mais o artista traduz o que há nele, em particular, mais ganha à amplitude humana e, quanto mais exprime o nacional, mais ganha nele o universal. 209

Almir Diniz é um dos escritores brasileiros de sua geração, que também vive os encantos da nossa Amazônia, o exotismo dos nossos sabores, a magia dos nossos cheiros, e fala em versos, com maestria, da beleza e sensualidade da mulher, principalmente da cabocla da selva, que na selva sonha. É da Amazônia, Filho do Norte, em seu soneto “O rio como símbolo do amor”, começa logo dizendo:

*O rio vai correndo, calmamente,  
em mansietude tal... – se só desliza... –  
nem treme, quando a aurora traz a brisa,  
nem freme, com a aragem do nascente.*

*O rio vai correndo, calmamente,  
em mansietude tal... – se só desliza... –  
nem treme, quando a aurora traz a brisa,  
nem freme, com a aragem do nascente.*

*E assim segue, montado na corrente  
e nesse cavalgar terno motiva  
muitos sonhos de vida, e sintetiza  
a glória de viver, serenamente.*

*Mas de repente, o vento um ramo embala  
e uma pétala-símbolo resvala  
e voa e cai no rio, sem rumor.*

*E nesse simbolismo transparente  
essa asa de flor beija, suavemente,  
o rio que, beijado gera amor.*

- 210 “Durante a piracema” (poema) o poeta faz arte com displicência. Gostaria de dormir entre suas imagens como quem se entregasse a Deus para uma sessão de psicanálise:

*Surgiu como um clarão rasgando a noite,  
talvez fação de sol na escuridão,  
imitando o luar.*

*A luz dos olhos tinha tal fulgor  
que, de repente, o rude pescador  
sentiu-se fraquejar.*

*Iam à pesca. Vinha a piracema  
em frisos sucessivos ondeando  
a paz do paraná.*

*O caboclo, na frente, advertia:  
- Ande logo, mulher, já raia o dia,  
 hora de pescar.*

*Da dobra do barranco pesquisava  
os sinais do cardume prateando  
a crespia maresia.*

*Em silêncio a parceira ia chamar  
mas a mão vacilou, tremeu no ar,  
s sussurrou: Maria...*

*A aura fendeu a linha do horizonte  
com lâminas de sol - raiava o dia -*

*foi tudo tão sutil...  
Silêncio, por favor! Não vede  
que o céu, o rio, a grama... tudo  verde,  
e o cardume partiu?*

*Tarrafa e landu, a cesta, o sonho  
de especial colheita, tudo jaz  
em clima de magia.*

*O pescador se rende ao novo lume  
e esquecido da pesca haure o perfume  
dos lábios da Maria.*

(Cambixe, janeiro de 2008)

Em “Tapera solitária” nota-se um sensualismo distante, fino, quase impercepto:

*De repente a floresta se autoinclina  
na busca do desvão, chamando o rio  
que lá na várzea impera!  
A vareda serpeia, vai, procura  
um plano no barranco que segura  
uma única tapera.*

*É de taipa e sapé, buçu e argila,  
de natural e agreste arquitetura  
que o sol dourado inflama  
de amor e luz... E ao império da manhã  
no conchego da choça um cunhã,  
em cantos se derrama.*

*No entorno do chalé nativas flores  
dizem das mãos que se tratam com ternura  
finas mãos de mulher;  
da janela discreta pendem tiras  
cortinas trabalhadas com enviras  
e com muito prazer.*

*O vento sopra e tange o cortinado  
invadindo o aposento pobre e belo  
com nativo zum... zum...;  
pelas frestas ousadas da cortina  
vê-se um corpo desnudo, ou se imagina  
na rede tucum.*

*A espanejar delírios solitários  
a moça espanta o sono e o adulto sonho  
- sonho de mulher -;  
e em delíquio, fascínio passageiro,  
abraça-se, sorrindo, ao travesseiro  
no desejo de ser.*

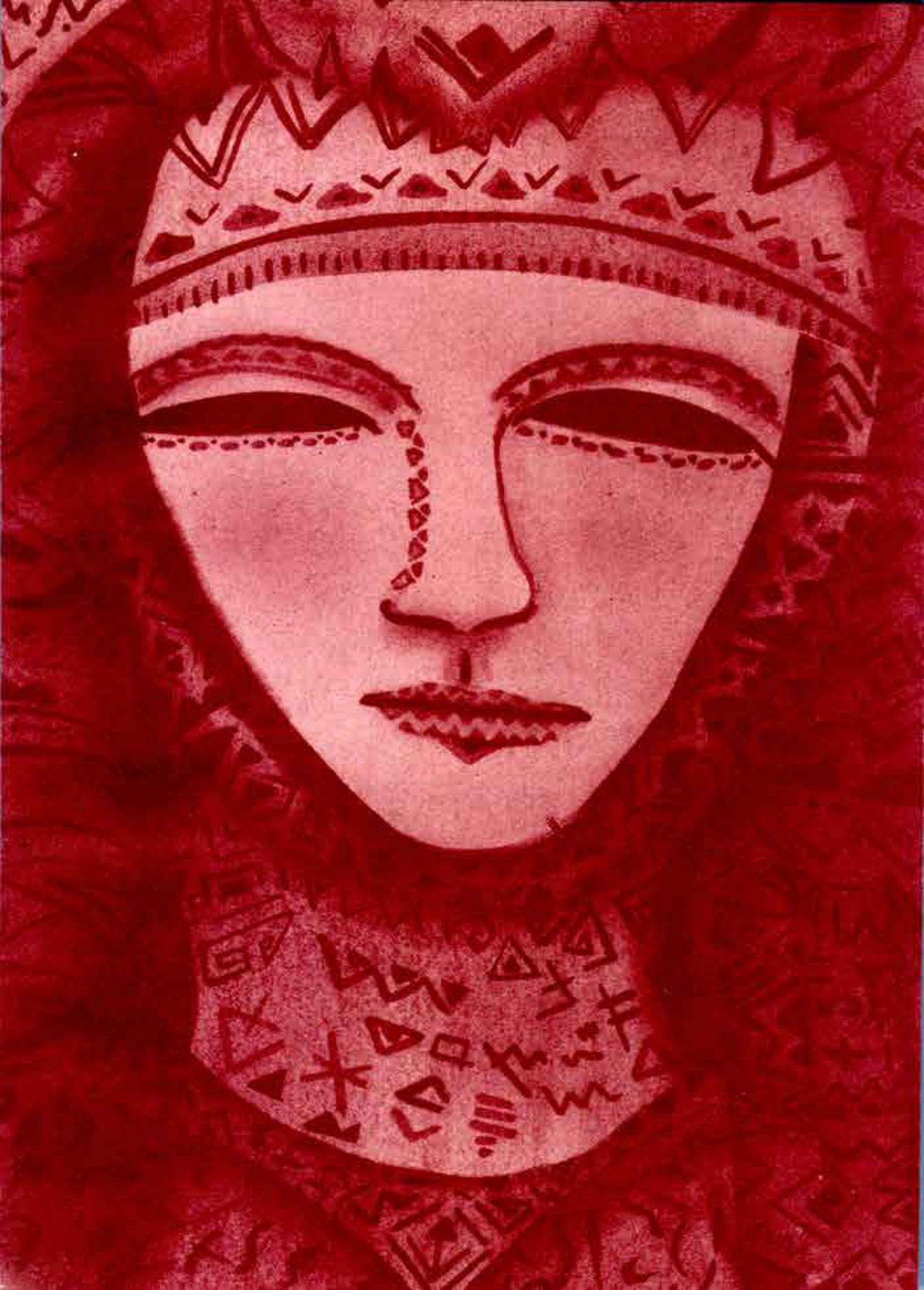
(Poema "Tapera solitária", autor: Almir Diniz/  
Interior Amazônico/BR-174, em 20/4/2003)

Como dizia Ramayana de Chevalier:

*os poetas são os mais jovens irmãos da Morte, Vivem na Morte. O mistério do Amor lhes traz o alfabeto dos códigos secretos e os tornam sensíveis às penetrações no limbo. Não interessam as formas, nem as concreções. O pensamento se alça sobre os abismos, procurando seivas e decifrações. As Horas bailam o desejo de sílfides. Ninguém exprime o que sente, sem talento, só o talento é a chave das grandes interpretações humanas.*

Almir Diniz ama o mundo, vibra e nos faz vibrar com as emoções despertas, como as flores mais sensíveis do JARDIM DE MINHA MÃE.

Que, ainda, possamos navegar por muitos e muitos anos na poesia de Almir Diniz, na sua essência, no poder divino, na tendência dessa arte e desse talento penetrante e mágico. Naveguemos sentindo as nossas águas pretas, nossas águas barrentas, nosso Amazonas de águas caudalosas em suas braçadas de amor e de dor na alma desse grande poeta.





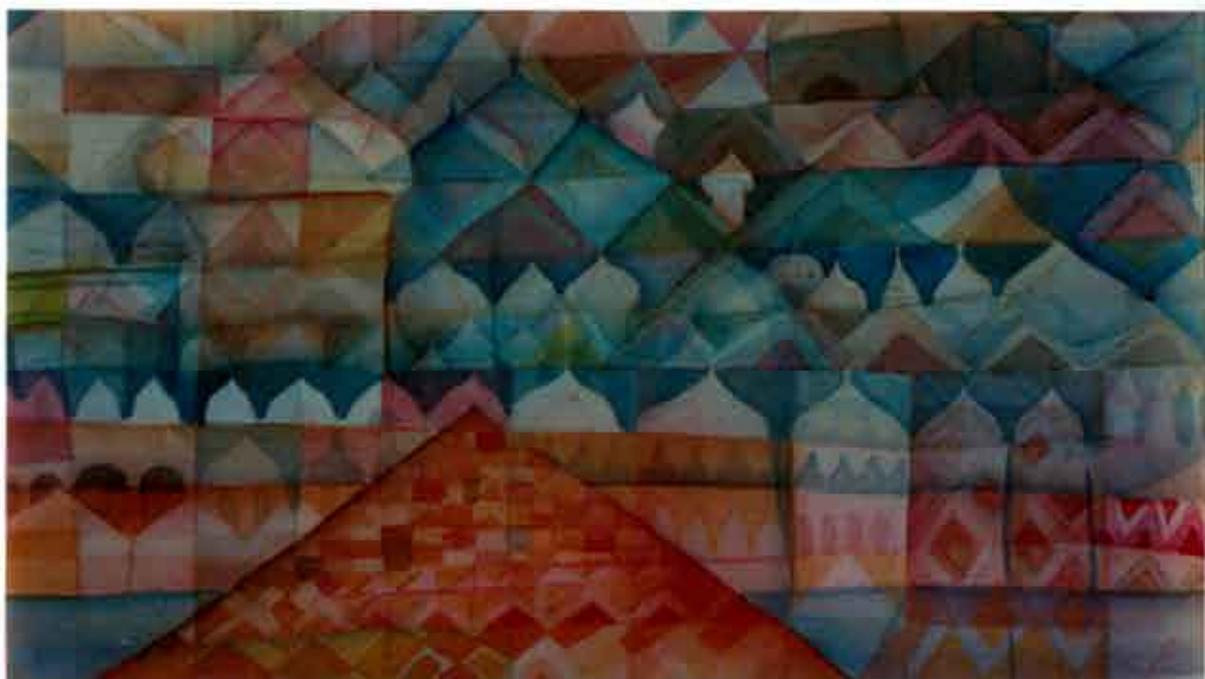


— *Babilônia não foi destruída da noite para o dia* [aquarela]. Otoni Mesquita, 2001 · Ace





— *Passagens e portais* [acrílica]. Otoni Mesquita, 2008 • Acervo do artista



— *Sonhos de Oriente* [aquarela]. Otoni Mesquita, 1996 • Coleção particular

revista de

# AAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS }

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua Revista, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

MARCUS BARROS



AMAZONAS  
UNIVERSIDADE DO ESTADO

MANAUS